

ENSAIO

ACADEMIA JOINVILENSE DE LETRAS

ENSAIO
Vol. 2 – Nº 1

1ª. edição
Milton Maciel
JOINVILLE
2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados para catalogação na Publicação (CIP)

L154o Letras, Academia Joinvilense, 1969

ENSAIO – Vol 2 No. 1

Associação Joinvilense de Letras

Joinville, Milton Maciel, 2016-09-04

224 pg : 21 cm

ISBN 978-85-908782-3-2

1. Literatura 2. Coletânea 3. Publicação
4 – Romance 5. Conto. 6. Crônica 7. Ensaio

Letras, Academia Joinvilense I Título

CDU 33-39

CDD-330.2

Para

Lucinda Clarita Boehm – *in memoriam*

Apresentação

ENSAIO é a voz da Academia Joinvilense de Letras, comunicando-se por escrito com leitores de todo o mundo lusófono. Em suas páginas, periodicamente, seus acadêmicos mostrarão trechos importantes de sua produção literária.

Aqui teremos uma agradável mistura de ficção e não-ficção: romance, conto, poesia, crônica, ensaio, memória, biografia.

Nesta e nas edições subsequentes, revezar-se-ão vários acadêmicos, sempre com a preocupação de proporcionar leituras acessíveis e agradáveis aos leitores em geral, evitando os laivos de ‘academicismo’ e os estilos pomposos, herméticos ou gongóricos.

Como diz nosso lema – *Domus amica, domus optima = a casa amiga é a casa ótima* – queremos que o leitor se sinta em casa com nossa publicação e que ENSAIO possa ser uma extensão literária amiga de seu próprio lar.

Joinville, novembro de 2017
Milton Maciel - Presidente

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	6
David Gonçalves – <i>Chiquinho Preto e o colecionador de rabos – Leonardo, Bem-vinda e a solidão</i>	
II	
Maria Cristina Dias – <i>Lusos em Joinville</i>	37
Rodrigo Bornholdt – <i>O universo irrequieto de Caio Fernando Abreu</i>	53
Salustiano de Souza – <i>A escala do Batur</i>	65
Milton Maciel – <i>A guerra de Jacques</i>	77
Carlos Aduino Vieira – <i>Memórias dos cárceres do Sul</i>	109
Wilson Gelbcke – <i>Esses duendes tão míopes</i>	125
Jura Arruda – <i>Móin-Móin na beira do rio e Sobre Demônios e borboletas</i>	141
Marcelo Harger – <i>O Amar é construir – Amor moderno</i>	157
Marcelo Lufiego – <i>Os sete elementos</i>	171
Ronald Fiúza – <i>Quem é você</i>	187
Else Sant’Anna Brum – <i>A margarida lilás – Colita</i>	199



DAVID GONÇALVES

DAVID GONÇALVES [1952] nasceu em Jandaia do Sul, PR, e desde 1974 reside em SC. Professor universitário e consultor de empresas, ministra cursos e palestras sobre literatura, comunicação, liderança e marketing. Filho de pequenos agricultores, conviveu com os trabalhadores rurais e, dessa convivência, mantida até hoje, extrai a sua força literária. O seu primeiro livro [1972], *As flores que o chapadão não deu*, foi recolhido pelo regime militar e permaneceu 16 anos na gaveta. Atualmente, tem sucessivas edições.

Recebeu o prêmio OTHON GAMA D'EÇA, 2008, da academia Catarinense de Letras, pelo conjunto de suas obras. Segundo Gilberto Mendonça Teles, da PUC-RJ, “No panorama da literatura brasileira, a obra de David Gonçalves ocupa lugar especial e de relevo; é uma das mais importantes da atual ficção, estando no mesmo nível de escritores consagrados.”

Recentemente, publicou cinco histórias infantojuvenis: **A vaca no quarto andar**, **A mulher barbada**, **Adorável Margarida**, **Sapatos de capim** e **Por seus olhos**. A Literatura tem sido seu ideal valioso desde a infância.

A crítica literária considera **O SOL DOS TRÓPICOS** (romance), **GERAÇÃO VIVA** (contos) e **SANGUE VERDE** (romance) os pontos fortes de sua obra. Neste ano de 2017 lançou o romance **PÉS-VERMELHOS**.

Diversas teses de mestrado e doutorado já foram realizadas sobre sua obra, em especial *Geração viva*, *O sol dos trópicos* e *Sangue verde*. Em 2015, o ensaísta e poeta José Fernandes publicou um livro – **A arte de narrar de David Gonçalves** – no qual examina os contos e romances do autor num panorama completo.

DAVID GONÇALVES tem como princípio não participar de concursos literários.

CHIQUINHO PRETO E O COLECIONADOR DE RABOS SECOS

Chiquinho Preto ria muito, tanto ria que babava, os fios da baba escorrendo pelo queixo pontudo com rala barba. Por qualquer coisa, ria. Para ele, o mundo se mostrava alegre. O povo da cidade já se acostumara com as risadas desabridas. Achava graça até nos velórios e era severamente corrigido. Ria, ria e ria. Até quando dormia. Sonhava e ria, olhos rasos de bondade.

– Por que ri tanto, idiota? – perguntavam.

Ria mais ainda. Ninguém sabia do que ele ria. O idiota se desmanchava em gargalhadas. Ria do quê? Das pessoas, do mundo, dos bichos, dos redemoinhos frequentes no meio da rua, do vento, da própria sombra? Ria até mesmo quando sentia dor. A baba se misturava com o riso. Uma nojeira.

De manhã, lá vinha Chiquinho Preto perambulando e rindo. No armazém, ficava ouvindo as histórias dos homens. Caçadas de onça, de queixadas, de macacos, de jiboias. Estalava os olhos como se visse cobras gigantes. Sem entender, ria. E logo começava a babar. Ficava de olhos vidrados quando alguém saboreava pão com mortadela. Os piedosos davam-lhe pedaços rasgados com as mãos. Nos bares, os malfeitores queriam forçá-lo a beber. Mas ele não bebia. Mulheres caridosas davam-lhe pratos cheios de arroz e feijão. Ria mais, agradecido, quando com ovos estalados.

Acompanhava-o uma cadela amarela. Não o largava. Estirava-se aos pés de Chiquinho e parecia rir também. Ria com o rabo e também com os dentes, feito gente. A escassa comida que conseguia dividia-a com a cadela. Se entrava na igreja, a cadela também. As pessoas más espancavam-na com chutes e pedradas e esconjuros e risos sádicos, torpes. Chiquinho saía da igreja rindo, gritando:

– Bisteca vai pro céu! Bisteca vai pro céu!

Bisteca, para se proteger, enrolava-se em suas pernas, e ambos ficavam dando volta ao redor da igreja, até o término da missa. Mais de uma vez, padre Salvino interpelara os fiéis tentando protegê-lo. Chiquinho e sua cadela eram criaturas de Deus, que preferia os mais simples em detrimento dos ricos vaidosos.

Era frequentemente objeto de gozação e tortura pelos moleques e rapazes. Puxavam-no pelas calças, imitavam-no, pregavam-lhe peças, torturavam-no, diziam-lhe palavras sujas.

– Já viu xoxota de mulher, Chiquinho?

Ele continuava rindo e babando.

– Você já tem pelos no saco? Ah, todo mundo acha que você é viado! É mesmo! Nem barba tem!

Ele ria e babava.

– A Rosa Gorducha diz que aceita dormir com você. Ela tem uma xoxota cabeluda, feito aranha. Ela vai te devorar, Chiquinho!

Ele continuava rindo e babando.

– Mostre suas mãos, Chiquinho! Vixê, estão cheias de cabelos. Quantas bronhas você está batendo por dia? Ou você gosta de homem?

O sétimo filho do meeiro Jacó, o nordestino fugitivo da seca. De sol a sol, ocupava-se do sítio de café, na gleba Humaitá, nem sabia por onde andava o filho babão. Deus o castigara quando lhe dera um filho idiota. Por dentro, roía-lhe o martírio por ter, lá em Pernambuco, esfaqueado um bêbado e tirado a vida. Sim, só podia ser castigo. Seis filhos com saúde e, por final, o idiota... Sim, era a maldição. Tinha que carregar o fardo. Havia como corrigi-lo? Espancá-lo para fazê-lo homem decente? Já o espancara por diversas vezes. Jacó nem aparecia no povoado. Sentia vergonha. Sabiam que o traste era seu filho. Não queria ser chamado de pai babão. Mandava o filho mais velho fazer as compras ou vender os cereais. Por ter tirado a

vida de um bêbado, viera a provação. Teria que conviver com o filho idiota até o fim de seus dias...

– Confesse, home de Deus! Fale com o padre Salvino... Ele sempre passa na estrada com a sua carroça barulhenta – ordenava-lhe a esposa Severina, mirando-o como se ele fosse parte do demônio.

– Não confio em quem veste saia! – respondia brusco. – Olha o que ele fez com a Madalena!

– Não fale assim dele. Ela que encorpou o demônio. Ele é um santo! Que culpa ele tem se colocaram o diabo vestido de saia pra cuidar dele?

– Um santo não faz coisas do arco da velha! A alma de Madalena anda assustando toda gente noite adentro.

Jamais confessaria os seus pecados a um homem enfiado numa batina. Estava disposto à provação.

2

Três homens estavam sentados na frente do armazém defronte da farmácia de Damaso, a Farmácia do Povo. Na rua de sol escaldante, vinham Chiquinho Preto e Bisteca, sua cadela amarela, à procura de sombra. Na frente do armazém, pararam indecisos, mas como viram fregueses acotovelados no balcão de madeira ensebada, resolveram entrar. Ambos estavam sedentos e famintos. O sorriso estampado nas faces negras misturava-se com a baba ressecada.

Os três homens sentados na frente do armazém começaram a rir. No interior do armazém, na penumbra, os fregueses gastavam as horas. Rodoão já se achava bêbado. Desde cedo abancara-se ali e, de vez em quando, pedia grosseiramente mais um copo de cachaça, que bebia vorazmente. Esbanjava vaidade e ignorância. Era filho do fazendeiro Abdias, dono de uma gleba de boa aguada e imenso cafezal. Por ser rico, mostrava-se soberbo, cheio de razão e, por qualquer discórdia, estava disposto a surrar alguém de relho ou

com a bainha de um facão. Rapaz ambicioso, cruel e destemido, todos os respeitavam, evitando-o, ou concordando.

Chiquinho Preto se juntou aos homens que ali estavam, à espera de um pedaço de pão com linguiça. Olhões arregalados, esfomeados – a cadela amarela sentada de lado, também à espera de um bocado. Mas ninguém lhe deu importância. Logo, então, a baba começou a escorrer-lhe pelo queixo pontudo. Maneca, o proprietário, sentiu o coração amolecer e jogou um pão dormido sobre o balcão.

– Toma! E se vá! Não quero nenhum babão aqui.

Quando Chiquinho Preto, sempre rindo, estendeu a mão para pegar o pão, Rodoão desceu com toda a força a bainha do facão sobre o balcão, quase sobre os dedos de Chiquinho, que se encolheu, assustado..

– Primeiro, seu nojento, tem que beber cachaça. Depois, o pão.

Mas Chiquinho não bebia. Ficou rindo do estalo da bainha do facão sobre a madeira. Ria e babava.

– Seu idiota! Tem que beber. Maneca, traz um copo de aguardente. Se não beber, não come!

Chiquinho ria e babava. O cachorro recuara num canto e rosnava. Maneca veio socorrer-lhe:

– Deixe disso, Rodoão. É um negro desmiolado, só sabe rir. Nunca tomou cachaça. Deixe ele pegar o pão e sumir por aquela porta.

Rodoão desceu sobre o balcão a bainha de couro produzindo um estalo maior, como se fosse de um tiro.

– Não se meta, Maneca. Tem que fazer o que eu digo. Não sou nenhum moleque. Dei minha palavra. Está aqui. Pegue o copo, seu idiota!

– Ele não sabe o que faz – voltou à carga Maneca e, dirigindo-se ao Chiquinho: Vá, volte depois, eu dou outro pão.

Chiquinho saiu do armazém e começou a andar na rua empoeirada, para lá e para cá, como se rodopiasse, sempre

rindo e babando, a cadela atrás, até que se cansou e ficou observando o seu dono.

– Não gosto que me contrarie, Maneca. Tenho palavra. Embainhou o facão.

– Isso não vai ficar assim – e mirava, enraivecido, o dono do armazém, que se afastara e, precavido, agarrara um porrete de peroba que estava numa espécie de gavetão, à espera de algum contratempo.

– Ora, se quer beber, beba, mas aqui não é lugar de encrenca. Com licença, tenho que atender os fregueses.

Rodoão se acalmou. Estava carrancudo, as orelhas vermelhas, o rosto esverdinado. Curtia o rancor, enquanto se encharcava de álcool. Haveria de vingar-se. Não era moleque. Jamais seu nome seria enlameado. Logo por quem? Um idiota.

3

Damaso saiu à porta da farmácia. O ar quente da rua bafejou seu rosto e a poeira vermelha cobriu seu guarda-pó branco. Ao sentir o bafo quente, virou a cabeça. Ouviu-se, no alpendre de sua casa, que ficava atrás do estabelecimento, um som de passos arrastados. Devia ser a empregada que esfregava, descalça, o assoalho com uma vassoura de guanxuma. Em seguida, entrou na farmácia um homem curvo, de macacão, descalço, cabeleira queimada pelo sol, opaca e imunda, com pálidos olhos coléricos, barba encaracolada curta e suja, cor de ouro encardido. Em seguida, ouviu o empregado lhe chamando, mas, antes que atendesse ao chamado, ainda mirou Chiquinho Preto dando voltas no meio da rua, enquanto a cadela o observava, sentada sobre as patas traseiras.

– Santo Deus! O que um idiota desses pensa? – murmurou e passou pelo balcão para atender o freguês que chegara.

Por trás do balcão, Damaso via Chiquinho Preto dando voltas, como um cão tentando pegar o próprio rabo, os pés

produzindo na terra solta um ruído sussurrante e metódico. Movia-se como uma mula quando caminha na areia, num bamboleio arrastado, sem esforço aparente, mas embrutecido, os pés nus silvando ao esguichar a terra esfarinhada para trás, a cada nova passada. Mais uma vez, Damaso resmungou: “O que pensa esse negro idiota? Debaixo de um sol escaldante, a girar feito barata tonta...”

Os três homens sentados no banco à porta do armazém observavam Chiquinho Preto e dele faziam comentários maldosos. Juntou-se a eles Rodoão, visivelmente embriagado, sentando-se derreado. Estava nervoso, disposto a fazer algo que o compensasse. Até um idiota não lhe obedecia... Sim, um idiota ria de suas ordens. O que diriam as pessoas quando soubessem? Era um pamonha, um fracote, um galo garnisé.

O rosto enrugara-se, esverdinhado; parecia pálida máscara sob o chapéu de feltro mal equilibrado. Mirava ferozmente Chiquinho Preto rindo, resmungando, babando, e a raiva caía sobre a cadela amarela, sentada sobre as patas, numa sombra esquelética. Raça desnaturada que acompanhava bêbados e andarilhos vadios.

– Por que negros não têm rabo? Sim, como os macacos!

A voz pastosa de bêbado. Naquele dia, não comera ainda. O estômago grudara às costelas e a bÍlis azedara.

– Por que não nasciam com rabo?

Tinha os olhos injetados, as narinas pareciam de cera. Com dificuldade, enfiando a mão no bolso da calça, encontrou um cigarro. Esfregou-o, torceu-o e enfiou-o à boca, acendendo o fósforo no solado da bota.

– Por que já não nascem com o rabo? – voltou a dizer, comprimindo os lábios, soltando a fumaça aos poucos no ar abafado da tarde. – Por que não viro esse idiota pelo avesso como uma manga de paletó?

Resmungava. Os três homens sentados no banco sentiam o cheiro azedo da cachaça que exalava de sua boca.

Não lhe davam atenção; fixavam-se na figura tétrica de Chiquinho rodopiando em círculo como um cão caçando o próprio rabo.

Na tarde, uma carroça barulhenta e sacolejante se aproximava pela estrada e entrava no povoado. Todos olharam para ver quem vinha dentro. Era um pobre sitiante que vinha efetuar compras no armazém. Rodoão desembainhou o facão e começou a amolá-lo numa pedra pontiaguda. A raiva caía sobre a cadela. Desnaturada, também idiota. Procriava como minhocas.

– Por que essa vira-lata tem rabo tão comprido? Não serve pra nada. Só atrapalha. Não sabe caçar, não sabe vigiar, não sabe ladrar. Esse rabo só serve pra espantar moscas e ficar balançando pra cá e pra lá. Negros deviam nascer com rabo comprido assim. Maldito o dia em que os macacos se puseram de pé e perderam o rabo. Alguém cortou-lhes o rabo e aí estão, emporcalhando o mundo.

Rodoão colecionava rabos secos de cachorro pendurados no varal no rancho dos arreios. Quando recebia visitas na propriedade nas tardes de domingo, após o jogo de malha ou de truco, mostrava com orgulho o varal de rabos secos de cachorros. Designava cada rabo pelo nome do dono, preciso, como se tivessem etiquetas.

– Esse é Raimundinho, que mora na gleba Marumbi. Esse outro é Mangabinha, é lá do Humaitá. Este daqui é de um mendigo andarilho. Cortei quando passou por aqui pedindo comida. Ficou assustado, nunca mais apareceu. Esse outro é do Pacová, que estava podre de bêbado e nem percebeu quando terei o rabo da cadela dele. Ele pensa até hoje que foi cortado por uma roda de carroça.

Num lance rápido, pulou sobre Bisteca e segurou-a como se segurasse um boi no meio da pastaria. Com a mão esquerda, segurou o rabo da cadela e, com a direita, levantou o facão afiado e, num lance só, cortou o rabo, da mesma forma

que cortava um pequeno arbusto. Em seguida, soltou-a. Livre, a cadela disparou rua afora, até encontrar-se distante, e começou a uivar desesperada. Os uivos cortantes se faziam ouvir a quilômetro. No meio da poeira fofa da rua, começou a pular, saracoteando, sempre latindo e lambendo o coto sangrento do rabo. Rodoão ria torto, o rosto esverdinhado. Depois de limpar o facão, embainhou-o, e começou a girar o rabo cortado, espalhando gotículas de sangue quente, enquanto mirava a cadela que, ao longe, dava voltas e voltas na poeira fofa da rua.

– Se esse maldito negro tivesse rabo, eu já teria cortado – falava abertamente, fuzilando com os olhos injetados Chiquinho Preto que, sem saber direito, o que tinha acontecido, e por que a cadela uivava daquela maneira, continuava rindo e babando.

Juntara, de repente, uma pequena multidão – moleques, mulheres, homens desocupados. E falavam, e riam, e alguns se enjoavam, enquanto Rodoão contava suas proezas e se vangloriava da coleção de rabos cortados que mantinha dependurada no varal no rancho dos arreios. Quem duvidasse, que chegasse até sua propriedade para espiar. E mais ainda: um rabo não era de cachorro, era de onça parda.

– Ninguém fará nada? – observou Maria Alegre, enquanto se dirigia à farmácia de Damaso. – Está com o diabo no corpo.

Chiquinho Preto, enfim, compreendera o que tinha acontecido, e saiu correndo em direção de Bisteca, tropeçando, como doido.

– Deus vai castigá, Deus vai castigá – gemia Chiquinho Preto enquanto corria na direção da cadela.

– Ninguém fará nada? – voltou a dizer Maria Alegre, consternada, mirando de forma desafiadora, o riso frouxo daquela gente.

Ninguém fez nada. Que importância tinha uma cadela sem rabo? Que importância tinha um idiota?

– Se os negros tivessem rabo... Eu já teria cortado muitos. Essa negreira não se colocaria no meio dos brancos – disse, levantando-se, ao mesmo tempo que enrolava o rabo de Bisteca num pedaço sujo de pano e guardava-o na boldrana da montaria.

Dentro do armazém, o proprietário Maneca o aguardava com o cajado de peroba. Mas Rodoão resolvera, cambaleando, os olhos injetados, galgar sua montaria, com dificuldade e voltar para casa.

4

Alma pura? Para os viventes, um abobalhado. Idiota animalesco. Que diferença tinha ele de um animal da floresta? Nem todo mundo zombava dele; havia os piedosos, os que tinham medo do Inferno. Que sentido tinha a vida para um ser nojento? Tinha quase trinta anos. A família deixara-o à parte, um saco de areia à margem. Em toda a sua vida, Chiquinho não possuía outro objeto que não pudesse usar ou levar nos bolsos rotos. Um canivete de cabo de osso gasto e uma manta de feltro emporcalhada, que ele usava para acampar na mata quando algo lhe roía dentro do peito. Não caçava, não pescava, e ninguém queria levá-lo para tais aventuras. Quando acochado, adentrava na mata e sumia por três ou quatro dias, e a família já não o procurava mais. Esperava-se que as onças ou porcos do mato o devorassem. Mas, para decepção, voltava da mata ferido, cheio de carrapatos e arranhões de unha de gato, mas vivo e rindo e babando. Tornava-se invisível, como certos macacos noturnos. Amava a mata; fazia dela o seu refúgio. Longe dos homens, os demônios. Comia grilos, frutas silvestres, besouros de pau podre esbranquiçados. Ah, os homens... Eram maus, não sabiam apreciar o mundo; estavam sempre destruindo. Chiquinho jamais haveria de ter bens. Jamais! A terra a ninguém pertencia, como a luz e o ar e as mudanças de tempo. Quem mandava no vento? Ninguém.

Quem mandava nas nuvens? Quem mandava nas águas do rio? Quem mandava nos raios e trovões? Viera ao mundo sem nada e da mesma forma retornaria. Viver era rir de tudo enquanto fosse vivo. Mas havia gente que não gostava de sorrir, que tinha muito prazer em destruir... Acossado pelos homens, ele sumia mata adentro, com o canivete de cabo de osso gasto e a manta de feltro, e, junto, a Bisteca, que se sentia incomodada ao balançar a cauda invisível para espantar as mutucas brabas.

No mesmo dia em que Rodoão cortou o rabo de Bisteca, Chiquinho sentiu o peito agulhado, não sabia como estancar o sangue do toco de rabo da cadela, e começou a sentir o mundo girar freneticamente, e a baba escorria sem controle, como se estivesse louco. Então, pegou o canivete e a manta emporcalhada e sumiu trilha afora, quando já escurecia, acompanhado de Bisteca, disposto a nunca mais ver os homens, os monstros.

5

Mas isso ia acabar.

Naquela noite, ele voltaria para casa, antes do amanhecer, aproveitando um pouco de sono que a noite lhe reservaria antes de começar a lida do campo. Provavelmente, a essa altura a raiva teria dissipado, talvez saciada, restando apenas o cansaço da caçada. Os dois peões eram de confiança, submetidos à obediência; nenhum deles teria a mínima coragem de delatá-lo. Sabiam de sua ferocidade. O negro conheceria o mando; não faria mais passar vergonha. Um negro sujo e babão. Sabia exatamente aonde queria ir, mesmo na escuridão. Desde que ali chegara, vindo com sua gente e cachorros, foragidos da patrulha, embrenhou-se naquela parte da mata, entre várzeas e morros, cipoamas e unhas de gato, para caçar e também para conhecer os segredos da floresta tropical. Depois, que se tornara íntimo da mata, deixou de caçar, enjoado de carne de capivaras, porcos, antas, veados e macacos. E, também, perseguir animais para abater e comer já não condizia com sua condição de homem respeitável e porque havia outros

negócios – grilar terras mesmo que demarcadas e, sobretudo, com a escassez de bebida alcoólica, resolvera montar um alambique e transformar o canavial em aguardente e vendê-la com boa margem de lucro; e, também, conseguira fazer um chiqueirão só de porcos do mato ferozes, que ele matava a balas, com tiros certos, bem no meio da testa, só para ver os brutamontes caírem num rodopio estatelado. Ele sabia exatamente para onde o idiota tinha fugido; já o tinha visto uma ou duas vezes por ano quando vistoriava a mata.

No meio do caminho, perto do rancho de caça, estacou o cavalo baio, ouvindo os cachorros presos numa gaiola de lascas ladrarem, um cachorro malhado de orelhas caídas e outro preto igual lobisomem, com duas manchas brancas sobre os olhos como estrelas; os danados já sabiam que, naquela noite, haveria boas aventuras mata adentro e, por isso, eles não se continham, latindo, latindo, como se já estivessem diante da presa. Disse aos peões: “Mire e veja: os desgraçados já sabem que terão uma noite e tanto. Estão doidinhos por uma corrida.” Soltou-os e, em seguida, saíram troteando por um caminho que rapidamente se transformou em picada, em brejal e também morros sinuosos. A noite os enrolou numa cortina negra. Rodoão, entretanto, não estranhava a escuridão. Para ele, rodopiando em sua vingança, a visibilidade parecia ter aumentado, como se os sombrios cipós e árvores, e salgueiros e sarças, em vez de adensarem a escuridão, estivessem criando espaços bem mais claros, permitindo avançar montados, desviando-se por entre troncos e as impenetráveis moitas.

Mas logo tiveram que deixar os cavalos e seguir a pé, em direção do que ele imaginava encontrar com o alvo – o negro sujo e babão. “Se as onças comerem os cavalos?” – disse abafadamente um dos peões, bastante intimidado. Ao que ele, como um raio cheio de ódio, revidou: “Não se preocupassem. Na mata, havia quantidade absurda de animais pequenos e mais fáceis para uma onça esperta, que não gostaria de levar coices

de três cavalos assustados.” Os cachorros corriam esbaforidos, farejando, endoidecidos, acuando aqui e acolá, atrás de lagartos e sapos e bandos de capivaras que se moviam para as margens dos riachos. Numa clareira, deu a ordem: “Vamos arrancar; é por aqui. Uma dose de paciência e a coisa está feita”. Sobre a copada das árvores uma lua enorme, clareando como dia. “Lua cheia que estrondeia, bate na mata e saracoteia” – voltou a dizer o peão quase como sussurro, talvez se lembrando de outras paragens. Deu aos cachorros dois pedaços de carne seca de capivara que trazia no bernal e os repreendeu: “Descansem quietos, nenhum latido, que logo terão que mostrar por que vieram.” Em seguida, recostou-se num tronco de peroba e ficou a cismar, calculando o quanto poderia ganhar quando colocasse as tralhas do alambique a funcionar... Mas foi tomado de raiva quando se lembrou da afronta que tivera quando, após cortar o rabo daquela cadela, o dono do armazém sequer tivera a boa vontade de lhe servir outro copo de cachaça, tratando-o como um sujeito desqualificado. Sim, não deixaria passar em branco tal afronta: o negro sujo e babão estava com as horas contadas. E o dono do armazém também, aquele português imbecil. Ou não se chamava Rodoão.

6

Os cachorros não estavam à vista, farejavam e ladravam mais adiante, entre os enroscados de cipós e unhas de gato. Sob o luar branco, as sombras dos três homens dançavam fragmentadas e intermitentes entre as árvores altas, projetando-se longas e intactas sombras pelo declive de encostas. Rodoão caminhava tão depressa quanto um cavalo, enroscando-se, esbravejando, mudando de rumo sempre que espinhos rasgavam sua roupa ensebada e sentia a pele sangrar. Os cachorros seguiam à frente e suas sombras se encurtavam ou se alongavam de acordo com o curso da lua, até que, por fim, pisavam nas próprias sombras.

De repente, os cães farejadores se aquietaram e desapareceram. Uma cascavel começou a sacudir o guizo freneticamente e os cães recuaram. “Essa maldita!”, xingou Rodoão. “É capaz de picar os cachorros.” Mas na semiescuridão não conseguia vê-la, por isso, ele chamou os cães de volta. Se acendesse um fósforo, ou um punhado de pano velho que trazia no bolso traseiro, poderia vê-la e descer-lhe o cano da espingarda sobre o espinhaço, sem piedade, mas isso faria com que o idiota, se estivesse por perto, alojado no topo de uma árvore ou num desvão de pedras, se assustasse e saísse correndo. Os cães recuaram, intimidados, roçando as suas pernas. Quando contornava o pedaço de mata, desviando-se da cascavel, um coelho saltou quase debaixo de seus pés, dando-lhe um susto de esfriar a espinha. Podia ter atirado, e quase o fez, mas não queria denunciar a presença deles. Mais uma vez se conteve – não era aquilo que caçava.

Mas, do alto da copada, um bando de macacos observava-os quietamente, invisível. O bugio mais velho espiava-os com olhos fixos e furiosos; se fosse dia, daria para ver o branco avermelhado de seus olhos. Aquela gente não inspirava confiança. O bugio guardava em sua memória a maldade que haviam feito há oito meses, quando Rodoão abatera quatro macacos, numa tarde de sol quando o bando se alimentava numa plantação de milho perto de um riacho. De repente, Rodoão surgira do nada, camuflado, no meio do milharal e começou a disparar. Um, dois, três e quatro tombaram estrebuchando, e o bugio mais velho nada pôde fazer senão chamar o bando assustado para o meio da floresta. Sim, jamais poderia esquecer o que aquele homem fizera... Por isso, do alto da copada, observava os três homens e seus cães, quietamente, escondidos mas enfurecidos, dispostos a atacar ao menor descuido.

Então, os cães se afastaram novamente, e logo mais adiante começaram a latir, a ganir, diante de uma presa. Rodoão

e os homens ouviram o bater e o arranhar das patas no chão, no meio da folharada. “Acharam o idiota!” – comentou entredentes. Chegando no local, decepcionou-se. Era um buraco de tatu e os cães cavavam furiosamente e um pouco de terra úmida veio-lhe bater sobre o peito. “Mas que bosta!”, xingou, espantando-os. Não estava disposto a cavar buraco de tatu. Uns pontapés no traseiro dos cães fizeram com que retomassem o farejamento por uma trilha ainda mais tortuosa, íngreme, entre pedras e espinheiros.

Um pouco atrás, seguia-os o bando de macacos, guiado pelo bugio mais velho. Farfalhavam sobre a copada das árvores, sob o clarão do luar, cobertos pela folhagem densa. As mães bugias haviam ficado para trás, cuidando dos filhotes, e ali, na perseguição imperceptível, somente os macacos mais velhos, e todos sabiam que aqueles homens não eram confiáveis. Sabiam que aquelas estranhas armas cuspiam fogo e matavam, pois tinha sido assim há meses.

Passara da meia-noite e a madrugada enregelava; a Lua pendia no céu e, um pouco mais, sumiria, deixando a mata opaca. Seria um grande fiasco se Rodoão e seus homens voltassem de mãos abanando. Mas jamais perdera tempo nas empreitadas. Farejava como os cães e seus instintos nunca o haviam enganado. O idiota estava por ali, escondido, ou no alto da copada, ou em alguma gruta de pedras como os bichos do mato fazem. Logo, antes que a Lua sumisse e deixasse o negrume tomar conta da floresta, topariam com o idiota.

Então, os cães começaram a latir freneticamente na frente de uma gruta formada por pedras pontiagudas e, no meio dos latidos, ouviam-se os ganidos da Bisteca, confrontando-os, em defesa de seu dono.

– Vamos nos dividir em círculo – sentenciou Rodoão, empunhando a espingarda nas mãos rígidas e suadas.

Os homens se separaram quietamente, flanqueando, e o círculo começou a se fechar, enquanto os cães eram controlados

por Bisteca. Se ele tentar fugir, será abatido como um porco do mato, rilhou os dentes Rodoão, os olhos fixos na direção dos cães em fúria.

A mata se calara diante dos latidos dos cães. Ao redor, por quilômetros, não se ouvia um só ruído. A madrugada adiantara-se e a Lua sumira atrás das grandes árvores; a luminosidade foi tomada por um negrume opaco, mas, no lado do sol-nascente, o céu começava a clarear. Ali, no meio da mata, o negrume se fizera impenetrável, e Rodoão caminhava leve sobre a folharada na direção da boca da gruta, a espingarda apumada, o círculo se estreitando. Havia a probabilidade de o idiota ter vazado o círculo e ter deixado a maldita cadela sem rabo amarrada na boca da gruta como isca, mas Rodoão sentia que ele ainda estava ali. Saltava para a frente na ponta dos pés, com o corpo inclinado na direção do alvo, perscrutando a densidade da vegetação e o topo das árvores.. A cada passo o círculo se estreitava, as armas preparadas, como se estivessem tocaiano um veado.

Do alto da copada, um pouco atrás, o bugio velho e seu bando espreitavam os movimentos circulares dos homens e, nos glóbulos brancos de seus olhos, havia listas vermelhas de ódio. Eles viam no breu da noite. Lá estava Chiquinho Preto encolhido, babando, e a sua cachorra latindo desesperada. E aqueles homens que haviam matado, há algum tempo, os macacos que comiam milho e se divertiam... O avanço contínuo dos homens, fechando o círculo, com as armas empunhadas, despertava o desejo de vingança no velho bugio.

– Está aqui o desgraçado, o idiota! – gritou Rodoão, estalando com as botas os ramos secos, ordenando aos cachorros que se calassem e, por um curto espaço de tempo, o silêncio pairou sobre a noite.

Rodoão atirou-se para a frente, alcançando a gruta quase ao mesmo tempo que os outros. Chiquinho Preto se encolhera

mais e mais, e parecia uma cobra enrolada, espremida entre as pedras, e a cadela voltou a ganir.

Antes que houvesse um estrondo ensurdecedor, os canos fumegando das espingardas e revólveres ao redor da gruta, eclodiu uma avalanche de macacos e guinchos estridentes vindos do céu, como raios, e os três homens foram tomados por unhas e dentes afiados, e os tiros disparados saíram sem qualquer direção, cravando-se nos troncos de árvores e se perdendo no embolado da cipoama. Afrontados, os homens começaram a gritar, os corpos lanhados, as roupas destruídas, e engendraram uma corrida desnorteada mata a fora, perseguidos pelo bando de macacos. Desandaram a correr no escuro, entre as árvores, agarrando-se à casca rugosa das perobas e figueiras, tentando correr aos tropeções para o campo aberto.

Quando a manhã começou a se mostrar, Rodoão se achava prostrado à beira de um riacho, o rosto e o corpo ensanguentados, sem armas e sem direção, sem saber o que tinha acontecido. O céu cinzento se tornara vermelho. Enquanto tentava se lavar, ouvia distante a algazarra de um bando de macacos em festa como se estivesse diante de roça de milho verde. Assustado, começou a correr, saindo num campo aberto arado, tropeçando nos torrões de terra endurecida.

LEONARDO, BEM-VINDA E A SOLIDÃO

Havia, todo ano, uma feira livre de animais na cidade. Ali vinham grandes criadores de outras regiões e também agricultores familiares. Os organizadores, por diversas vezes, tentaram retaliar os pequenos criadores e deixar a feira somente para os que, de fato, dedicavam-se aos melhoramentos genéticos. Mas não tiveram sucesso. Assim, todo ano, entre os reis do gado, ali comparecia toda sorte de criadores. Por um lado, era algo muito democrático; por outro, alguns animais expostos contrastavam com os bem-desenvolvidos, e isso causava certo mal-estar aos que desejavam o progresso contínuo de suas raças ou queriam simplesmente obter alguma posição na sociedade.

Na área destinada aos pequenos criadores, um homem envelhecido estava sentado num pequeno tamborete junto a sua égua, também com certa idade. Estava bem sossegado, com o chapéu de feltro surrado caído sobre a testa. Tinha quase oitenta anos e não escondia as profundas rugas no rosto queimado pelo sol. Viam-se os cabelos brancos saindo da aba do chapéu e a barba branca, rala, dava-lhe um ar de ermitão. Vestia um paletó de brim amarelo com três botões de osso. A calça, também de brim, era de um cinza negro, já bem gasta pelo uso. Percebia-se que ele colocara sua roupa especial, que há anos não usava, para aquela feira. Os sapatos eram de couro, bicos achatados e bem polidos.

Trançava sem pressa um laço de couro cru, enquanto ouvia a música que vinha do alto-falante logo mais adiante. Embora meio surdo, não desgrudava um dos ouvidos de outras baias onde diversos negociadores acertavam propostas. O barulho e o vozerio, que vinha de todos os lados, não o perturbavam. Mugidos de bois e vacas chegavam a todo momento aos seus ouvidos. O relinchar dos cavalos soava

como música distante. O sol da tarde penetrava de lado onde estava e batia-lhe sobre o ombro direito. Apesar do barulho intenso, ele continuava tranquilo em seu canto, como se nada existisse, trançando o laço.

Aquela gente não o conhecia. Chamava-se Leonardo e morava distante da cidade. Precisamente doze léguas, no oco de serra, um lugar de difícil acesso. Há anos morava lá, sozinho, desde que sua mulher morrera de tuberculose e os filhos se debandaram pelos caminhos da vida e nunca mais voltaram. Cultivava um pedaço de terra encravado na montanha. Dias e meses sem avistar uma viva alma. Perdera a noção das estações do ano e do tempo.

Ao seu lado, com a cabeça perto do seu ombro, a égua estava quieta, com olhos atentos, não se mostrando assustada com todo aquele entremeado de vozes. Pessoas passavam a sua frente todo momento e meninos chegavam a jogar pequenos grãos de milho em seu focinho para ver se ela se espantava. Mas qual! Estava tranquila.

2

Era uma égua velha, mas boa. Pêlo sadio e bem tratado. Angulosa nos quartos traseiros. E na testa havia uma mancha branca como se fosse uma estrela. Pelo jeito já parira muitas vezes. De vez em quando abocanhava um feixe de feno e mastigava num ritmo cadenciado, enquanto balançava o rabo de um lado para outro espantando as moscas.

Parecia satisfeita e, com frequência, exalava pelas narinas abertas um bafo quente. Percebia-se que era uma égua sã e esperta, que chegara à idade madura conhecendo todas as dificuldades. A corda que a segurava era de longo uso e estava frouxa e pendia ao chão sem estar fixa em ponto algum. Pelo jeito não era de seu feitio fugir ou andar perambulando à toa.

Exibia, assim, um ar de felicidade por estar ali junto ao seu dono que, calmamente, trançava o laço.

Passara por muitos acontecimentos em sua vida e nada mais a assustava. Quando pequena, foi roubada por salteadores e levada para longe de sua mãe. Depois fora vendida numa feira pública e seu dono a maltratava com chicotes grossos. Suportou os maus tratos com resignação. Porém, certo dia, seu dono foi à cidade e ela aproveitou a oportunidade para fugir. Dias e noites perambulou por uma estradinha cheia de curvas, subidas e pedregulhos, sem rumo, até que foi capturada por um fazendeiro. Foi um tempo maravilhoso. Era bem tratada e havia, na fazenda, um cavalo tordilho que se dedicava a ela. O romance deu belos frutos — os cavalinhos e potrancas eram admirados por toda a redondeza. Aparecera, certa temporada de chuva, com uma jiboia enrolada no pescoço, deixando todo mundo assustado. Isto a deixou famosa. Histórias foram criadas e contadas sobre ela.

Um dia, o patrão morreu. Ela assistiu a tudo: um grupo de homens encapuzados invadiu a fazenda e efetuou diversos tiros à queima-roupa no patrão, que rolou na poeira do terreiro. Depois, esses homens levaram o gado do curral num caminhão boiadeiro e só não a levaram porque ela, muito assustada, escondeu-se numa faixa de mata. Os herdeiros, que moravam em São Paulo, venderam a fazenda com a porteira fechada.

O novo dono tinha hábitos ferozes e costumava espancá-la. Os cavalos velhos eram vendidos para fazer mortadela. Então, numa noite, novamente fugiu e pegou a estradinha cheia de curvas e pedregulhos. Vagabundeou por dias e, sem querer, apareceu no sitiozinho do velho Leonardo, onde foi bem acolhida. De lá, nunca mais saiu.

Durante dias, o velho Leonardo, enquanto cuidava de sua pequena plantação, se ocupou com o nome dela. Quedava-se admirando a égua! Aquela estrela bonita na testa, olhares rápidos e atentos, ouvidos acuidados. Desfilaram nomes:

Aparecida, Forasteira, Margarida, Bem-vinda, Fabulosa, Estrela, Espertinha, Primavera, Fujona... Pensou até em colocar o nome da finada mulher... Mas recuou. Seria uma ofensa? Deus poderia castigá-lo. Como era difícil dar nomes aos bichos. Em sua cabeça, nomear alguma coisa ou bicho era dar vida, uma função de Deus. Por semanas, a égua ficou sem nome. Escolheu, por final:

— Bem-vinda! Gostou do nome?

Ela se aproximou e esfregou a cabeça nas mãos de Leonardo.

— Que beleza! Acho que você gostou mesmo!

No final da tarde, conduziu ao riacho de águas cristalinas, que descia da serra e com uma pequena cabaça em forma de concha, batizou-a, como se fosse gente, fazendo o sinal-da-cruz.

3

Era a primeira vez que vinha à cidade. Ali estava na feira junto com seu dono e nada a interessava. Havia boa comida e a forragem do solo era aconchegante. Não estava só. Entrevia por sobre a baía uma imensidão de cabeças de vacas, touros e cavalos.

Enquanto todos procuravam chamar a atenção, Leonardo e sua égua permaneciam quietos, pouco se importando com o burburinho. De vez em quando, deixando de trançar o laço, Leonardo a acariciava passando de leve a mão direita sobre suas orelhas.

Por ser uma boa égua, logo surgiu um comprador. Era alto e gordo. Fitou-a com atenção e quis passar as mãos em seu costado. Ela não gostou dessa familiaridade, recuando.

— Então, tio, quanto custa essa égua?

O velho Leonardo continuou a trançar o laço. Fez que não ouviu. O homem voltou a perguntar.

— Quanto custa essa égua, homem?

Sem tirar os olhos do laço, respondeu:

— Não me leve a mal. Mas não está à venda.

— Qual é o nome dela?

Não respondeu. Há anos vivia no oco de serra, não estava acostumado a conversar.

— Então, tio, não tem nome? É bicho pagão?

Levantou a aba do chapéu e, com resignação, disse:

— Tem nome, sim. É Bem-vinda.

— Por que não falou logo? Quero comprá-la.

— Desculpe, senhor, mas não está à venda.

Largou o laço e assoou o nariz num lenço amarelado. Com certeza, há anos aquele lenço estava guardado no baú. O homem se retirou visivelmente insatisfeito. Logo adiante, voltou-se e ficou mirando a égua. Como alguém podia trazer um animal numa feira se não era para vendê-lo?

Logo a seguir outro apareceu. Era um criador conhecido da região. Estava bem trajado e usava um chapéu tipo caubói. Quis também afagar o dorso da égua. Mas ela não deixou, encolhendo-se.

— Ei, tio, quanto custa a égua?

O velho, desta vez, tirou os olhos do laço e olhou demoradamente a égua. Depois olhou para outro lado sem avistar coisa alguma. Por final, disse:

— Não está à venda.

Voltou a ficar mudo, dando a conversa por encerrada. Lá se foi o comprador sem entender nada. Cada louco com suas manias. Bem, tudo é possível numa feira...

Pouco depois outro interessado. O velho deu a mesma resposta. A égua não estava à venda. Por que insistiam? Outros apareceram. Sempre a mesma resposta. Ele não tinha necessidade alguma de vender a égua. E pronto. Por que não o compreendiam? Bem-vinda era como gente. Não estava à venda. Tinha o suficiente. Não precisava de mais dinheiro. Se a

vendesse, o que faria com o dinheiro? Ficaria só naquele sítio distante. Quem, daquela gente importante, teria coragem de fazer companhia.

4

No final da tarde, voltou o primeiro comprador. Parecia mais alto e mais gordo. E suava muito.

— Então, tio, já vendeu a égua?

O velho mirou-o quietamente e meneou a cabeça.

— Olha, tio, por que veio nessa feira? Quem aparece por aqui deseja fazer negócios. Estou errado?

Nenhuma resposta. O velho abaixara a cabeça e recomeçou a trançar o laço de couro cru. Ora, ele não queria vender a égua. E pronto! Já dissera que não estava à venda.

— Eu quero comprá-la. Eu gostei dela. Se não quer vendê-la, por que veio aqui? Por acaso, é roubada?

Isso caiu como uma martelada na cabeça do velho Leonardo. Ora, jamais roubara sequer um canivete. Égua roubada! Era demais. Olhou para o homem. Estava vermelho de raiva, ofendido.

— Eu vou falar com o diretor da feira! Isso é um absurdo! Por acaso, tenho cara de palhaço?

Pressentiu que tinha que acalmar aquele homem.

— Está escrito na minha cara que sou idiota?

Várias pessoas paravam e assistiam a cena. O velho Leonardo estava perturbado. O homem enraivecira-se cada vez mais. Mais curiosos paravam para ouvir e ver o desenrolar do falatório.

— Você está fazendo todo mundo de bobo! É pra isso que veio à feira, não é? Fale alguma coisa! Não fique como uma pedra.

De fato, o velho Leonardo parecia uma pedra. Parara de trançar e olhava o chão. A pequena multidão de curiosos o dei-

Com lentidão e sacrifício, o velho Leonardo se pôs de pé. Afagou a cabeça da égua e, segurando a corda, preparou-se para partir. Estava aborrecido. As pessoas não o compreendiam. Perdera o interesse pela cidade e pelas pessoas. Elas não entendiam o que ele sentia.

— Ei, tio, por que não responde?

Ele, então, parou, olhou firme para o estranho. Estava trêmulo. Todas aquelas pessoas o fitavam. Queria voltar para casa, meter-se naquele oco de serra e nunca mais falar com pessoas. Ele estava acostumado a conversar com sua égua. Ela o entendia, conhecia suas dificuldades. Mas os homens...

— Eu não quero vender essa égua — começou a explicar, as palavras trêmulas. — Eu moro distante, muito longe, só tenho ela, não consigo vender por dinheiro algum... Estou velho e só. Ninguém quer um velho por perto.

— Mas, se não quer vendê-la, por que a trouxe na feira? Está maluco? Pirou de vez!

Outros fizeram, em coro, a mesma pergunta. E riam.

— Por que não tem um cachorro? É o melhor companheiro do homem.

— Quem sabe, um papagaio? — outros propuseram.

— Ou uma cabra!

O velho Leonardo ouvia sem entender. Ele não queria um cachorro, muito menos papagaio. Cabra, para quê? Com sacrifício, começou a falar novamente:

— O caso, seu moço, é que ela estava muito só, não tenho outros animais e na vizinhança também não. Ela estava triste, muito abatida. Ela só tem eu. Faz muito tempo que não venho na cidade. Fiquei cismando... cismando... Bem, se eu a trouxesse nessa feira ela poderia ver outros animais. Sabe, a solidão é uma doença muito ruim. Ela tem o direito de se distrair um pouco, não acha? O senhor já se sentiu só? Pois é. Então é isso. A solidão rói, deixa a gente louco e mata. Eu só queria um pouco de alegria pra ela. Se vender essa égua, o que

faço de minha vida? É como dar um tiro na testa, seu moço. Isso eu não quero. Ela me ajuda a arar a terra, ela me ajuda a plantar, ela só falta falar! Ela sente o que as pessoas pensam. Sabe, os animais têm alma! Veja como está assustada só porque o senhor está brabo. Vejo que ficou muito brabo, mas me desculpe. Não aguento ver essa égua triste. Só quero ver ela alegre. Veja, agora ela está assustada! Bem, pessoal, nós vamos embora. Até outro dia. Deus dê boa vida a vocês, com muita saúde. Vamos cair na estrada. É tarde. O trecho é longo.

E saiu puxando a égua pela corda. A pequena multidão de curiosos estava muda e cada um foi saindo de cabeça baixa.



MARIA CRISTINA DIAS

Maria Cristina Dias é jornalista, formada pela Universidade Federal fluminense (UFF/RJ), pós-graduada em Marketing e Comunicação pela FGV/Sociesc e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, pela Univille/Joinville.

Como jornalista, desenvolve um trabalho contínuo de resgate da Memória de Joinville, a partir de entrevistas e pesquisas em fontes primárias, como documentos e periódicos da cidade. É membro da Academia Joinvilense de Letras.

É autora do livro “Se essas paredes falassem... – Um breve olhar sobre antigas casas que marcaram a construção de Joinville” (2011) e coautora dos livros “Henrique Loyola – Colecionador de Desafios” (2012) e “Uma Década de Evolução do Mercado Imobiliário – Núcleo das Imobiliárias da Acij” (2013).

É produtora e editora das revistas biográficas “Dirce – 80 Anos” (2015), “O corpo que flui... e dança” (2016) e “Minha Infância durante a 2ª Guerra Mundial – Helga de Loyola” (2016).

LUSOS EM JOINVILLE

Muito antes da Colônia Dona Francisca, famílias de origem lusa já estavam estabelecidas nas cercanias de São Francisco do Sul desde o século 17

Na segunda metade do século 19, quando começou o empreendimento da Sociedade Colonizadora de Hamburgo a região da Colônia Dona Francisca nada tinha de desabitada. Pelo contrário. Além das populações indígenas naturais da localidade, como os guaranis ou xoclengues que transitavam entre o litoral e as escarpas da serra do mar, famílias de origem lusa – boa parte já brasileiras – estavam estabelecidas em sesmarias e fazendas por toda a região. E não eram uma ou duas. Eram inúmeras, reunidas em vários núcleos compostos por parentes, agregados e escravos, que plantavam mandioca para a produção de farinha, mantinham suas roças, pescavam e caçavam. Embora hoje pouco se fale do seu papel no início do povoamento desta área, estas famílias viviam nas cercanias da Vila de São Francisco do Sul, muitas nos locais onde hoje está situada Joinville. Elas deram apoio fundamental no início do processo colonial e atuaram de forma determinante na vida política e administrativa da cidade no século 19 e ao longo do século 20.

A presença de lusos e brasileiros por aqui é bem antiga e para falar dela temos que antes lembrar que a área que tempos depois seria parte do dote da princesa Dona Francisca fazia parte de São Francisco do Sul. O sociólogo Ricardo Costa de Oliveira, pesquisador sobre o tema e descendente de uma destas famílias, os Gomes de Oliveira, explica que a colonização da região começou com o governo português e a população estabelecida na Capitania de São Vicente, em São Paulo. “São estas famílias basicamente que começaram as incursões para o

Sul do Brasil, no século 17. São os primeiros povoadores”, afirma, lembrando que antes havia a população de ameríndios no litoral Sul, ou seja, os índios carijós, guaranis e de outras tribos.

Essas famílias que desceram para o Sul compunham uma população brasileira, formada por portugueses e pessoas já nascidas aqui, muitas frutos da miscigenação com índios e negros.

São elas que formam as primeiras vilas do litoral. Assim, Paranaguá, por exemplo, se tornou vila em 1648. Já São Francisco do Sul começou a ser povoada pouco antes disso e na década de 1660 também já era vila. O mesmo ocorreu com Laguna em 1670. Ricardo observa que estas pessoas iam se organizando, erguendo suas casas e trazendo suas instituições, como igrejas e câmaras, que culminariam na formação das vilas, que eram a unidade administrativa local. No artigo “Homens Bons da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco do Sul – uma elite senhorial do Brasil Meridional nos séculos 18 e 19”, publicado na revista do Arquivo Histórico de Joinville, ele situa esse movimento como parte da estratégia de ocupação do litoral Sul. “Fazia parte da conquista e colonização do Brasil Meridional”.

Esta colonização tinha como base a distribuição de terras por meio de sesmarias, grandes áreas de terras concedidas pelas autoridades portuguesas em São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Em São Francisco do Sul, as primeiras sesmarias foram entregues a Antonio Fernandes, Manoel Lourenço de Andrade, a seu genro Luís Rodrigues Cavalinho, ao capitão Antonio Francisco Francisques e a vários outros, segundo o mesmo artigo. A historiadora Sandra Guedes explica que até 1850, quando foi estabelecida a Lei de Terras, as terras eram uma concessão do rei e as pessoas justificavam que tinham como mantê-las. “Elas eram agraciadas com as terras”, afirma. As áreas mais cobiçadas eram as cultiváveis e

que estivessem próximas às vias usadas para o transporte, como o mar e os rios. “O litoral era fundamental, pois as mercadorias vinham pelo mar. São Francisco do Sul, próximo de São Vicente, tinha trânsito de pessoas pelo mar, de canoa, para o comércio e para as festas religiosas”, conta.

Mas quem eram essas famílias? “São as mesmas famílias do chamado bandeirantismo meridional”, informa o sociólogo Ricardo Costa de Oliveira. Elas tinham estrutura bem definida, militarizada, patriarcal. Além do proprietário, que geralmente tinha um título militar como alferes, capitão ou capitão-mor (o mais importante nesta hierarquia), estavam a mulher e os filhos, os escravos e os agregados, que podiam ser parentes, filhos fora do casamento ou índios “administrados”, que, embora legalmente livres, trabalhavam em regime muitas vezes similar ao da escravidão. Eles produziam principalmente a mandioca, usada para fazer farinha, mas também cana-de-açúcar e outros alimentos, além de pescar e caçar na região.

A justiça, em primeira instância, era realizada pela Câmara local, que era composta pelos chamados “homens bons”, pessoas com forte influência social e política na região e que poderiam exercer a gestão local. Eles eram poucos e selecionados – geralmente proprietários de grandes fazendas em torno da Baía da Babitonga e de São Francisco do Sul. No final do século 18, já figuravam na relação de “homens bons” nomes como o de Manoel de Oliveira Cercal, da família Oliveira Cercal que tinha extensas áreas na região do rio Cubatão, que na época pertencia a São Francisco do Sul e hoje integra o município de Joinville. Outro nome que estava na relação pesquisada por Ricardo Costa de Oliveira era o de um antepassado seu: Manoel Gomes Galhardo, patriarca da família Gomes de Oliveira, que já no século 18 possuía sesmarias na região. Manoel teve ampla atuação na vida pública como juiz e procurador de impostos e foi o responsável pela construção da câmara-conselho-cadeia da vila de São Francisco do Sul.

Sandra Guedes lembra que os sítios ou fazendas estavam espalhadas pela região, mas era comum que seus proprietários mantivessem casas na Vila de São Francisco, na sede, onde moravam durante períodos e podiam exercer as atividades públicas.

Fazendas já estavam consolidadas na época da demarcação das terras dotais

O que esse povoamento no Sul tem a ver com a presença lusa nos arredores das terras da Colônia Dona Francisca, é simples. “A última grande 'sesmaria' de São Francisco do Sul foi a dotação imperial concedida à princesa Dona Francisca, futura sede da cidade de Joinville, iniciada em 1850”, escreveu Ricardo Costa de Oliveira no artigo publicado pelo Arquivo Histórico de Joinville. Na hora de demarcar a área da princesa, em 1846, as fazendas existentes já serviram como referência e foram citadas nos autos de medição. Em alguns casos, como o do coronel Francisco de Oliveira Camacho, houve sobreposição de terras - em outros, ocorreu o desvio para evitar a propriedade dos moradores. “O traçado desvia de propriedades. Algumas foram cortadas ao meio, mas elas foram indenizadas”, informa a historiadora Sandra Guedes.

Ao tratar da demarcação das terras dotais, o livro “História de Joinville – Crônicas da Colônia Dona Francisca”, de Carlos Ficker, indica as sesmarias já existentes na área onde tempos depois se formaria Joinville. Ele cita o coronel Antonio João de Vieira como proprietário de lavoura entre o rio Bucarein e o atual rio Itaum. Ao Norte, ficavam as terras de João Cercal, Luiz Dias do Rosário, Vicente Dias do Rosário e seu irmão Francisco, Ana Afonso Moreira e José Cordeiro, e de Januário de Oliveira Cercal, com uma grande área entre os rios Cubatão e São Francisco. No Boa Vista, estava radicado Agostinho Budal. E no Bucarein e Itaum residia a família do

coronel Antonio Vieira, e depois às de Salvador Gomes e Afonso Miranda. Ao Sul, ainda havia terras de Antonio da Veiga e João da Veiga, e também de Manoel Gomes e Francisco da Maia. Estes são alguns nomes citados por Ficker e cujos descendentes ainda hoje estão radicados na cidade.

Um forte apoio aos imigrantes recém-chegados

Quando, em 1846, foi demarcado o dote da princesa Dona Francisca, esta população já estava radicada no litoral e pelo interior de São Francisco do Sul há cerca de 200 anos. E seus conhecimentos e apoio foram importantes para a instalação dos primeiros imigrantes trazidos pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo. “As pessoas já estavam aqui e foram as primeiras a ajudar os imigrantes. Havia a dificuldade da língua, a comunicação era um problema sério, mas os imigrantes precisavam da ajuda dos brasileiros que estavam aqui e que conheciam os caminhos”, afirma Sandra Guedes, destacando que eles também seriam importantes para a produção de alimentos nessa fase inicial. Na época, as únicas opções de fornecimento estavam em São Francisco do Sul ou através de tropeiros que já percorriam locais afastados dos centros urbanos.

Esta ajuda também é ressaltada por Ficker, em seu livro. Ele narra que as expedições ao local da futura Colônia Dona Francisca era realizada em canoas, sob a responsabilidade do tenente coronel Francisco de Oliveira Camacho, comandante dos Milicianos e proprietário de terras na região. Revela também que o porto do Bucarein, na junção dos rios Bucarein e Cachoeira, já era usado pelo coronel Antonio João Vieira, que tinha escravos e plantações onde hoje é o Itaum. E o apoio do coronel Vieira foi fundamental no início dos preparativos para a chegada dos primeiros imigrantes, ainda em 1850. “Como conhecedor da região, o coronel Vieira ofereceu os seus

serviços e escravos quando, em 22 de maio de 1850, chegaram Leónce Aubé, engenheiro Guenther e demais membros da expedição pioneira”, informou.

Quem eram e onde estavam os luso-brasileiros

Proprietários, área e data da legitimação de posses, sesmarias e terras devolutas do município de São Francisco do Sul e Paraty, contidas na Relação das Concessões efetuadas pelo Estado de Santa Catarina, da Coordenação de Legitimação e Cadastramento de Terras Devolutas.

Fonte: “Os Brasileiros das “Cercanias” da Colônia Dona Francisca no século 19, Populações, território e representações”, de Brigitte Brandenburg – artigo inédito

Palmital e Saí:

Ao longo do Canal do Palmital (conhecido também como Canal das Três Barras ou Canal do rio Palmital) – braço esquerdo da Baía da Babitonga,

Saí – fica na margem norte da Baía da Babitonga

- Francisco de Oliveira Camacho, Saí, em 12/10/1846.
- Antonio Vieira de Araújo, Palmital, 13/8/1846
- Modesto Antonio Pereira, Saí, 8/1/1866
- Reinaldo Soares de Oliveira, Saí, 4/9/1867.
- Joana Francisca Carneira, viúva, e Manoel Ferreira do Vale, Rio Cubatão, em 4/7/1879 (1.289.728,38 b2=623 ha).
- Gaspar Gonçalves de Araújo, Cubatão Grande, em 2/8/1873. (283.804 b2).

- João Ferreira do Vale, Forno dos Pintos ou Formas dos Pintos, em 9/10/1875.
- Frederico Brüstlein, Palmital, em 17/7/1879.(1.707.745,5 braças2).
- Antonio Leandro de Toledo, Cubatão Grande, em 18/1/1881.

Cubatão Grande (Próximo ao aeroclube e aeroporto de Joinville. Acaba no atual bairro Jardim Paraíso)

- Manoel Francisco Maciel, Colonia Dona Francisca, em 5/10/1861 (Saguassú).
- Antonio João Vieira, Braço do Saguassú, em 19/12/1872.
- Francisco de Oliveira Camacho, Saí, em 12/10/1846.
- Anastácia Gonçalves da Silva, Rio dos Pinheiros, 20/12/1848.
- Francisco Antonio Torres, Rio dos Pinheiros, em 12/12/1848.
- Francisco Fernandes Dias, Sambaqui-guassú, em 12/12/1848.
- José Gabriel Alves, Rio dos Pinheiros, em 20/12/1842.
- Laurindo Gomes de Freitas, **Cubatão Grande**, em 23/9/1846, 48 mil braças quadradas.
- Frederico Brüstlein, Palmital, em 17/7/1879.(1.707.745,5 braças2).
- Antonio Leandro de Toledo, Cubatão Grande,

em 18/1/1881.

Paraty (atual município de Araquari)

- Joaquim Pereira Lima, Itinga, em 25/1/1864.
- Francisco da Maia Moreira, Ponte Alta, em 25/1/1867.
- Salvador Bento de Jesus, Paquessaba, em 10/5/1876.
- Severiano Antonio de Moraes, Ponte Alta, em 25/2/1847
- Reginaldo Apolinário Moreira, Ponte Alta, em 22/1/1848.
- João Francisco Budal, Ponte Alta, em 6/11/1848.
- João Marques Moreira, Ponte Alta, em 11/12/1847.
- José C. Moreira, Rio Itaperiú, 10/10/1846.
- Severiano Antonio de Moraes, Ponte Alta, em 25/2/1847.
- Salvador Gomes de Oliveira, Porto da Caçada, em 13/8/1846 (560 braças²)

Joinville- Bupeva (região do rio rio Bupeva, no atual bairro Fátima)

- Antonio de Oliveira Borges, Ariribá-Bupeva, em 13/9/1872
- Bento de Oliveira, Ariribá-Bupeva, em 13/9/1872
- João de Oliveira Borges, Ariribá-Bupeva, em

13/9/1872.

- João José da Costa, Ariribá-Bupeva, em 13/9/1872
- Manoel de Oliveira Borges, Ariribá-Bupeva, em 13/9/1872
- Salvador de Oliveira Borges e outros, Ariribá-Bupeva, em 13/9/1872.
- Sebastião da Costa Ramos, Ariribá-Bupeva, em 13/9/1872.

Joinville – Rio Cachoeira (margem do Morro do Boa Vista)

- Antonio Machado Pereira, Cachoeirinha, em 19/1/1875 (entre a Lepper e a Casa da Cultura).
- Príncipe e Princesa de Joinville, Rio Cachoeira, em 3/10/1874 (onde hoje é a RBS)
- Antonio João Vieira, Morro da Cruz, em 19/6/1866 (ao longo do rio Cachoeira, depois do encontro com o rio Bucarein, na margem direita e rio Itaum. Também tinha terras no Paranaguamirim).

Joinville - Rio do Braço (Jardim Sofia, Estrada da Ilha, Pirabeiraba)

- Antonio Francisco dos Passos (herdeiros), Rio do Barro ou Rio do Braço, em 22/10/1869

Política em português bem claro: Brasileiros de origem lusa concentraram o poder político por mais de 30 anos e contribuíram para fazer as bases da Joinville de hoje

A presença de brasileiros de origem lusa na região onde se desenvolveria Joinville remonta ao século 17 e seu apoio foi fundamental no estabelecimento da Colônia Dona Francisca. Mas não parou por aí. A partir das últimas décadas do século 19, com a prosperidade econômica trazida pelo ciclo da erva-mate, os brasileiros se consolidaram na vida pública de Joinville. Unidos por uma intrincada relação de parentesco e compadrio, eles lideraram as principais instituições administrativas e políticas da cidade por mais de 40 anos. De 1892 a 1934 os luso-brasileiros estiveram no comando da Prefeitura (com poucas exceções, especialmente entre 1896 e 1902), um período marcado pelos investimentos em infraestrutura e modernização – e que seria determinante para os anos de desenvolvimento que viriam ao longo do século 20.

A liderança política anda de mãos dadas com o poder econômico. Este poder econômico se fortaleceu a partir da década de 1870, com a abertura da Estrada Dona Francisca e a intensificação do comércio e beneficiamento da erva-mate que vinha do Planalto Norte. Em junho de 1872, os primeiros carregamentos com erva-mate desceram pela estrada. Levaram um dia e meio para percorrer 80 km e abriram caminho para o estabelecimento deste ciclo econômico na região, já que a erva era produzida no Planalto Norte, nas cidades que fazem limite com o Paraná (Mafra, Canoinhas e região do Contestado, entre outras), descia pela Estrada Dona Francisca, era industrializada em Joinville e seguia por vias fluviais até São Francisco do Sul, de onde era exportada.

Os engenhos de erva-mate não tardaram a começar a produzir em Joinville e entre os pioneiros estão os de Antonio Sinke, de Morretes, a partir de 1877. Logo, outros empreendedores do mate, de Morretes e localidades próximas, como Celestino de Oliveira e Vicente Ferreira de Loyola também estabeleceram engenhos na região.

Com a matéria-prima vindo do Planalto e o beneficiamento feito em Joinville, foram abertas as primeiras empresas exportadoras – fechando assim, o ciclo de produção-beneficiamento-comercialização que seria o grande gerador de riquezas para a cidade no final do século 19. Nesta época, em 1891, surgiu a principal delas, com o nome de Companhia Industrial.

Não por acaso, os principais acionistas da Companhia Industrial foram os nomes que se destacaram na vida política por décadas a partir daí: Abdon Baptista, Procópio Gomes de Oliveira (ambos de ascendência lusa e descendentes ou vinculados pelo casamento às famílias mais antigas da região) e Ernesto Canac, de origem franco – os três foram superintendentes de Joinville (o chefe do Executivo, equivalente ao atual cargo de prefeito). “O poder político veio dessa liderança econômica”, destaca a historiadora Raquel S. Thiago.

Raquel pesquisou sobre a oligarquia do mate e escreveu o livro “Coronelismo Urbano em Joinville – o caso de Abdon Baptista”, onde explica como os brasileiros de origem lusa na região formavam uma intrincada rede de parentesco e compadrios, com uma grande força econômica e, conseqüentemente, política na virada do século 20 em Joinville. Ela explica que havia lideranças também entre os moradores de origem germânica, mas à princípio em esfera local. “Abdon Baptista saiu dessa esfera local. E este coronelismo urbano se deu através dele”, avalia, destacando que no período vigorava uma política de compromissos, da qual ele era o principal representante. “Foi o emissário dessa política de compromisso, marcada pela aliança entre o poder privado e o poder público”.

Parentesco, casamentos e compadrios

As famílias brasileiras de origem luso estabeleceram ao longo do tempo uma rede de relacionamento complexa, baseada no parentesco, nos casamentos e no apadrinhamento. Isso explica como o médico baiano Abdon Baptista, que chegou a São Francisco do Sul em 1880 aos 28 anos de idade, já formado, conseguiu se tornar um dos expoentes políticos da região. Do final do século 19 até a segunda década do século 20, ele foi prefeito de Joinville por duas gestões, deputado estadual, federal e senador da República.

A sua entrada na vida local se consolidou a partir do casamento com Theresa Nóbrega de Oliveira, em 1884. Theresa era filha do coronel José Antônio de Oliveira, uma liderança em São Francisco do Sul, e vinculado ao Partido Liberal – partido a qual Abdon Baptista se ligaria. Os sobrenomes já dão uma ideia da entrada dele para uma família tradicional, radicada na região já há mais de um século. Em seu livro, Raquel S. Thiago ajuda a estabelecer as conexões de parentesco, quando conta que Teresa era irmã de Cezarina Gomes de Oliveira, casada com João Gomes de Oliveira Jr, filho do patriarca João Gomes de Oliveira que, por sua vez, era pai também de outro nome fundamental naquele período, em Joinville: Procópio Gomes de Oliveira.

Outros filhos e filhas de João Gomes de Oliveira estiveram vinculados ao ciclo do mate. Um exemplo é a filha Rita, casada com Victor Celestino de Oliveira, que era filho de José Celestino de Oliveira, um dos primeiros empreendedores de Morretes que se estabeleceu com engenho em Joinville. Em seu livro, Raquel S. Thiago resume esta relação: “O que pudemos observar foi a existência de um grupo familiar, cujo tronco foi João Gomes de Oliveira, e sua figura mais proeminente, o seu filho, coronel Procópio Gomes de Oliveira. Este grupo, que se relacionava intensamente através do compadrio e da atividade econômica, foi acrescido de elementos de outras famílias por laços de casamento,

compadrio e, concomitantemente, por relações de negócios”. As “relações de negócios” tinham seu ponto forte na erva-mate.

Assim, ao aliar-se a este grupo, Abdon Baptista inseriu-se definitivamente na comunidade local e firmou a base para sua atividade política, econômica e social. “Não resta dúvidas de que seu casamento, integrando-o na vida política e econômica local, lhe tivesse proporcionado também o prestígio social que, como 'de fora', não possuía”, destaca a historiadora.

Família Moreira – contribuindo para a construção da cidade

A rede de relacionamento das famílias de origem lusa era ampla e incluía muito mais sobrenomes que os Gomes de Oliveira ou Abdon Baptista – embora eles a permeassem. Personalidades atuantes na vida econômica, social e política da época também integravam esta que é conhecida como a “elite luso-brasileira”. Ignácio Bastos (que embora não fosse ligado à erva-mate, foi jornalista e professor, e um dos fundadores do Clube Joinville), Antônio e Francisco José Ribeiro, Crispim Antônio de Oliveira Mira, João Eugênio Moreira Jr, Pedro Lobo e Mário de Souza Lobo, Victorino de Souza Bacellar, entre muitos outros, eram nomes que integravam esta rede, que incluía também aliados de outras origens, mas também ligadas ao negócio da erva-mate, como Bernardo Stamm, Ernesto Canac e Etienne Douat, por exemplo.

Os descendentes destas famílias continuaram atuando na construção da cidade até hoje e são lembrados nos estudos sobre aquele período ou em nomes de ruas ou instituições. Um exemplo disso é a família Moreira. O patriarca, João Eugênio Moreira Jr, nasceu em 1844 nesta região e atuou na vida pública ao longo da segunda metade do século 19. Bisneta de João Eugênio Moreira Jr, Marina Moreira Braga explica que ele foi eleito vereador em 1887 para um mandato que iria até 1891. Com a Proclamação da República em 1889, a Câmara

Municipal foi dissolvida e criado Conselho da Intendência, do qual ele passou a fazer parte. Depois disto, ainda participou por mais dois mandatos, no século 20. “A importância das famílias lusas em Joinville se dá em um período do final do século 19 até por volta de 1930. Era uma hegemonia nesse período”, constata Marina.

João Eugênio Moreira Jr casou-se com Guilhermina Witt e teve sete filhos. Na sua rede de relacionamento e compadrio está João Gomes de Oliveira. E ao observar alguns laços de casamento de seus filhos é possível identificar personalidades que se destacaram na vida de Joinville ao longo do século 20. “O compadrio e o parentesco formaram um entrelaçamento muito grande. Este entrelaçamento permanece até os dias de hoje”, analisa.

O filho mais velho do patriarca, João Eugênio Moreira Neto (que tinha um irmão gêmeo, Procópio), avô de Marina, casou-se com Ana de Oliveira Mira, que era irmã do jornalista Crispim Mira e neta de João Gomes de Oliveira. A terceira filha, Herondina Moreira, casou-se com o industrial Henrique Douat, da H. Douat e Cia, que tinha forte atuação no ramo metalúrgico e madeireiro, além de companhia de seguros e representação comercial de marcas nacionais. A quarta filha, Frida, casou-se com Otávio Rosa, a quinta filha, Adelina casou-se com Eduardo Gonçalves (Farmácia Minâncora), a sexta filha, Marietta casou-se com Ernesto Lopes e o filho caçula, Eugênio, casado com Paula Stewe, seguiu os caminhos do pai como político e foi industrial na área têxtil – hoje ele é homenageado com uma rua que leva seu nome, no bairro Anita Garibaldi.

(Esta matéria foi publicada originalmente no jornal Notícias do Dia)



RODRIGO BORNHOLDT

Rodrigo Meyer Bornholdt nasceu em Joinville, em agosto de 1971.

É advogado, formado pela Universidade Federal do Paraná (1995). É Mestre em Direito do Estado pela UFPR (2001) e doutor em Direito das Relações Sociais, também pela UFPR (2004). Fez estudos em Berlim (1998-1999) e Münster (2015), na Alemanha, sobre direitos fundamentais e direito econômico. Foi professor de Ciência Política e Direito Constitucional na UNIVILLE, entre os anos 1999 e 2001. Foi Procurador-Geral do Município de Joinville, em 1997 e 1998. Foi vice-prefeito de Joinville e presidente da Fundação Cultural de Joinville (FCJ) entre os anos de 2005 e 2008. Desde 2013, é cônsul honorário da Alemanha em Joinville – SC.

Publicou os seguintes livros: “ICMS/SC Regulamento Anotado” (em co-autoria), Curitiba: Juruá Editora, 2001. “Métodos para a Resolução do Conflito entre Direitos Fundamentais” - Revista dos Tribunais, 2005. “Princípios Constitucionais e Direitos Fundamentais - Contribuições ao Debate” (co-autoria) Curitiba: Juruá Editora, 2006; “Liberdade de Expressão e Direito à Honra: uma nova abordagem no Direito Brasileiro” Joinville: Bildung Editora, 2010; “Direito Constitucional Brasileiro – Teoria da Constituição e Direitos Fundamentais” co-autoria). São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2014. “Gás Natural no Cenário Brasileiro” (co-autoria) Rio de Janeiro: Editora Synergia, 2015. Publicou e

proferiu vários artigos e palestras, sobre temas jurídicos e políticos.

O UNIVERSO IRREQUIETO DE CAIO FERNANDO ABREU

Foi tardiamente que conheci Caio Fernando Abreu. Há cerca de oito anos, surpreendi-me com o vigor de seus contos. E há poucos meses, concluí *Onde Andará Dulce Veiga*, um de seus romances.

Nesse pretense ensaio, de pura veleidade, vou tratar apenas desse romance e de uns poucos contos do livro “O Ovo Apunhalado”. Aqui já há, porém, muito do universo irrequieto de Caio F. Abreu.

Dulce Veiga é um romance em que um jornalista e escritor sai em busca do paradeiro de uma diva dos anos 60, que sumira sem deixar rastros.

A busca incessante por Dulce Veiga parece refletir um desejo de redenção, de superação pela arte. Ou pela mera expressão artística que pode existir em cada um de nós. Afinal, o romance começa e termina com referências ao cantar. Veja-se as primeiras frases: “Eu deveria cantar. Rolar de rir ou chorar, eu deveria, mas tinha desaprendido essas coisas.” A última também faz referência ao cantar. Cantar é um exercício de libertação. O personagem se reencontra com a esperança quando consegue cantar.¹

¹ Apenas quando encerrava esse ensaio é que consultei outros ensaios ou críticas sobre *Dulce Veiga*. Devo essa referência ao cantar a Idilva Maria Pires Germano e Daniel Mattos de Araújo

A despeito de evocações recorrentes à cultura pop, esse é só o pano de fundo para a busca mais profunda de Caio e de seu personagem. Dulce Veiga, então, parece mesmo ser um pretexto. De pureza decaída? E, depois, de pureza regenerada? De uma boemia redentora, pela arte? Pois as *Vaginas Dentatas*, o grupo musical liderado pela filha de Dulce, Márcia, não exprime essa possibilidade. A geração seguinte já não traz consigo a possibilidade de uma epifania.

Dulce Veiga, a personagem, remete também à nostalgia do que poderia ter sido, não tivesse o Brasil vivido tempos políticos tão pesados. Sentindo o peso da realidade, Dulce foge porque Rafic, todo-poderoso na ditadura, ameaçara jogar o nome dela no lixo, destruir sua reputação. Um assassinato de reputação, um *Rufmord*, como diriam os alemães.

Pra piorar, a trama toda se passa num verão sufocante, que torna o ambiente do romance quase claustrofóbico.

O pretenso herói do livro, nosso personagem principal, é anônimo. E, a despeito de um livro de poesia publicado, ainda não se encontrou no mundo. “Na verdade, o romance inteiro é o pobre buscando a própria *anima*”, refere o próprio Caio². Ele reflete esse desespero, essa busca, nas seguintes palavras: “E além deles, aquela criatura de grisalho peito cabeludo em que pouco a pouco eu ia me transformando, enquanto a vida rolava e nada, nada acontecia.” E referindo-se a uma possível e inverossímil salvação pelo dinheiro: “Nem sequer correntes de ouro para exibir entre o matagal grisalho.”

Lima: *Nomadismo e solidão na cidade veloz: alegorias da compressão espaço-tempo na ficção de Caio Fernando Abreu.*” E referem correspondência de Caio em que este afirma: Dulce Veiga é um livro todo construído no sentido do encontro com o ato de CANTAR. Que se possa cantar, e o universo passa a ter sentido.”

² Correspondência de Caio com Maria Lídia Magliani, 19.3.90.

Essa busca, nas palavras do próprio Caio, reflete-se nos outros personagens. Diz Caio, referindo-se a seu processo de criação literária, que seu personagem, um pouco anódino, continua em sua busca pessoal, e que os demais são inclusive seus alteregos.

No estilo, Caio é contemporâneo. Usa e abusa das referências à cultura pop. E isso o torna ao mesmo tempo acessível e fascinante, sem perder, claro, referências culturais profundas. Como nessas passagens:

“Naquele tempo, remói, antes que a vida se transformasse numa sucessão de manhãs iguais às de Gregor Samsa, naquele tempo pelo menos sabia escrever.”

“Aquele som real furando a manhã. Grosseiro demais para um cravo, vulgar demais para Haendel.”

As caracterizações contemporâneas fazem parte de um estilo transgressor, cuja linguagem também é pop. Tem-se ali a São Paulo dos anos 60 e do final dos 80, com descrições da cidade e de sua decadência. Revela contemporaneidades, desde a música até as cores, lugares e hábitos da renovada Paulicéia desvairada. Que remete também a outros lugares do Brasil, inclusive ao nosso peculiar Sul.

Há referências literárias. Há nomes de rua, de discos, de cantores (Marina, Rita Lee, Cazuza, Jim Morrison, Suzanne Vega, Sinead O'Connor, Janis Joplin, Tina Turner), de chás modernos, de programas de televisão. Ao I Ching, ao horóscopo. Há consumo de drogas, maconha, cocaína, heroína, por personagens quase todos decadentes.

O tom da narração é frenético. Mas é também alternado com passagens românticas, propositalmente em *itálico*! Por outro ângulo, essa parece ser também a impressão da crítica da editora francesa que adquiriu os direitos para publicação: “Le style est a fois poétique et efficace, et sert tantôt la violence du monde de rock, tantôt la nostalgie des années 60 et de la bossa-nova”.

Há passagens do desencantamento da nova geração, como nesta poesia:

“O passado é uma cilada,
não há presente nem nada,
o futuro está demente:
estamos todos contaminados.”

E também a inevitável redenção e heroísmo da escrita, familiar a quase todo escritor:

“Escrever tem desses mistérios. De repente, sem esperar, um dia você consegue despertar alguma coisa que está viva dentro de muita gente”, dito na voz do editor Castilhos.

O livro expressa também o desencantamento com a situação nacional e com o relegar da cultura a um plano acessório. Para a burguesia paulistana, encarnada em Rafic, dono do jornal em que nosso herói trabalha, anticomunista ferrenho e apoiador do regime militar, a cultura tem papel acessório, a despeito de sua mulher publicar um livro de poesias. A cultura está à margem da vida real, feita de dinheiro, de opressão e de mandonismo: “gosto de conviver com os jovens. Quem sabe uma noitada daquelas bem artísticas, faz tempo que a gente não”, diz Rafic. O clima da casa era regado a músicas de Ray Conniff (já decantanda de todo vigor da música clássica) e Simone, tão próprias a ambientes burgueses da época.

Em detrimento da fantasia, tão presente em seus contos, nesse livro há um forte tom autobiográfico. O personagem principal é bissexual, confundindo-se com o próprio Caio. E a AIDS aparece com todo o horror que a caracterizou nos anos 80 e 90 e que, por fim, vitimou o escritor. Com Lúdia, sua parceira

no livro, o amor era sem graça (para alguns, nem fica caracterizada a relação conjugal entre os personagens). Caio fala dessa condição num tempo em que a homossexualidade ainda era tabu no Brasil. Ele mesmo parece, porém, divertir-se com alguns arroubos. Como na parte da Pietá gay, peça apresentada no romance como uma subversão do *Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues.

Em meio a suas divagações, a sua escrita genial, a cogitações existenciais e confissões íntimas, Caio tenta emplacar um *thriller*. Dá-lhe o formato de um filme *b*, daí o subtítulo: um romance *B*, com clichês e estereótipos propositais, típico de filmes policiais e *noir*.³ Com efeito, vários personagens são confusos, cômico-dramáticos, às vezes estereotipados, como Terezinha O'Connor, Castilhos, o redator do jornal; o machão Rafic, saudoso da ditadura militar; e a roqueira Márcia, em sua rebeldia já tão previsível.

Como não se deixar seduzir pela saudade de Dulce Veiga, linda, loira de olhos verdes e de maçãs salientes, envolta numa névoa de mistério, de melancolia, de fumaça de cigarro, uma criatura avessa ao dia? Sua poltrona de veludo verde

³ Outra possibilidade (pouco crível, a meu ver) do porque do subtítulo é referida por Bárbara Loureiro Andreta, na resenha ao livro de Anselmo Peres Alós: “A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano. Florianópolis: Mulheres, 2013. Segundo Andreta, “uma leitura do subtítulo, tendo por referência o mercado fonográfico, sustenta a possibilidade de que, desde o seu subtítulo, o romance de Caio Fernando Abreu já anunciava a experimentação narrativa diferenciada do que poderia ser considerado o lado a do escritor, a saber: suas coletâneas de contos, especialmente o sucesso de crítica e vendas Morangos mofados, publicado em 1982. Este romance é conduzido por uma voz narrativa autodiegética, sinalizando a reivindicação, por parte de quem narra, de uma participação quase que autobiográfica na construção da narrativa...”.

encarna todo aquele ambiente *noir*: serve como símbolo de boemia e de encantamento.

Não faltam descrições de sonhos no romance. Caio aproxima-se aqui de autores contemporâneos que consideram fundamental, para a construção de seus personagens, a presença de uma tessitura freudiana. Mesmo Sartre, que se recusou obstinadamente a aderir à psicanálise, enfatizava a importância de personagens cujas manifestações inconscientes estivessem presentes.

Mas a leitura atenta de Dulce Veiga justifica a afirmação amplamente difundida de que Caio é mais contista do que romancista. Sustentar um romance não deve ser fácil. E, lá pelas tantas, os personagens principais parecem se cansar de si próprios.

Nosso protagonista vai e volta em suas descobertas de sua homossexualidade. Prende-se à ação com outros personagens de um modo um pouco circular, tateante. Em certos momentos, a trama parece ter dificuldades de continuar. Em favor do autor, porém, vale situar também o leitor: não li o livro de uma sentada, porque estava entretido com outras questões e temas importantes. Isso talvez tenha enfraquecido minha percepção da totalidade da obra.

CONTOS

Já em “O Ovo Apunhalado”, as estórias são espessas, precisas, comparando-se aos melhores contos fantásticos que conheço.

Caio aproxima-se da melhor ficção fantástica no conto *Eles*, quando descreve os hábitos e características de seres que parecem vir de outro mundo. Trata-se do uso do fantástico como subterfúgio para fazer fluir suas paixões, para exorcizar seus fantasmas, para expressar seu inconformismo diante do *status quo*. Em certas descrições de personagens, Caio, parece-

me, aproxima-se do ficcionista Stanislaw Lem, autor polonês da época da guerra fria.

Os personagens são psicodélicos e alienígenas, dando fim à modorra de um povoado. Seu começo é genial: “O que eles deixaram foram esses três postulados: importante é a luz, mesmo quando consome; a cinza é mais digna que a matéria intacta e a salvação pertence apenas àqueles que aceitarem a loucura escorrendo em suas veias”. É uma revolta contra a normalidade, mas não só contra um tipo de sociedade; parece mesmo uma revolta contra a condição humana, as limitações da vida, da existência, e uma tentativa de dela extrair aquilo que realmente importaria: a luz, o amor, a revolta contra a normalidade! É um grito furioso contra a realidade e suas limitações. Apenas aqueles que enxergam serão salvos!

Esse conto traz consigo a marca da revolta, mas também uma escrita despojada, que busca superar limitações próprias à linguagem. E as polaridades expressas no conto, o nós e eles, fundem-se na ambiguidade humana.

Em “Réquiem por um Fugitivo”, o conto revela novamente uma dimensão onírica, da ordem do fantástico. Há um anjo entre o protagonista e sua mãe, cuja morte é iminente.

APROXIMAÇÕES À CULTURA POP E A LITERATURA COMO REFERÊNCIA

Que bafejo de criatividade, de contemporânea erudição, temos na literatura de Caio F. Abreu, nós, da geração anos 80, cuja maioria cresceu à sombra de telenovelas, de seriados, de uma cultura pop devassada. Nossas referências culturais maiores, para aqueles que não tiveram a sorte de uma boa orientação pessoal, eram as de uma literatura mal imposta pela escola.

Mas é justamente aí que se revela uma das qualidades da obra de Caio e sua capacidade de empolgar públicos diversos, para além dos círculos literários convencionais. Num tempo em que boa parte da literatura tornou-se hermética, quase esotérica, essas referências provocam e convidam o leitor com menor formação cultural a também se interessar por literatura de verdade.

E sejamos justos: já há um bom tempo houve o retorno de uma literatura voltada a um público mais amplo, menos hermética (aquela do tipo James Joyce em *Ulysses*). Mas talvez seja tarde demais, é preciso desesperadamente formar público. Ante a hegemonia da comunicação visual, com múltiplas ofertas culturais, de filmes, seriados, novelas, Netflix, *downloads* e *streamings*, qualquer literatura um pouco mais profunda corre o risco de se tornar hermética. Menos por si, e mais pelo público que não está ou não se sente qualificado a acompanhar essa oferta literária fascinante.

Na literatura de Caio, nesse espaço *pop-culto*, num romance B, há, sim, espaço para uma profunda psicologia, e para um notável conhecimento da alma e de situações-limite. Como na parte da separação entre Dulce e Alberto Veiga: “Depois de uma fase de queixas e acusações – ‘esse espaço de rancor inevitável’, ele dizia, ‘quando o amor acabou e ainda não teve tempo de transformar-se em alguma outra coisa, boa também’”. Ou então ao referir que se buscava “uma outra espécie de casamento. Menos passional, mais artístico.”

Caio, para nós da geração anos 80, suplanta, nas possibilidades de identificação com as referências culturais trazidas em sua obra, outros monstros da literatura recente brasileira, como Antonio Callado. Callado, em seu *Reflexos do Baile*, ou no *Sempreviva*, remete a cenários datados e específicos. O primeiro, à luta armada e às dificuldades de uma geração durante a ditadura. O outro, às vicissitudes de uma cidade de fronteira, no longínquo pantanal brasileiro.

Em um parágrafo, Caio faz uma descrição de personagens da vida cotidiana brasileira que supera alguns tratados sociológicos. Nosso herói, o narrador anônimo, cogita se procura ou não seus velhos amigos. Ei-los: Nelson, que segundo si próprio, não faz nada além de alimentar a mulher e as três filhas; Maria do Carmo, membro típico do “Lamuriento Exército das Vítimas do Feminismo”, com um filho, sem marido ou amante, “carnes e sonhos despencando pelas academias de aeróbica e redações de revistas femininas”; Fernando, cheirador de cocaína, capaz de brochar com a primeira prostituta ou travesti que pegasse. Mas além desses, havia a “Lépida Legião Daqueles que Tinham Dado Certo”: todos casados, vamos fazer uma jantinha, venha ver os vídeos de Tóquio, os computadores de Nova York, os vinhos de Paris. Todos numa “amargura explícita ou atenuada por *fondues*, sessões de slides e *armagnacs* importados.” Ficar só “era mais limpo”. Ou então quando ele arma sua “mais profunda voz de Homem Maduro & Compreensivo, Embora Fatigado das Loucuras da Juventude”.

JOINVILLE E A LITERATURA

Nossa cidade é ainda cruel com a literatura e com a erudição. Aqui há um esforço do coletivo, com raras exceções, para fazer apenas vicejar as ciências aplicadas, aquelas que fazem rodar a engrenagem da indústria.

Sim, nessa cidade, como de resto no mundo contemporâneo, as cosmovisões não se dão mais pelas ciências, pela filosofia e pela literatura. Em Joinville, as referências e os modelos de vida (que as novas gerações que estão vindo nos resgatem) precisam ter um cunho utilitário. Se não servir para fomentar a economia, para gerar mais capital, para se ganhar dinheiro, enfim, a criação artística deve ser rechaçada. Não à

toa que já se extinguiu a Fundação Cultural e o Carnaval quase virou caso de polícia. Assim, uma lógica de cálculo, tão presente entre nós, e tão necessária para uma economia saudável, adentra, indevidamente, em outra seara existencial e contamina o evolver de outras manifestações essenciais, inclusive a artística.

Decerto que isso só se acentua nos dias atuais. Em nossa geração, dos anos 80, o modelo social hegemônico a ser seguido nos era passado pelos capitães de indústria locais, e pelo espetacular desenvolvimento econômico autônomo de nossa cidade. Agora, nesse começo do século XXI, intensificase o modo de vida norte-americano e sua individualidade difusa, de resto perpassadora também da lógica do cálculo para além da seara econômica.

QUE VENHAM OUTROS

Há algum tempo desconfio da ideia de gênio, de alguém extraordinário que estava quase predestinado a fazer o que fez. Mas o brilho da obra de Caio ofusca e ao mesmo tempo nos alimenta, a nós, meros mortais! E talento, dizia Caio, é mesmo coisa rara! Que venham outros, com talento ou, melhor ainda, com esforço, resgatar as futuras gerações do tédio e da modorra do cotidiano!



SALUSTIANO DE SOUZA

SALUSTIANO LUIZ DE SOUZA nasceu em Itajaí, SC, vindo radicar-se, desde criança, na cidade de Joinville, onde reside até hoje.

Leitor assíduo desde tenra idade, possui formação acadêmica em Economia e Direito, com especialização nas áreas de Economia Industrial, Direito Empresarial e Direito Previdenciário.

Exerce a profissão de advogado, tendo sido o fundador e hoje sócio do escritório de advocacia Souza Postai Advogados Associados, de Joinville.

Com atuação profissional em diversas empresas, foi também professor universitário durante vários anos, lecionando nas áreas de Economia, Administração e Direito.

Publicou diversos artigos e contos em periódicos e jornais. É autor dos romances “O ETERNO BARNES” e “AS SETE LUAS”.

É o diretor financeiro da Academia Joinvilense de Letras

A ESCALADA DO BATUR

Não pode deixar de reparar na senhora que levantou-se com muito custo ao ser chamada. Provavelmente passara dos oitenta, assim como ele. Lembrou-se de suas articulações doloridas ao perceber o esforço que ela fazia para sustentar-se na bengala, embora mantivesse o sorriso que nada denunciava. Tinha singela beleza, daquelas que as agruras do tempo não conseguem apagar. Certamente era bela quando jovem e, percebia-se em seus trejeitos, vaidosa agora.

Eram poucos ali, todos velhos e alquebrados, a seleção era rigorosa e para poucos. Não sabia por que, talvez em razão dos olhos azuis cobalto, talvez pelo dourado dos cabelos, o certo é que ela havia chamado sua atenção. “Como a idade é cruel”, pensou com amargura, apegando-se às lembranças dos bons tempos de aventureiro.

Mas agora o sorriso da atendente o chamava, tirando-o da letargia daqueles pensamentos gostosos. Imitando sem intenção a senhora loira, levantou-se com dificuldade e firmou a bengala no chão, dirigindo-se trêpego ao atendimento.

“Então o senhor foi selecionado”, falou a moça sorridente, como se fosse uma congratulação. Ele apenas assentiu com a cabeça, tentando não demonstrar a ansiedade que de muito o acometia.

“O senhor já sabe como funciona, não? Seu pacote é de três meses...”

“Quando vamos entrar?” a curiosidade se mesclava à ansiedade.

“Daqui a pouco, já vamos iniciar. Só precisa autenticar esse documento”, estendeu-lhe papéis de letrinhas miúdas que ele sequer quis olhar.

“Sem problemas”, falou estendendo o indicador para o scanner, com essa idade não tinha porque questionar contratos.

“Tudo certo” o atendente olhou o homem de branco que se postara ao lado, o qual com um sorriso bondoso o ajudou a levantar-se. Com passos arrastados passaram pela porta de vidro negro que abriu-se repentinamente. Até então não imaginava que ali havia uma porta.

Uma pequena sacudida anunciou a leve turbulência. Abriu os olhos e viu a aeromoça sorridente a lhe oferecer champanhe. Não lembrava quanto tempo havia dormido, sentia-se um pouco estranho, provavelmente em razão da altura, nunca gostara de voar. Então viu suas mãos. Ficou ali parado, admirando-as tão lisas, até que resolveu ir ao banheiro. Levantou-se rápido, teve que aguardar, estavam ocupados. Percebeu as moças e rapazes que foram formando fila atrás dele, coisa incomum para quem viajava na primeira classe. A porta abriu-se e ele entrou rapidamente, fixando os olhos no espelho, contemplando, curioso, seu rosto.

Um rapaz loiro, diria uns vinte e poucos anos, olhos azuis claros e bonito rosto. Deu um sorriso e a alvura dos dentes inundou o pequeno compartimento. Sentia-se feliz, nossa... como se sentia feliz. Voltou ao assento, a aeromoça lhe sorriu e ele aceitou a champanhe, precisava comemorar. Percebeu que os outros também pediam, meio tímido ergueu a taça e ouviu um “saúde” quase sincronizado.

Sentiu uma excitação incomum e levantou-se, muitos estavam conversando animados, como crianças que ganharam brinquedos novos.

“Prazer, sou David”, falou para a moça loira de sorriso aberto.

“Alice”, respondeu com os olhos azuis, balançando levemente os cabelos cacheados.

“Então você escolheu Bali”, a pergunta soou como afirmação, enquanto o sorriso vivaz perscrutava aquele rostinho

com sardas. Estavam quase chegando. Os olhares trocados denunciaram que o universo estava conspirando para que fossem felizes, os sorrisos inundavam cada rosto e a alegria estampava-se nas recordações agora compartilhadas.

Tiveram que sentar, o avião iniciava o procedimento de pouso. Fechou os olhos e curtiu aquela sensação gostosa de ser dono do mundo. Como é bom ser jovem, sentir-se poderoso. Já não sentia mais medo de avião.

O aeroporto de Denpasar não era grande, mas bonito. Olhava com atenção os grandes portais terracota que se estendiam ao lado das paredes, como se templos fossem. Seguia a algazarra que caminhava em direção à imigração e depois à esteira das malas. Ainda estava se sentindo estranho, agia como autômato, os pensamentos se mesclavam às recordações, a excitação não o deixava pensar direito, não conseguia desgrudar os olhos de Alice.

“Olá, *bienvenidos*”, a guia os esperava no saguão, misturando as linguagens num sotaque carregado que fluía de um sorriso receptivo.

Na pequena van já não havia muito barulho, ouviam atentos as explicações: “amanhã será livre, recomendo visitar a floresta dos macacos; na segunda começaremos o curso de idiomas...”. Estavam quase chegando a Ubud, pequena vila no coração da ilha de Bali.

O Villa Lumia era esplendoroso. Um cinco estrelas que conservava todos os traços locais num requinte de primeira grandeza. David olhava com atenção os entalhes de madeira, esculpidos por mãos hábeis, sempre gostara de obras de arte e estava tendo a oportunidade de sentir esse gosto aflorar novamente.

Entrou na pequena piscina tépida que o convidava a fugir do mormaço da noite de breu. Fechou os olhos e deliciouse nos pensamentos: Sim, o dinheiro podia comprar muitas coisas. E quando se é jovem, essa lista beira o infinito.

A porta abriu-se ligeira ao leve toque do indicador. O homem com roupa branca apertou os olhos por baixo dos óculos grossos, pois a penumbra contrastava com o arsenal de aparelhos de luzes faiscantes, como se cuspissem traços multicoloridos no ar. O homem da mesa levantou a cabeça e sorriu. Seu turno havia acabado.

“Tudo bem por aqui?” Ele apenas sorriu, não havia necessidade de resposta, as câmaras de vidro continuavam enfileiradas entre os aparelhos luzidios, os rostos dos pacientes continuavam inertes, submersos na solução aquosa, com tubos e fios saindo por todos os lados.

Olhou a senhora loira de bengala na câmara 5, lembrou da pergunta que ela fizera: “será que vou acordar mesmo?”. Agora ela estava ali, com os olhos de azul-cobalto abertos, brilhando sob a camada de solução líquida, fitando o nada. Nenhum movimento, apenas o suave farfalhar, quase inaudível, da respiração mecânica. Estaria ela viva?

“Soubeste da tempestade solar?”. Ergueu os olhos assentindo, saindo do mar de pensamentos, a tempestade seria de magnitude 5, sempre um problema para a companhia e principalmente para eles, era trabalho dobrado.

Voltou a olhar para a senhora loira, ela, desde que chegara, lhe chamara a atenção. Parecia irradiar um desejo incontido de viver, difícil descrever, coisa que só os olhos diziam. “Porque esse desejo eterno de sermos eternos?” pensou, “porque essa busca insaciável pela fonte da juventude?”.

Fechou os olhos na penumbra, ouvia-se apenas o som gutural das respirações forçadas, o ar sendo impelido inexoravelmente naqueles corpos inertes, bips quase inaudíveis emitidos pelos aparelhos que riscavam o escuro com suas linhas de altos e baixos. Saindo do transe começou a examinar os relatórios de atividade neural dos pacientes. “Devem estar se divertindo”. O colega já havia ido embora.

Recolheu o dinheiro que parecia brotar na abertura do caixa eletrônico e o contou, “essas máquinas não erram mais...”, colocou no bolso, “tudo é fácil quando se tem dinheiro”. Subiu na motocicleta e acelerou, esgueirando-se dentre as centenas delas que iam e vinham nas estreitas ruelas de Ubud. Sentia o ar quente da tarde no rosto e a incrível sensação de ser jovem, “um moleque”. Parou na frente do hotel, Alice já o esperava. Deu-lhe um beijo rápido e ela subiu na garupa sorrindo.

“Já busquei o voucher”, falou ele sorridente, “vamos escalar o Vulcão Batur”, ela apenas sorria com o azul dos olhos, “nessa madrugada, precisamos acordar as duas”. Riram o riso desprezioso dos jovens e partiram rumo ao bar.

Na conversa que fluía gostosa entre os turistas mesclavam-se risadas em diferentes idiomas, pois a amizade e o sorriso são linguagens universais. Na mesa deles o bom gosto do vinho era servido com as reminiscências de um tempo que agora parecia longe, lembranças evocadas no tilintar dos talheres. No refinamento de seus modos percebia-se não serem jovens comuns.

Gostavam de conversar com Fernandez e Mirian, insertos como eles, combinavam em tudo, até nos papos de filosofia que viravam a madrugada. “Mas hoje vamos indo, o Batur nos espera”. Os quatro iriam nesse que era um programa imperdível em Bali, escalar o vulcão para assistir o nascer do sol no ponto mais alto da ilha.

Acordaram as duas da madrugada, a van os apanhou as duas e meia. Alegres com as mochilas nas costas, conversavam no escuro. Pararam no sopé do monte para tomar café, por sinal horrível, com banana frita, numa tenda de aspecto sujo. Chegaram na base do vulcão perto das quatro horas da manhã. Não imaginavam que pudesse haver tanta gente naquele lugar.

“Olá, sou Malila, serei sua guia”, falou a moça de rosto arredondado, tez morena e dentes alvos que sobressaíam nos

lábios grandes, “trouxe lanternas para vocês. Me aguardem aqui”. Era um guia para cada seis pessoas, todos tomaram suas lanternas e ficaram reunidos na penumbra.

“Que excitante”, falou Alice.

“Pena que vai acabar logo”, o pesar pesava na fala de David.

“E se existir algum modo de driblar o sistema?” perguntou Fernandez.

“Ficar aqui feliz para sempre, tipo conto de fadas?” Não dava para distinguir se era sarcasmo ou tristeza na voz de Mirian.

“Vamos indo pessoal!” a guia apareceu do nada e iluminou o grupo. Acenderam as lanternas e começaram a caminhar. Precisavam iluminar o caminho, o escuro pintava tudo de negro. Quase automaticamente fizeram fila em duplas, o outro casal postou-se à frente junto com a guia, Mirian e Alice estavam um pouco atrás, David acercou-se de Fernandez:

“E essa história de driblar o sistema?”. Não dava para dizer se a excitação era em razão da escalada ou da curiosidade.

“Eu fui engenheiro da companhia”, falou Fernandez baixinho, “ajudei a criar o sistema”.

“Está falando sério?” A noite não permitia ver os olhos arregalados de David.

“Sim, desde a primeira versão”.

Mas então você sabe como a coisa funciona...”.

“Sim, e é simples, só precisa de tecnologia”. Fernandez respirou fundo, começavam a ofegar, já dava para sentir o aclave do terreno.

“Funciona assim: Eles conseguem corpos jovens, de preferência que não sofreram grandes estragos ao morrerem e os mantém em estoque. Os velhos milionários, como nós, contratam o serviço, eles encontram o corpo ideal, fazem a adaptação do seu biótipo e tcham, tcham, tcham, você fica jovem de novo.”

“Você diz que isso é simples?” perguntou David encarando o amigo. A penumbra já dera lugar à uma tênue claridade, dava para distinguir as silhuetas. “Mas como fazem eu ser eu mesmo, quer dizer, eu lembrar de tudo o que eu fui...”

“Eles fazem a reconstituição da sua pele e das digitais, implante de olhos, copiam sua memória, ou seja, refazem você num outro corpo. Lembra daquela tarde dos exames médicos?”, David assentiu, “foi quando vasculharam suas memórias procurando imagens para saber como você era aos vinte anos.”

“Mas meu corpo está lá com eles, não?”

“Sim, está em stand by, porque na realidade você está aqui”.

“E porque não posso ficar aqui para sempre?”

“Porque estamos conectados a uma base aqui, que está conectada à base de lá. Você possui três chips implantados”, falou Fernandez, mostrando o punho, a nuca e o quadril.

“Então não tem saída...”, a voz de David soou triste.

“Acho que tem”, falou Fernandez.

“Vamos parar um pouco aqui”, a guia cortou a conversa. Era uma clareira larga, haviam caminhado cerca de uma hora e meia e muitos estavam sentados sobre as mochilas, descansando. “Daqui para frente a subida fica mais difícil, o terreno é mais íngreme”, a guia apontava o monte que quase não aparecia à frente. “Então todo cuidado é pouco”. Tomaram água e sentaram.

Recomeçaram o caminho após cinco minutos. David mal podia esperar.

“Qual saída?”, perguntou baixinho.

“Um vírus de computador”.

“Vírus?”

“Sim, implanta um vírus na base daqui, ela manda informações falsas para a base da origem, entende?” Não, David não estava entendendo nada.

“Como te falei, a base daqui nos monitora pelos chips e transmite as informações para a base da companhia. Eles te acompanham vinte e quatro horas. Depois de três meses, no final do programa te desligam, repassam as memórias de volta para teu corpo velho e te acordam”.

“E o que fazem com esse corpo que tenho agora, o novo?”

“Deixam em stand by esperando um novo cliente. Na realidade não fazem qualquer alteração, é bem provável que você queira voltar. Isso aqui vicia, cara”.

“E o corpo já está prontinho...”.

“Sim, eles tem uma mina de ouro, vão arrancar cada centavo seu”.

“Tá, mas não entendi onde entra esse vírus.”

“O vírus substitui as informações que os teus chips enviam para a base, aí você pode fazer o que quiser”.

“Não entendi”.

“Pelo teu contrato você não pode sair de Bali, certo? Você lembra o que acontece se sair?”

“Sim, eles me levam de volta”.

“Eles te desligam, cara, jogam esse teu corpo jovem no depósito e colocam pra funcionar o velho David que está lá na solução aquosa, simples assim”. David aos poucos ia entendendo a mecânica da coisa.

“Mas se na máquina aqui tiver um vírus, um totem seu, que fica informando a base da companhia que você está cumprindo seu contrato direitinho, você pode ir para onde quiser que eles não irão saber”.

“Será?”.

“Sim, esse é um programa sigiloso, ninguém lá fora sabe como funciona direito. E eles não querem que ninguém saiba.

Sua família acredita que você está fazendo um cruzeiro pela Ásia, não?” Era verdade, havia um contrato de

confidencialidade e para todos os efeitos ele estava em viagem de turismo.

“E aí podemos fugir para bem longe, é isso?” David quase caiu ao tentar escalar uma pedra. Foi segurado por Fernandez.

“Mas você acha que eles não vão fazer nada?”

“Eles virão atrás de nós como lobos. Vão nos matar. Esse teu corpo novo aí vale muito dinheiro. Além disso, não vão querer que alguém saiba como funciona o sistema”.

“Então não temos saída...”.

“Para tudo há saída. O vírus vai ficar enganando eles até o final do contrato. Só então que eles vão descobrir que foram enganados. Temos que ser mais espertos, nesse meio tempo precisamos fugir, nos transformar em outras pessoas...”.

“Cirurgia plástica?”

“Isso, precisamos mudar tudo, digitais, pele... na Tailândia é fácil, depois conseguir outros documentos...”.

“Transferir bens e valores sem deixar rastros... Fui banqueiro a vida toda...”. Fizeram silêncio, o caminho estava cada vez pior. Uma dúvida: “E nosso corpo velho, o que vai acontecer?”.

“Vão levar para a família e dizer que tivemos um AVC no Taiti”. Novo silêncio, a cabeça de David trabalhava a mil por hora.

“Mas porque você não fez isso ainda?”.

“Por dois motivos: Preciso um mínimo de três computadores trabalhando juntos, dois ficam exigindo cem por cento de processamento da central enquanto o outro vai alterar o programa base e inserir o vírus.”

“Você falou em dois motivos?...”

“O outro é pior, as duas bases precisam estar desconectadas”.

“Putz... Tem como desconectar?”

“Em algumas ocasiões eles são obrigados a desligar a base da companhia. Chamam isso de congelar o sistema. Os computadores de lá trabalham em rede neural, muito sensíveis, então qualquer instabilidade pode afetar os corpos inertes, as vezes até matar.”

“E quando eles desligam?”

“Quando tem tempestade solar, por exemplo”. Fernandez ajudou Mirian que não conseguia subir um pequeno barranco.

“Por sinal”, voltou-se para David, “está previsto uma grande tempestade solar para daqui a três dias”.

A claridade do dia já mostrava as rochas nuas, estavam quase no pico do vulcão, havia muita gente ali.

“Chegamos”, agora dava para ver o sorriso largo da guia, “Podemos sentar ali”, apontou um pequeno amontoado de pedras onde havia alguns lugares. David olhou ao redor, havia centenas de pessoas de todas as raças e linguagens.

“Olhem! Alice apontou o tênue alaranjado do céu que começava a despontar. Só então David percebeu que já era dia, embora o sol teimasse em manter-se escondido. A guia apareceu com enormes xícaras de chá quente, estava frio ali.

“Tudo bem?” Alice e Mirian perguntaram quase juntas.

“Precisamos conversar”, David olhou para Fernandez.

“Sim, assunto sério.”

Um enorme clarão laranja despontava no leste, um espetáculo multicolorido de sensações. Os quatro, sentados sob a luz que agora os aquecia, assistiam o sol nascendo lentamente, nascendo com a mesma esperança que nascia em seus peitos, esperança que se agarrava à vida, esse sopro misterioso que não nos permite saber seu início e seu fim.



MILTON MACIEL

O acadêmico Milton Maciel, escritor, editor, consultor agrícola, conferencista internacional e músico, é gaúcho da fronteira. Viveu 25 anos em São Paulo, onde foi fabricante de aparelhos científicos para análise química, agricultor orgânico e consultor; e 4 anos em Maceió, Alagoas, onde foi Secretário de Agricultura. Escolheu Joinville para morar no ano de 2003. De 2006 a 2014 residiu e trabalhou também nos Estados Unidos, como conferencista, *ghost writer* e instrutor de escritores.

Tem, até o momento, 36 livros publicados em 3 idiomas, entre romances, contos, poesias, ensaios e livros técnicos de astronomia, nutrição, etanol, agricultura orgânica e escrita criativa.

É também membro da Associação das Letras e da Confraria do Escritor, ambas de Joinville; e da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul.

Criador e titular do Curso de Formação de Escritores “O Escritor Publicável”, é atualmente o presidente da Academia Joinvilense de Letras, para o triênio 2016-2019

BLOG: <http://miltonmaciel.blogspot.com.br>

FACEBOOK:

<https://www.facebook.com/milton.maciell>

<https://www.facebook.com/escritorpublicavel/>

O texto a seguir é extraído da parte inicial do décimo romance do autor, **A GUERRA DE JACQUES** (IDEL, 2017, 408 pg), ambientado,

durante a fase final da II Guerra Mundial, na Alemanha, Bélgica, França e Brasil, baseado na vida real de um casal da Resistência Belga. O escritor começou a escrevê-lo como ghost writer, mas os clientes pediram-lhe que passasse a figurar como um coautor.

A GUERRA DE JACQUES

CAPÍTULO 1 - Roermond

A fria noite do inverno de dezembro de 1943 já tinha caído quando, depois de várias horas de um sacolejar barulhento e irritante, o trem finalmente parou. Que lugar seria aquele? O rapaz do fundo do vagão conseguiu esticar-se todo, contorcendo-se, para poder espiar através da minúscula abertura que aparecia para a noite, agora que o cabo SS tinha aberto a porta do vagão e descido com sua metralhadora na mão. Do chão da plataforma, apontando a arma para dentro, ele vociferou ameaçadoramente:

– Qualquer engraçadinho que pensar em descer leva chumbo!

Falou isso em alemão e poucos o entenderam lá dentro. Mas o gesto que aquilo significava não deixava a menor dúvida. Pelo escasso vão de menos de um metro aparecia uma placa de estação ferroviária. Nela via-se, em letras garrafais marrons, sobre um fundo palha, um nome. O jovem pronunciou-o em voz baixa, para seus companheiros de viagem mais próximos, dois passageiros mais velhos, entre os mais de setenta seres amontoados no vagão:

– *Roermond!*

Gaston, o homem da agência do correio da *Rue des Invalides*, esticou o pescoço e confirmou:

– É mesmo. Conheço o lugar, já estive por aqui antes. É um grande entroncamento ferroviário.

– Já estamos na Alemanha, então? – Perguntou Samuel, o ourives judeu de Bruxelas, arregalando os olhos e apertando nervosamente o chapéu escuro sobre seus parcos cabelos brancos, o que acentuava ainda mais sua expressão de perplexidade e de medo.

– Não, isto aqui ainda é a Holanda. Mas se você seguir por menos de 10 quilômetros para o leste, você já estará na Alemanha.

– E é aí que eles vão nos deixar?

– Não, Samuel. Se você andasse em linha reta naquela direção, você chegaria a *Dusseldorf*, mas só depois de algumas horas. Mas nós estamos sendo transportados para outras cidades alemãs, mais ao norte. Nós vamos para algum lugar no vale do *Ruhr*. Ou melhor dizendo, para as minas de carvão daquela região – o velho agente dos correios mantinha sempre sua calma e seu ar professoral.

– Ah, sim – observou com amargura o ourives – nós somos os trabalhadores “voluntários”. Quer dizer, os mais novos escravos do Ministro Speer. Vão nos fazer trabalhar como umas bestas nas minas de carvão, até nos acabarmos. Da mesma forma como esses coitados do trem que acabou de parar aí do lado. Veja só a cara de desespero dos sujeitos.

De fato, uma outra composição acabara de estacionar no mesmo entroncamento ferroviário, ficando os vagões lado a lado, separados apenas por uma das vias. Também nela podia-se ver homens amontoados nos vagões de passageiros de terceira classe e até nos vagões de carga.

Exatamente como nós. É gado humano a serviço de Adolf Hitler – pensou Jacques, no exato momento em que um guarda saltou desse outro trem e veio conversar com o colega da metralhadora. Este começou o assunto:

– Então meu camarada, você também está levando sua carga para as minas de carvão? São belgas, como os meus aqui?

– Não, esses meus são todos franceses. Nosso trem está vindo de Paris, uma viagem longa, chata, cansativa. O seu saiu de onde?

– De Bruxelas, às 6 da tarde.

– Sorte sua. Nós estamos sacudindo desde manhã cedo, parando num monte de lugarejos, pegando mais e mais homens para a grande siderúrgica.

– Vão para Essen, então?

– Sim, camarada. Esse comboio vai direto para as fábricas de Herr Krupp, o magnata. Meus franceses certamente devem ser considerados melhores do que os seus belgas, porque vão para as aciarias ou para as fundições. Não vão ser enfiados nos buracos das minas de carvão, como os seus.

O cabo cuspiu no chão e falou, com desprezo:

– Esta turma aqui vai morrer muito mais cedo do que os seus. Dizem que o trabalho nas minas é terrível, morre gente a toda hora. Além do que, aqui neste meu trem, tem mais do que homens para trabalhar só pela comida. Além dos trabalhadores belgas, estamos levando judeus e também uns idiotas da Resistência Belga. Esses você sabe bem o que os espera...

– Ah, sim, para esses é o fim da linha. Campo de concentração, trabalho pesado, muita fome, até que se acabem de fraqueza e doença. Ou que passem fogo em muitos deles.

– Quanto tempo vocês vão ter que esperar nesta estação? Nós vamos ficar parados mais de uma hora.

– Bem, não tenho certeza, mas acho que ouvi alguém falar em algo como duas horas, pelo menos. Aí desci para esticar as pernas e fumar, ficando longe daqueles franceses que não entendem uma única palavra do que a gente fala para eles, os imbecis.

Os dois soldados SS acenderam seus cigarros e começaram a fumar; e continuaram a conversar animadamente. Mas, ao mesmo tempo, não tiravam os olhos dos vagões pelos quais eram responsáveis. Realmente tinham ordens para atirar

em qualquer prisioneiro que tentasse descer dos vagões. Enquanto isso, no trem dos belgas, o rapaz do fundo do vagão voltou-se para o funcionário dos correios:

– Monsieur Gaston, é verdade o que aquele alemão acabou de dizer, que os franceses vão se dar mais bem do que nós?

– Sim, meu rapaz. Vejo que você, como eu, entende alemão. Infelizmente isso é verdade. O trabalho para eles vai ser bem menos perigoso do que para nós.

– E se a gente passasse para o trem deles? Tem centenas de caras amontoados, não iriam se incomodar com a gente. Nossa língua também é o francês, somos belgas da Valônia e podemos passar perfeitamente por franceses.

– Grande ideia, meu jovem. Agora é só você descer ali, pedir licença e convencer os caras das metralhadoras a deixarem você fazer a baldeação.

– E levar rajada de duas metralhadoras, em vez de uma só – falou o ourives Samuel, sacudindo a cabeça – Esses jovens!

– Mas eu estou falando sério. Eu vou tentar. Acho que dá para descer rapidamente e correr para o outro trem. É fácil. Tem que haver um jeito! Sempre há...

– E vai morrer, se pegarem você.

– Mr. Gaston, eu vou morrer do mesmo jeito numa mina de carvão. Só que todo preto por fora e por dentro. Não tenho nada a perder.

– Só a sua vida, meu menino. Só a vida – Samuel tinha um enorme medo de morrer. Mas era evidente que o jovem ali a seu lado não tinha essa preocupação, ou então era totalmente inconsequente.

– Se vocês me ajudarem, eu fujo deste trem e entro rapidamente no outro.

– Que loucura é essa? Ajudar como? – admirou-se o homem do correio.

– Fazendo alguma coisa que chame os dois guardas para este nosso vagão! Uma discussão. Vocês fingem brigar, arranjam uma confusão, eu aproveito e saio pelo outro lado. Já vi como posso destrancar uma das janelas do fundo. E aí, rapidamente, entro no vagão dos franceses.

– Você é louco, mesmo! E se tiver mais um guarda lá dentro, rapaz? – O ourives arrepiou-se todo ao falar isso.

– Se tiver mais um guarda, eles me matam. Só isso. Mas também pode ser que não tenha...

– Mas... e os franceses? Eles podem denunciar você.

– Podem, monsieur Samuel. Aí os nazis me pegam. Mas também pode ser que não me denunciem...

– Isso não tem como dar certo. Você é moço. É forte e seguramente pode aguentar até o fim da guerra, essa loucura não pode durar muito tempo mais. Já estamos em guerra há mais de três anos. Algum dia isto termina, mas a sua loucura pode acabar com a sua vida daqui a minutos.

– Ah, por favor, vocês não têm nada a perder, não correm risco nenhum, encenam uma briguinha, os boches não vão fazer nada contra vocês, precisam entregar vocês em condições de trabalhar nas minas. É só trocar uns tabefes, uns gritos, uns palavrões. Eu vou até uma janela e abro. Aí vocês começam o teatro, os guardas se distraem e eu, nesse momento, salto e corro para o vagão dos franceses. Só que tem que ser rápido pois os trens podem sair a qualquer momento. Vamos, por favor!...

Os dois homens concordaram, enfim. Talvez aquele garoto tivesse razão, pensou Mr. Gaston, talvez fosse melhor mesmo morrer logo, muito melhor do que passar por todas as provações que os esperavam. Menino corajoso! E esperto. Muito esperto. E ele mal devia ter uns vinte anos.

Convencidos os dois a cooperar, começaram a briga assim que o rapaz abriu silenciosamente a janela do outro lado

do vagão, para assombro dos outros prisioneiros que puderam ver sua ousadia.

– Seu ladrão! Vigarista!

– Judeu nojento! Falsificador!

E ao se estapearem, batiam com força nos braços e no casaco um do outro, fazendo mais barulho do que agressão propriamente dita, mas acabaram rolando abraçados pelo chão, à vista da plataforma, chamando a atenção de todos. Imediatamente os dois guardas, surpresos com a confusão criada, subiram correndo no vagão e logo apartaram a briga, xingando e chutando os valentões. O responsável pelo vagão deles ameaçou-os e passou uma descompostura geral nos dois, em alemão, ao que todos os demais prisioneiros responderam com uma algazarra generalizada. No entanto, naquele momento de agitação, rápido como um raio, um esguio rapaz saiu do seu vagão pela janela, correu abaixado os poucos metros que o separavam da plataforma do vagão dos franceses, e procurou alçar-se ao vão entreaberto da porta.

Para sua surpresa, dois pares de braços surgiram do escuro e o suspenderam para cima. Outros braços o empurraram rapidamente para o fundo do vagão, fazendo-o passar espremido entre muitas outras pessoas. Era evidente que o estavam escondendo. Não, ninguém o havia denunciado. Muito pelo contrário...

Alguns minutos depois, deixando a estação de entroncamento, o trem com os “voluntários” franceses partiu para Essen, levando mais um passageiro entre os futuros operários do grande complexo industrial da família Krupp. Na verdade, tratava-se de um jovem de 22 anos, que tinha em suas mãos esplêndidos documentos de identidade falsos, que haviam sido forjados pela Resistência Belga, à qual pertencia. Um certo Jacques Rosen...

CAPÍTULO 2 – Você fala alemão!

Quando os olhos do intruso se acostumaram à escuridão reinante no vagão, ele pôde ver que compartilhava o exíguo espaço com algo como cem outros homens. Estavam todos mal alojados no vagão, alguns sentados em bancos improvisados, outros no chão coberto de palha úmida e até alguns em pé, mesmo com o trem já em movimento. Sem dúvida aquele era um vagão de carga que fora adaptado muito precariamente para o transporte de pessoas. *De gado humano* – voltou a pensar. Vários dos franceses em pé o cercaram, curiosos. Um deles foi logo perguntando:

– Você é louco, camarada?

– Não, eu sou belga! – respondeu o homem de Bruxelas, sorrindo – E olhem, muito obrigado por me receberem no Expresso Oriente de vocês.

– Além de louco, ele também é engraçadinho – comentou outro francês, sorrindo também – Por que você se arriscou desse jeito, estava a fim de levar uma rajada de metralhadora?

– Vai ver ele estava com coceira na barriga, Vincent. O guarda alemão não viu o que se passou e ficou devendo essa ao nosso amigo belga!

Jacques notou que todos ao seu redor eram extremamente jovens, assim como ele. Mencionou isso e Vincent lhe respondeu:

– O pior sobrou para nós. Os caras mais velhos estão nos vagões de passageiros, esses podem sentar a bunda nos bancos mais confortáveis. A gente aqui tem que se arrumar nos bancos de madeira ou como pode no chão de palha mesmo. Você já vai ver, com esta droga andando agora, o quanto é bom ser jogado para todos os lados.

– Muito pior – falou um rapaz ruivo de barbicha – Você vai ver o que é ter que conviver com um monte de machos a viagem inteira. Ainda se fossem umas “gostasas”...

– Logo, logo, você vai ver o que são “gostasas” na Alemanha, Henri. Quer dizer, vai deixar de ver. Por muito tempo! Se dê por muito feliz se lhe deixarem ficar na latrina o tempo suficiente para você poder se aliviar.

Os outros ao redor riram alto, mas Henri mostrou em sua expressão que havia acusado o golpe. Prisioneiro, trabalhador forçado, como é que ia conseguir uma mulher? E para um francês, uma vida sem vinho e sem mulheres não valia a pena ser vivida, caramba! Um rapaz alto e espadaúdo, vestindo uma espécie de casaco militar aproximou-se e perguntou?

– E aí, belga, por que você nos deu a honra e o prazer de sua companhia?

– Simples. A minha Companhia de Elite, naquele outro trem, está indo para as minas de carvão, em algum buraco do norte da Alemanha. Aí eu soube que vocês são da nobreza metalúrgica, que vão para a Krupp. É verdade, não?

– Sim, de fato, nós vamos para as indústrias de Essen. Lá os boches fabricam de tudo, de aço a canhão. Dizem que é um mundo, de tão grande. É, tenho que reconhecer, você foi esperto, belga. Nas minas você, franzino desse jeito, estava acabado em dois tempos. Ainda mais que, pelo que ouvi falar, eles tratam os prisioneiros a pão e água por lá. Os caras se matam no trabalho e ganham uma ração de comida que é uma miséria.

– É isso mesmo, Charles. E é tudo de propósito, sabe, belga. Os caras estão indo trabalhar, mas, na prática, vão ser mortos aos poucos. Mas, enquanto isso não acontece, pagam em carvão por sua execução, até se acabarem.

– Malditos alemães!

– Cuidado, Vincent, nosso cabo está voltando.

– Não tem problema. Esse imbecil não entende uma palavra de francês, Antoine. Posso mandar ele tomar no rabo, que ele vai ficar com a mesma cara de imbecil de sempre.

O Cabo Heinz entrou no vagão, instalou-se em um local de onde podia observar todos e deixou a porta entreaberta. Levantou sua metralhadora, seu cetro de imperador, e falou um monte de coisas em alemão, o que ninguém no vagão entendeu. Estranhamente um rapaz delgado, de cabelos pretos, que ele ainda não tinha notado no vagão, fez um sinal de silêncio aos outros e falou por um tempo a eles em francês, apontando várias vezes em direção ao cabo. Heinz sacudiu a cabeça, atordoado. Será que ele tinha tido tanta sorte que um daqueles miseráveis franceses estivesse traduzindo o que ele tinha falado aos idiotas? Dirigiu-se ao rapaz e perguntou-lhe:

– *Sprechen sie deutsch?*

– *Jawohl, mein Hauptmann!* Falo alemão, sim – respondeu Jacques, batendo os calcanhares e fazendo uma espécie de continência com a mão direita.

Entusiasmado com a situação, o cabo passou a conversar com aquele milagre falante materializado à sua frente. Explicou-lhe que ele não era capitão coisíssima nenhuma, era apenas um cabo. Mas quis saber por que o rapaz não tinha mostrado antes que sabia falar alemão.

– Fiquei com medo dos meus companheiros, senhor, achei que eles podiam não gostar. Mas depois que conversei com alguns deles, achamos que poderia ser melhor para todos e resolvi enfrentar essa possibilidade e cooperar para facilitar as coisas, senhor.

– Só Cabo Heinz, para você, rapaz. Você caiu do céu para mim, não sabe que alívio poder contar com um intérprete. Como é mesmo seu nome?

– Jacques, às suas ordens, Cabo Heinz.

– De que lugar você é?

– Moro em Bruxelas, cabo. Sou belga.

– Mas como você está aqui com os franceses, então? E como aprendeu alemão?

Jacques já tinha arquitetado antes a história que teria que contar para se explicar naquele vagão e respondeu imediatamente:

– Eu estava de passagem em Paris quando fui recrutado para o trabalho voluntário na Alemanha. E eu falo alemão desde criança, porque minha mãe é alemã. E, como um belga da Valônia, falo tanto o francês quanto o flamengo. Posso traduzir qualquer um desses idiomas para os outros dois.

O Cabo exultou de contentamento:

– Rapaz, você caiu do céu mesmo. E não só para mim. Para os meus colegas guardas, para os meus superiores também. E, quando vocês estiverem nas fábricas, você poderá continuar a desempenhar esse seu papel e nos ajudar a todos. Inclusive, ajudar os franceses e os outros belgas. Já temos muitos deles por lá, em Essen.

Jacques sorriu calmamente, mas por dentro dava pulos de alegria, comemorando sua audácia. Como tinha valido a pena correr aquele minuto de risco, em que seu coração havia disparado a ponto de quase lhe saltar do peito!

CAPÍTULO 3 – Convite indesejado

Depois que o trem saiu da estação, as conversas foram se aquietando aos poucos. Já era mais de dez horas da noite e muitos foram se entregando ao sono, apesar do extremo desconforto do vagão malcheiroso e do infinito e monótono sacolejo. Sentado no chão, deixando-se sacudir recostado à parede lateral, Jacques estava muito longe de poder abrigar qualquer sono. A esta hora, em sua vida normal de *barman* de um dos hotéis mais charmosos de Bruxelas, a noite estaria apenas começando, com os clientes chegando para mais uma rodada de aperitivos, naquele elegante bar em que trabalhava. Estava acostumado a entrar madrugada adentro, preparando drinques até que o último hóspede ou cliente se retirasse. E

agora, de uma hora para a outra, sem aviso, todo o seu mundo tinha desmoronado.

Lembrou-se que, neste maldito dia, pouco depois do almoço, quando estava conversando com os colegas e esperavam o início do turno da tarde, de repente entraram aqueles homens fardados de SS nazista, acompanhados de quatro civis belgas, que deveriam ser colaboracionistas. Rapidamente estes selecionaram doze entre os funcionários e passaram a conferir as identidades, tudo feito a partir de uma lista adrede preparada. Enquanto isso, aquele que parecia ser o mais velho entre os civis belgas que acompanhavam os SS falou:

– Meus jovens, vocês tiveram a suprema honra de serem selecionados para trabalhar pela glória do III Reich, no nosso esforço de guerra, a que todos os patriotas devem dar sua contribuição. Os oficiais e a tropa SS que está aí fora irão escoltá-los diretamente para seu trem, que parte ainda hoje, às 18 horas. Amanhã de manhã vocês já estarão em seus novos lares e começarão de imediato a trabalhar em suas novas colocações, dentro do sagrado solo alemão; e lá mesmo serão registrados como funcionários do esforço de guerra. Eu tenho inveja de vocês, meus companheiros. Infelizmente estou velho demais para poder colaborar nessas nobres funções.

Os rapazes, que pouco antes estavam rindo e brincando descontraídos, ficaram estupefatos. E apavorados. Não podia haver dúvida, aquele maldito traidor só podia estar falando a verdade. A cara e a atitude dos SS não deixavam qualquer dúvida: estavam sendo convocados para o programa de trabalhos “voluntários”, como já tinha acontecido com tantos outros compatriotas seus.

Bastide, o *bell-boy* de 18 anos, lembrou-se, apavorado, do tio de sua namorada, que tinha sido levado para a Alemanha há mais de um ano e nunca dera notícias. Algumas semanas antes chegara uma carta, comunicando que ele havia morrido

em um campo de trabalho, sem fornecer maiores explicações à família. Num gesto de puro desespero, o rapaz correu para a janela e saltou do 2º andar para o pátio, amortecendo como pôde sua queda de encontro a uma árvore adjacente. Do salão onde estavam, todos ouviram alguns baques surdos e vários gritos provenientes da tropa que acompanhava os recrutadores. Minutos depois, Bastide era trazido de volta, manietado e escoltado por três soldados SS. Sangrava na boca e na bochecha. E arrastava o pé que havia machucado na queda. Por azar, tinha pulado bem no meio dos soldados que aguardavam no pátio interno! Um dos oficiais sacou sua arma e a encostou na cabeça do moço, que tremia apavorado. O militar, apesar de um forte sotaque, falou em um francês perfeito:

– Com que então temos um esperto aqui, hein! Nossas ordens mandam estourar seus miolos agora mesmo, seu palerma. Mas você tem sorte, porque eu acho que é uma bobagem desperdiçar um bom par de braços para o trabalho de guerra; acho melhor deixar você viver para produzir. Como castigo pela sua revolta, você não vai poder buscar suas coisas, nem se despedir de ninguém. Guardas, podem levar o fujão. Passem primeiro um par de algemas. E olho nele. Se fizer qualquer nova gracinha, podem atirar sem dó.

Os soldados fizeram meia-volta e saíram levando o incauto rapaz aos tropeções. Apesar da dor, ele estava assustado demais para falar ou fazer qualquer coisa. Inclusive chorar, que era a sua única vontade naquele momento. O mesmo oficial, enquanto guardava sua arma no coldre, perguntou:

– Alguém mais aqui pensa em fugir? Ou tem algum tipo de reclamação a fazer?

Vários pares de olhos assustados miraram-se entre si. Ninguém teve coragem de falar nada. O colaboracionista mais velho retomou a palavra:

– Esse moço é um insensato, não sabe dar valor à oportunidade que está recebendo. Vocês irão todos para a

Alemanha, onde terão empregos garantidos, muito melhores do que aqui nesta Bélgica decadente. Receberão bons salários, roupas especiais de trabalho e todos os cuidados necessários. Se reagirem de acordo com o que se espera, serão até promovidos. No fim da guerra, após a vitória total, poderão escolher se querem voltar para cá, ou ficar em seu novos e melhores postos na Alemanha. Vocês serão tão vitoriosos quanto estes valorosos militares aqui. Trabalharão e o trabalho os libertará.

Jacques olhou para René, o subgerente. Tinham justamente conversado sobre isso um par de dias atrás. Eles sabiam que tudo o que aquele imbecil estava falando era uma mentira deslavada. O voluntariado, na totalidade dos casos, era compulsório e o trabalho que estava programado para eles não os libertaria coisíssima nenhuma. Muito ao contrário, iria fazer deles nada mais do que trabalhadores escravos a serviço do governo alemão. Trabalhariam para os invasores até se esfalfarem e morrerem em razão das precárias condições a que os sujeitariam. Isso se antes não fossem vítimas de doenças ou dos agora constantes bombardeios que os aviões dos aliados faziam contra as cidades e instalações militares e industriais na Alemanha. O recrutador belga continuou falando:

– Já recolhemos as fichas dos convocados na administração do hotel. Portanto, vocês já estão oficialmente alistados para o esforço de guerra. Não poderão mais sair de dentro deste hotel, até que lhes seja dada a ordem de embarque no caminhão que vai levar todos vocês para a estação ferroviária daqui a algumas horas. Não seremos loucos de lhes dar qualquer ocasião para fugir ao dever patriótico, como tentou fazer aquele rapaz irresponsável.

Antoine, o auxiliar de cozinha teve a coragem de perguntar:

– E como fazemos para pegar nossas coisas para a viagem, se elas estão nas nossas casas?

– Vocês sairão em grupos, de três em três, serão levados e escoltados em veículos militares até seus endereços. Os soldados vão entrar com vocês em suas casas e têm ordem de atirar em quem quiser fugir. Peguem só roupas quentes e material de higiene. Nada de malas, façam apenas trouxas. Pequenas! Entendido? E se alguém quiser bancar o espertinho e fugir, usaremos esta outra lista, que convoca outros três novos nomes para cada um de vocês que tiver a ousadia de tentar fugir. Aliás, quem aqui é Marcel?

– Eu, respondeu o baixinho ao lado de Jacques.

– Conhece Henri DeGusseem, Charles Roelants e Lucie Deschamps Argot?

– Conheço sim, disse Marcel. Lucie é minha prima e os outros dois são meus amigos.

– Eles serão nossa garantia que você vem conosco sem causar problemas....

– E as pessoas? Como vamos avisar as pessoas, nossas famílias? Como vamos nos despedir delas? – Perguntou, preocupado, Clement, o velho porteiro do hotel.

– Ora, você se aflige à toa. Você não nos interessa, não é jovem como esses outros, vai ficar. Mas já que perguntou, quem encontrar sua família em casa, se despede sem fazer dramas, bem rápido. Se não tiver ninguém em casa, nós vamos permitir que ainda tentem telefonar aqui do hotel. Se as pessoas não tiverem telefone, então paciência, deixem uma carta que será entregue ao destinatário. De qualquer forma, se elas perguntarem por vocês aqui no hotel, certamente serão informadas da viagem e do destino de cada um, isso eu prometo. A direção do hotel está autorizada a dar essa informação e o seu novo endereço. Mas tem uma coisa que vocês precisam saber: nenhum parente, mãe ou esposa pode ir se despedir de vocês na estação ferroviária. Não só eles não serão admitidos, como correm risco de serem detidos para

averiguação; peçam a seus parentes e amigos que não se arrisquem.

E assim foi feito. Os doze jovens funcionários recrutados no hotel ficaram sob guarda de soldados SS e foram levados até suas casas por veículos militares alemães, sempre três pessoas em cada veículo, acompanhados de uma escolta. Voltavam em menos de uma hora e então saíam mais três. Até o fim da tarde estavam todos prontos, com magras trouxas de pouco pertences, a maior parte composta por artigos básicos de higiene e roupas quentes para enfrentar o frio inverno de 1943.

Pouco antes das seis da tarde já estavam todos dentro do trem, socados num vagão de carga mal adaptado, superlotado, com poucos bancos, insuficientes para que todos pudessem sentar, no qual alastrava-se um odor acre. Acomodaram-se como puderam, cada um com um volume com seus pertences e, pontualmente às 6 horas, o trem partiu da estação. Bruxelas e a Bélgica ficaram para trás em poucas horas, quando o trem fez uma inflexão para o norte e entrou na Holanda.

Agora, com o corpo e cabeça jogados para os lados pela força do balanço constante do trem, Jacques continuava com a mente fixada naquele momento, que foi o mais angustiante de sua jovem vida. *Marie Louise!* Não pudera nem se despedir dela. Haviam-lhe permitido telefonar para a firma onde ela trabalhava na contabilidade, mas na empresa não aceitaram chamar a funcionária. Tudo o que ele conseguiu fazer foi deixar com um colega do hotel uma carta curta e lacônica onde, em breves linhas, explicava o que estava acontecendo, jurava seu amor e afirmava que assim que pudesse voltaria para casar com ela.

Agora só Marie Louise seria o elo que o prenderia à vida. Não que ele fosse um homem fraco, desses que pensam em abandonar tudo e se matar à primeira grande dificuldade. Porém o que Marie Louise fazia em sua mente era ligá-lo à vida que tinha tido em Bruxelas, a um passado e presente em que se

sentia feliz e com muitas esperanças de um futuro melhor, um futuro que planejara construir com aquela garota belga, assim que a maldita guerra acabasse.

O longo caminho da estrada de ferro o levava agora para o pesadelo nazista, para ser “trabalhador voluntário”. Voluntário para os que, iludidos, o aceitavam; ou compulsório, para aqueles que o rejeitavam. De qualquer maneira, era a pior das perspectivas de futuro imediato para qualquer um. Mas Jacques, em razão de sua natureza, sempre tivera dentro de si um otimismo e uma confiança inabaláveis na vida e no futuro. A maldita guerra não haveria de durar para sempre. Era evidente que o quadro estava se invertendo e a Alemanha caminhava para a derrota certa. Mais um ano, ou, se tivessem menos sorte, talvez dois... Mais do que isso não poderia durar esse pesadelo monstruoso.

Então, tudo o que ele tinha que fazer era resistir. Aguentar. Continuar e, acima de tudo, sobreviver. Porque tinha, sim, um motivo forte para sobreviver. E este motivo estaria lá em Bruxelas, esperando por ele. Em Marie Louise, em sua lembrança, ele acharia as forças necessárias para resistir ao que viesse. E tudo o que poderia vir de melhor no seu futuro, seria o retorno feliz ao seu passado, à segurança de sua querida Bruxelas.

Enquanto esboçava um leve sorriso no escuro, lembrando das danças e dos passeios felizes com Marie Louise, Jacques cogitava se teria a mesma determinação de resistir e sobreviver se não tivesse uma pessoa aguardando seu regresso. Sim, talvez estivesse agora vivendo o mesmo desespero cruel que via estampar-se nas faces de seus companheiros de vagão.

Mas não, ele não entraria em desespero, não perderia a confiança própria e na vida. Não importavam os tormentos que tivesse que passar, haveria de sobreviver. Continuar vivo era sua primeira e grande meta. Se não conseguisse, se viesse a

morrer, então não teria mais que se preocupar com nada. Porém, enquanto estivesse vivo, manteria suas energias concentradas em continuar vivendo, um dia por vez e nada mais. E então, quando a guerra acabasse para ele, voltaria à sua vida anterior, voltaria para Bruxelas. E enquanto isso não fosse possível, não se desgastaria inutilmente, não sucumbiria à depressão, nem à desesperança. Ainda pensava fixamente no que era agora seu passado, quando alguém, um dos franceses que estava em pé no escuro, olhando para fora do vagão pela escassa abertura de uma janela redonda e pequena como uma escotilha, avisou:

– Já estamos na Alemanha. Estamos atravessando a ponte sobre o Ruhr, logo estaremos passando por Duisberg. Em seguida vem Essen, nosso destino final. E depois, a aciaria....

A fábrica dos Krupp! A grande fundição de ferro e laminação de aço, um complexo industrial gigantesco onde era produzida boa parte dos armamentos pesados alemães, inclusive os grandes tanques de guerra e os maiores canhões do mundo. A aciaria poderia representar de fato, para ele e seus novos companheiros, uma chance maior de sobrevivência. E isso era o que ele mais queria e precisava: sobreviver. Por um momento lembrou-se com gratidão do funcionário dos correios e do ourives, que o haviam ajudado a fugir do trem dos belgas. Para onde estariam indo eles agora? E Samuel, o bondoso Samuel, tão respeitado pelos outros, para onde seria enviado, uma vez que era judeu? Que chance teriam aqueles antigos companheiros de viagem, seus outros colegas de hotel, inclusive, tão jovens quanto ele?

Concluiu que era hora de voltar a pensar fixamente em Marie Louise, para se acalmar e voltar a ter esperança. Tinha tido suficiente presença de espírito e muita sorte, ao ousar o golpe de audácia que o levou para dentro do vagão dos franceses. Agora era só isso que importava. Estava indo para a aciaria e, como lhe haviam falado no vagão dos belgas e

confirmado no vagão dos franceses, os trabalhadores “voluntários” da Krupp eram mais bem tratados que os das minas ou os que tinham que trabalhar nas lavouras e na reconstrução de estradas, ferrovias, pontes e edifícios, que eram frequentemente destruídos pelos bombardeios dos ingleses e dos americanos.

Ah, os bombardeios!... Esse era, sem dúvida, um grande e terrível problema, um problema que não existia em Bruxelas. Mas, ali em Essen, eles vinham acontecendo constantemente. E um dos alvos, obviamente, era a indústria dos Krupp. Será que, depois de enfrentar todas as dificuldades do trabalho pesado e do perigoso convívio com os nazis, ele acabaria explodido por um avião qualquer do outro lado do Atlântico, que o despedaçaria a partir de seu caça ou bombardeiro?

Não, não podia pensar assim! Se ele e os franceses estavam sendo trazidos à força para trabalhar nas indústrias Krupp, era sinal que os bombardeios não eram assim tão severos ou então que não conseguiam destruir seus alvos, pois as fábricas continuavam funcionando, as armas continuavam sendo produzidas e transportadas por rodovias e ferrovias. E assim, no trem, ele estava decidindo quais seriam seus próximos passos: haveria de sempre estar em alguma parte da fábrica menos suscetível de ser atingida pelas bombas dos ianques ou dos britânicos. Não morreria por causa dos bombardeios.

Aliás, não morreria de forma alguma, porque ele tinha um futuro a conquistar. E esse futuro era voltar para o passado, para os braços de sua namorada. Havia prometido que iria casar com ela. Não seria um avião nazista, americano ou inglês que haveria de impedi-lo. Ele era Jacob Miedzinski, que os outros tinham que tratar por Jacques Rosen, porque esse era o nome e sobrenome que constavam nos seus documentos habilmente forjados pela Resistência Belga. E Jacob Miedzinski, nascido na Polônia, ou Jacques Rosen, crescido, criado e “recriado” nos

papéis na Bélgica, eram um só e mesmo homem de palavra. Havia prometido a si mesmo que sobreviveria à Alemanha e à guerra. Pois agora prometia a si mesmo que sobreviveria também aos pilotos e às suas bombas incendiárias. E ele, Jacques, era um homem de uma palavra só.

CAPÍTULO 4 - Batismo de fogo

Ao se acercar da plataforma, o Cabo Heinz abriu de vez a porta do vagão com o trem ainda em movimento e berrou:

– Tradutor! Onde está o tradutor?

– Aqui, senhor – respondeu Jacques, imediatamente.

– Muito bem, rapaz. Ainda bem que você está aqui conosco. Chegamos ao ponto final do nosso passeio! Avise seus camaradas que chegamos a Essen. Que todos se levantem e se preparem para desembarcar. Peguem suas trouxas, tudo o que trouxeram e não esqueçam nada. Quando o trem parar na plataforma eu darei a ordem para o desembarque. Você desce primeiro, belga. E fique ao meu lado, traduzindo o que eu falar. Diga para eles descerem em ordem, um de cada vez, formando uma fila por dois na plataforma da estação.

Jacques traduziu tudo e o cabo ainda acrescentou:

– Aviso: haverá muitos soldados armados para escoltá-los. Portanto, não tentem fugir, porque será morte certa. Do lado de fora da estação, os caminhões estão à espera para transportar os passageiros dos vagões. Um caminhão para cada vagão. O de vocês vai direto para um dos acampamentos da Indústria Krupp. Pensando bem, vocês até que são uns caras de sorte. Outros trens trazem trabalhadores que vão para lugares bem piores.

Menos de dois minutos depois, o trem chegou ao seu destino final e parou com um forte rangido de ferro guinchando nos trilhos. A locomotiva soltou três longos apitos ensurdecedores e a plataforma da estação foi inundada por um grande

número de soldados armados, que entraram em marcha acelerada. Então eles se dividiram em grupos e cada grupo foi se postar ao lado de um dos vagões dos trens recém-chegados.

Será o inferno? – pensou Jacques, olhando para a plataforma – *Talvez. Mas se for, hei de saber conviver com o próprio diabo em pessoa. E permanecer vivo.*

Finalmente as portas foram todas abertas e vários apitos foram trilados. O cabo desceu e chamou Jacques:

– Fique aqui comigo, belga. Desça. Está na hora, mande todos os outros descerem também. Todos em ordem e formando uma fila aqui, bem ao lado dos soldados.

Jacques traduziu as ordens e os franceses desceram devagar, praguejando e xingando Hitler em voz baixa. Foram se postar nos lugares que lhes foram designados pelo cabo. Este estava conversando com um tenente. Parecia feliz e aliviado. Chamou Jacques novamente:

– Belga... Jacques é o seu nome, não é mesmo? Olhe, minha missão terminou. Vocês estão livres de mim e eu de vocês. Estou indo embora. Mas já recomendei você ao tenente aqui. Você vai ficar ao lado dele e traduzir tudo para o francês, sempre que ele precisar. A companhia dele é que vai levar vocês para a Krupp. Pareceu hesitar por um momento, mas depois, dando um leve tapa nas costas do rapaz, falou:

– Certo, belga. Minha tarefa teria sido bem pior sem você nesse vagão. Boa sorte e até a vista. *Auf Wiedersehen.*

Depois de se despedir, Jacques foi imediatamente requisitado pelo tenente que estava encarregado de conduzir o embarque dos “voluntários” franceses nos caminhões que os aguardavam do lado de fora da estação. O tenente era um homem alto, com uma postura afável, sem aquela pose agressiva de superioridade, típica dos oficiais SS. Jacques ficou agradavelmente surpreso com a impressão que teve dele. O militar lhe disse:

– Seja bem-vindo, tradutor. Sou o Tenente Horst Schadeck. O Cabo Heinz me disse que você é belga. Qual é o seu nome?

– Jacques, senhor. Jacques Rosen.

– Muito bem, Jacques. Você vai ser de grande valia para todos nós. Fique aqui comigo, para traduzir minhas ordens aos franceses. Vocês estão todos destinados ao trabalho nas indústrias Krupp, já devem saber disso.

– Sim, senhor, foi o que nos foi dito pelo cabo. Estamos em Essen, portanto.

– Sem dúvida. Esta é uma cidade que já foi uma joia, mas hoje está muito castigada pelos bombardeios dos aliados, como você vai poder ver amanhã, quando o dia clarear.

– É muito grande, senhor?

– A oitava maior da Alemanha. Mas, acima de tudo, é a cidade dos Krupp.

– Muito poderosos, imagino, senhor.

– Sim, belga. Riquíssimos. Faz quase quatrocentos anos que estão por aqui, hoje mandam em tudo. E, com a guerra, estão

ganhando dinheiro como nunca, por mais que o inimigo destrua um ou outro pedaço do império deles, de vez em quando.

– As fábricas são os alvos para os ataques, então?

– Constantemente. Há mais de um ano que eles insistem. E a velha Krupp continua funcionando normalmente. Destroem num dia, e mandamos reconstruir no outro. E o negócio segue faturando alto.

– Então vamos correr perigo nesta cidade...

– Certamente, belga. Como correriam em qualquer outra cidade grande e industrializada da Alemanha, nestes dias. Não faz diferença. Os malditos aliados bombardeiam tudo! Mas vamos nos apressar. Quanto antes recolhermos esses homens aos caminhões e sairmos daqui melhor para todos. Estações

ferroviárias atualmente não são os lugares mais seguros da Alemanha.

Jacques entendeu que o Tenente sugeria haver uma alta possibilidade de um bombardeio dos aliados às ferrovias e suas estações. Essen era um importantíssimo ramal, um entroncamento vital para os transportes da região do *Ruhr* e, portanto, deveria ser um alvo potencial para os aliados. Começou imediatamente a traduzir os comandos do Tenente Schadeck para os prisioneiros franceses, que desembarcavam e se perfilavam na plataforma, conforme lhes era indicado.

Alinhados ao lado do destacamento de soldados que fariam sua vigilância, os franceses foram contados e recontados, seus documentos foram rapidamente conferidos e, logo após, foram levados para junto de seus respectivos caminhões, do lado de fora da estação. Para isso, Jacques ia traduzindo as ordens do Tenente Schadeck e ouvindo, sem traduzir e rindo por dentro, os xingamentos dos franceses.

De repente, um ruído irrompeu, avassalador, como se todas as trombetas do apocalipse começassem a tocar juntas. Por toda a cidade de Essen, potentes sirenes de alarme começaram a soar ao mesmo tempo. Na estação, uma delas, mais próxima, começou a tocar depois das outras, com um barulho estridente, como que gritando a palavra que espocava na mente de todos, trazendo angústia e pânico: *bombardeio!*

– Bem-vindos ao inferno! – Berrou o eletricista Jean Louis, de Lyon – Satanás nos recebe com suas trombetas e o fogo do inferno.

As luzes da cidade foram todas apagadas. O *blackout* fez-se total, para dificultar a orientação dos aviões inimigos, que em poucos minutos estariam despejando toneladas de bombas sobre Essen. No mesmo instante começou o ribombar impressionante dos canhões antiaéreos pela cidade e pelos seus arredores. Ele encobriu o ruído agudo das sirenes, que logo depois deixaram de soar, por não serem mais necessárias. Mas

encobriu também o ruído mais temido, o dos motores das centenas de aviões bombardeiros, que se aproximavam a grande altitude, além do alcance das baterias antiaéreas.

Mas, em breve, eles teriam que descer mais e se expor à artilharia para melhor enxergar os alvos que queriam atingir. E a partir daí, não estariam mais a salvo dos canhões de defesa antiaérea. A cidade e o céu estavam igualmente escuros naquele horário de perto de meia-noite. Mas as explosões dos petardos antiaéreos, além de poderosos holofotes, iluminavam lá em cima o suficiente para que todos, embaixo, começassem a distinguir o brilho metálico assustador das temidas fortalezas voadoras dos norteamericanos. Aquilo tudo era novidade para Jacques, que, na Bélgica, nunca tinha visto algo assim. Era impossível saber quantos daqueles aviões enormes, os B-29, as monstruosas fortalezas voadoras, pairavam sobre a cidade. Certamente eram várias centenas deles, provavelmente mais de mil.

O tenente, com a frieza profissional de quem já estava acostumado com inúmeros outros bombardeios, ia explicando:

– Não se apavore, francês. Quer dizer, belga. Isso acontece um monte de vezes por mês. Eles aparecem, despejam toneladas de bombas, matam um monte de gente, quase sempre civis, destroem centenas de casas, arrebentam algum galpão da Krupp, e, de vez em quando acertam uma ponte ou uma estação como esta. Mas a maior parte das vezes eles erram quase tudo.

– Erram como, tenente?

– Eles não sabem onde estão jogando as bombas, apertam os botões no escuro em qualquer lugar e só querem saber de voltar para casa, mortos de medo. Nossos canhões antiaéreos e nossos caças atacam os bombardeiros sem parar. E os aviões deles são grandes, pesados, ruins de manobrar, mas o problema é que são muitos. Então eles arrebentam com a gente e a gente arrebenta com eles. Fique só olhando, daqui a pouco

ocês vão ser um festival de paraquedistas americanos voando pelo ar.

– Uma invasão de paraquedistas?

O Tenente riu, sacudindo a cabeça.

– Que nada, belga. São os caras das tripulações dos aviões atingidos. Essas fortalezas voadoras têm oito tripulantes cada uma. Quando uma delas é alvejada e eles vêem que não tem mais jeito, se tiverem a menor chance, eles saltam para salvar a pele. Às vezes não dá, caem todos juntos com o avião. Mas geralmente eles se salvam.

– Sim, mas nesse caso... quando chegam aqui em baixo, não são abatidos imediatamente? Até pelos civis, afinal eles estavam matando a população inocente da cidade, velhos, crianças.

– Que nada, rapaz. Nós os militares, não deixamos. Tem uma tal de Convenção de Genebra que proíbe que sejam abatidos no ar. Além disso, temos ordens para pegar os sujeitos vivos e aprisioná-los, protegendo-os. E de tratá-los muito bem

– Mas por que razão, senhor?

– Nós os trocamos pelos nossos pilotos abatidos, que caem de paraquedas atrás das linhas deles, é simples assim. Se nós tratamos os caras deles bem, eles tratam os nossos caras bem. E também nos interessa interrogar esses camaradas. Às vezes eles estão tão loucos da vida com a guerra e com os superiores deles, que vão logo falando tudo.

Nesse momento, mais um ronco ensurdecedor se somou ao resto: rente à estação passou uma esquadrilha de aviões alemães de caça, que acabava de decolar de uma pista próxima.

– São nossos caças *Stukas*, coitados. Os caras vão para o sacrifício, vão enfrentar os *Thunderbolt* dos americanos e os *Spitfires* dos ingleses. Os *Stukas* estão muito velhos, já há poucos deles na ativa. Mas logo atrás vão passar nossos aviões melhores, veja só, esses são *Messerschmitt 109*, grandes caças.

E atrás desses vem alguns *Messerschmitt* 110, os melhores. Hoje a briga vai ser boa lá em cima. *Stukas*, 109 e 110 contra Fortalezas B-29, *Thunderbolts* e *Spitfires*.

Nesse momento começou uma sinfonia de assobios diferentes, formada por miríades de silvos estridentes, anunciando que a primeiras bombas já estavam caindo sobre eles. O Tenente gritou:

– Vamos cair fora; acelerar! Mande seus franceses entrarem nos caminhões! Está na hora de sumir daqui. Uma estação ferroviária não é exatamente o melhor lugar para se ficar durante um bombardeio. *Schnell!* Depressa!

Jacques bradou para seus companheiros:

– Aos caminhões, entrem nos caminhões. *Vite!* Depressa. A estação pode ser bombardeada e temos que sair correndo!

Os franceses criaram asas nos pés e se jogaram nos caminhões de qualquer jeito, com suas trouxas nas mãos, embolando-se em pânico.

– Liguem os motores, idiotas, o que estão esperando – gritou o tenente para os motoristas. Querem levar uma bomba na cabeça?

Os motoristas imediatamente atenderam à ordem e saíram com um arranco tão forte que vários dos seus passageiros foram jogados ao chão. Estes se ergueram instantaneamente e correram para pular nos veículos que tentavam se afastar o mais rápido que podiam.

Então os silvos das bombas desapareceram sob os estrondos ensurdecedores das explosões. O terreno sobre o qual se deslocavam começou a estremecer sem parar. Milhares de bombas se sucediam, despejadas pelas fortalezas voadoras. Na frente vinham as bombas de fósforo, de iluminação, que apenas produziam um efeito luminoso, ajudando os pilotos e artilheiros a enxergar um pouco dos alvos lá em baixo, o que, na prática, não servia para grande coisa. Nos segundos seguintes chegavam as bombas de destruição e as bombas incendiárias.

Ato contínuo, uma parte da cidade subiu aos ares e começou a queimar. Em revide, as baterias antiaéreas matraqueavam sinistramente o céu incandescido.

Os caminhões com os franceses saíram da frente da estação e tomaram rumos diferentes, enfiando-se em ruas e ruelas adjacentes, evitando andar em comboio e se desviando das grandes avenidas, como se fosse possível se esconder das bombas. De qualquer forma, a iniciativa rendeu resultados pois, segundos depois, uma bomba varreu do chão a maior parte da estação ferroviária, destruindo também alguns dos vagões estacionados, felizmente já esvaziados de sua carga humana. O que restou em pé passou a queimar imediatamente. Ainda havia alguns poucos caminhões retardatários sendo carregados com prisioneiros e soldados em frente à estação. Dois deles foram pulverizados na hora.

Um destes caminhões embarcava os últimos belgas provenientes de Bruxelas. O caminhão em que estava o ourives Samuel foi desintegrado com a explosão da bomba e ardeu por alguns minutos, livrando-o assim do destino cruel que o esperava no campo de concentração para onde seria levado. A morte instantânea e indolor o resgatou da vida sofrida e da morte lenta que certamente o esperavam. Em outro caminhão, que já estava bem longe da estação destruída, Gaston, o agente de correios de Bruxelas, nada ficou sabendo.

O caminhão de Jacques passou por uma bateria antiaérea no exato momento em que esta disparou. O belga ergueu os olhos para o céu e viu, segundo depois, um avião de caça inglês ser atingido em cheio pelo disparo.

– Um *Spitfire!* – gritou o tenente – Olhe, se arreventou inteiro. O piloto não vai conseguir pular.

De fato, segundos depois, os restos do aparelho despencaram bem próximo a eles, como uma chuva de detritos,

entre os quais foi possível reconhecer o corpo do piloto ainda preso a seu assento e o resto do *cockpit*, rodopiando sinistramente no ar, em queda livre. O conjunto espatifou-se sobre o telhado de uma casa, precedido pelo motor do avião que havia sido seccionado do resto da estrutura. Uma das asas seguiu rodopiando pelo ar e foi se estatelar a mais de oitenta metros de distância. Jacques falou:

– Veja, tenente: paraquedas! Aliás, um monte deles.

– São os mascadores de chicletes, os *cowboys*. Para eles, por enquanto, a guerra acabou. Tiveram sorte hoje.

– Sorte, senhor?!

– Claro, belga. Vão ser recolhidos, alimentados, bem tratados, vão ficar um bom tempo de férias como prisioneiros, enquanto os outros compatriotas deles e nós, alemães, vamos continuar nos matando uns aos outros todos os dias. Isso, é claro, se não forem vítimas do fogo amigo.

– Fogo amigo, tenente?

– Sim, se o lugar para onde eles vão for destruído por uma bomba desses malucos lá de cima. Aqui a chance de ser atingido por uma bomba deles mesmos é a mesma em qualquer lugar.

Em seguida, o tenente mandou o motorista parar o caminhão sob um conjunto de árvores grandes, na beira de um parque. E explicou:

– É só para parar de andar como uma mosca tonta, nesta escuridão iluminada por explosões e incêndios, com essa fumaça desgraçada em tudo quanto é lugar. Chega. Não pense que as árvores nos protegem, impedindo que os pilotos nos vejam. Eles não vêm nada, belga! Bombardeiam no escuro, não interessa onde as bombas deles vão cair. Destroem tudo, principalmente as casas e edifícios de apartamentos dos pobres dos civis.

– Mas eu li que existem os bombardeios de precisão e...

O Tenente Schadeck soltou uma sonora gargalhada.

– Esqueça, belga, isso é história da carochinha! Mera propaganda. Para você ter uma ideia, faz mais de ano que os ingleses bombardeiam a Krupp. E a Krupp continua funcionando do mesmo jeito. De vez em quando eles acertam um galpão, um forno, um desvio ferroviário. Aí a Krupp, com auxílio do exército e dos... bem, de vocês, os “trabalhadores voluntários da construção”, como os cretinos chamam vocês na maior caradepau, reconstrói imediatamente o que havia sido destruído e tudo continua funcionando.

– Quer dizer, então.... – começou a falar Jacques.

– Quer dizer que, na verdade, as grandes vítimas dos bombardeios são sempre os civis inocentes. Tanto faz se são os britânicos e os gringos em cima da gente aqui na Alemanha, ou os alemães em cima das cidades da Inglaterra, da Polônia ou da Rússia. Dá tudo na mesma, belga.

– Mas senhor, também há uma imensa perda de equipamentos: blindados, tanques, aviões.

– De ambos os lados, belga. E aí o que acontece? Os industriais fabricam tudo de novo e ganham muito mais dinheiro. O que esses sujeitos mais querem é que tudo o que fornecem seja logo destruído. Aí entram os pedidos novos na mesma hora.

– E o enorme sacrifício de vidas, senhor? Soldados. E civis, como senhor mesmo afirma...

– Ora, rapaz, carne humana é a mercadoria mais barata desta ou de qualquer outra guerra. Por exemplo: hoje morrem dois mil civis. E daí? Os políticos e os generais fazem um discurso pomposo e esquecem o assunto. E os pilotos, então? Você tem ideia de quantos pilotos nós já perdemos nesta guerra? Pois é, muito mais do que vinte mil jovens. Vinte mil! E o que acontece? Ora, são logo substituídos por outros ainda mais jovens, mais inexperientes, que vão se deixar matar mais rápido, portanto. Se eles morreram, isso quer dizer que milhares de aviões morreram com eles.

Jacques fez que sim com a cabeça, pensou e completou:

– E esses aviões foram repostos, novos equipamentos foram fabricados, milhões de marcos, libras e dólares correram para as mãos de rapina da indústria da guerra.

– A mais cara de todas elas, meu rapaz. Você pegou a coisa muito bem, você é esperto, belga. Então me diga, qual é, ao seu ver, depois do que eu lhe disse agora, a única matéria prima que conta de verdade na guerra?

– O dinheiro, senhor. Só o dinheiro.

– Pois é. Para onde foi o dinheiro dos judeus da Alemanha, da Polônia, da Rússia?

– Da Bélgica e da França também, senhor. Foi para o esforço de guerra dos... posso dizer a palavra... nazistas, senhor?

– Para mim você pode, belga. Mas não se arrisque a comentar isto com os outros SS. A maior parte deles é constituída por fanáticos sem nenhuma cultura.

– E o senhor, tenente? Posso perguntar o que...

– Eu era professor de literatura em minha cidade, belga. Oberammergau. E também era Pôncio Pilatos. Em minha cidade faz-se a maior representação da paixão de Cristo em todo o mundo. Fui Pôncio Pilatos até três anos atrás.

– Sim senhor, eu sei. Conheço, quer dizer, já li a respeito. É impressionante. A paixão de Cristo ao ar livre, em Oberammergau. Encenada uma vez a cada 10 anos somente, com mais de 1000 pessoas atuando. Puxa, professor de literatura...

– Professor de literatura, Pôncio Pilatos, mais uma esposa e três crianças. Isso tudo é o que eu deixei para trás, belga. Minha vida e minha família. Para lutar numa guerra perdida.

– Como perdida, senhor? Por quê?

– Belga, há pouco você mesmo reconheceu. Quem ganha a guerra?

– O dinheiro, é claro. Mas...

– Sem, “mas” nenhum, meu rapaz. O dinheiro agora está vindo a rodo do outro lado do Atlântico. Os americanos descarregam milhares de aviões e blindados nas costas da Europa quase todo santo dia. Só não vê quem é cego. Há dólares americanos sem fim e os judeus de lá são riquíssimos e não foram caçados e expropriados como os daqui. Olhe para cima agora e você verá a confirmação do que estou falando. Ali estão pelo menos uns mil aviões americanos. Bombardeiros, caças-bombardeiros e caças ligeiros. Nós não temos mais homens, nem aviação ou artilharia suficientes para enfrentar tudo isso.

– Bem, senhor, isso é verdade...

– E aqui em baixo eles acabam de despejar muitas centenas de milhares de dólares em bombas. Numa só noite! E daí? Como você já sabe, eles estão rezando para que a gente destrua todos esses aviões, assim eles podem fabricar mais. E aí os Krupp do lado de lá ficam mais ricos ainda.

– E os mortos americanos...

– Os mortos deles? Bem eles mandam uma medalha e uma bandeira para o pai e a mãe dos *cowboys*, que ficam emocionados e orgulhosos de poderem hastear a bandeira a meio-pau na frente da casa, para impressionar os vizinhos. E aí mandam mais um filho, que acaba de fazer 18 anos, para ser bucha de canhão na Europa ou na Ásia. Enquanto isso os generais e os senadores tomam um *Bourbon* juntos e assinam mais um contrato com os senhores da indústria bélica. Mais bombas, mais aviões, mais tanques, para matar aqueles malditos nazistas do bastardo do Hitler ou do Imperador do Japão.

Jacques olhou apreensivo para o motorista do caminhão, que ouvia tudo com expressão divertida. Por fim teve coragem de comentar:

– Desculpe, senhor, mas não é arriscado falar essas coisas assim na frente de... quer dizer...

– Do Matheus? Ora, belga, se uma bomba cair agora sobre as nossas cabeças, minha Elza vai sentir duas perdas: a do seu marido Pôncio Pilatos e a do seu irmão Matheus.

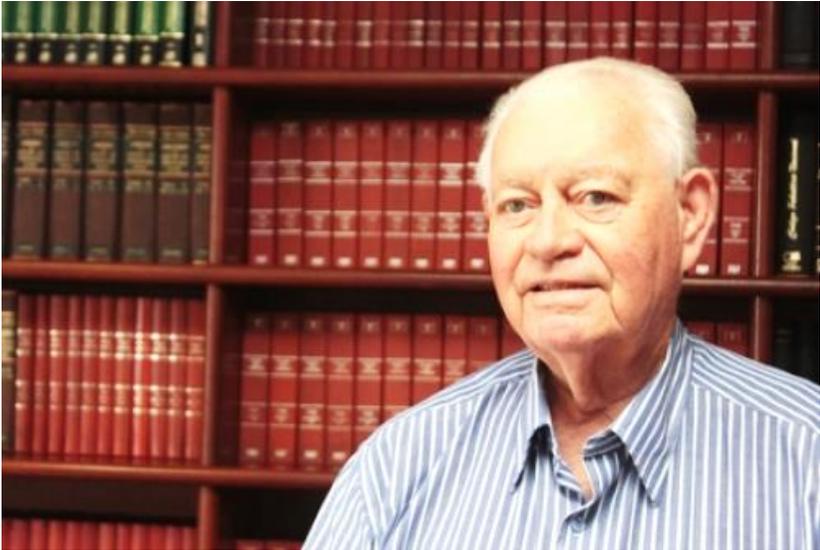
– Ele é seu cunhado, então?

– Isso mesmo, rapaz – confirmou o motorista sorrindo. E eu assino embaixo tudo o que o Horst falou. Ele era Pôncio Pilatos e eu era Simão Zelotes. Tudo que eu quero, meu camarada, é voltar para *Oberammergau* e para as minhas aulas da faculdade.

O bombardeio começou a diminuir. Era evidente que o dano infligido aos grandes quadrimotores estava sendo muito grande. Os valentes *Messerschmitt* estavam se saindo bem no combate desigual contra tantos *Thunderbolt*, ajudados ainda por alguns caças *Spitfire*. Mesmo assim eles conseguiam disparar seus canhões e algumas bombas maiores sobre as fortalezas voadoras, atuando como se fossem bombardeiros, quando eram apenas caças leves e em luta simultânea com outros caças dos americanos e ingleses.

A formação de aviões inimigos aos poucos foi se afastando, não sem antes fazer mais uma incursão sobre as coordenadas do complexo de fábricas da Krupp. Mas, mais uma vez, o resultado foi apenas ridículo. O ataque aliado fora executado por bombardeiros B-29, as Fortalezas Voadoras, caças *Thunderbolt* americanos e *Spitfire* britânicos. A *Luftwaffe* e a DCA antiaérea botaram por terra muitos desses aviões, enchendo de fato os céus de Essen de paraquedas norte-americanos. Mas a maior parte dos aviões alemães foi abatida também; contudo, quase todos os seus pilotos conseguiram se salvar, saltando de paraquedas. *Só mais uma noite de guerra...*

*(Livro disponível nas grandes redes: Amazon –
Americanas – Cultura – SosPresentes)*



CARLOS ADAUTO VIEIRA

Presidente da Academia Joinvilense de Letras de 2013 a 2016, o acadêmico Carlos Aduino Vieira é advogado e economista (Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Ciências Econômicas de SC e da FURJ).

Desde 1957 colabora em jornais: O Estado do Paraná, Gazeta do Povo, Tribuna de Santos, A Notícia, Jornal de Joinville, O Município (Brusque), Sol de Camboriú, Folha Acadêmica, Folha do Litoral, Tribuna de Santa Catarina e Gazeta das Praias, de São Francisco do Sul - escrevendo artigos sobre direito, sociologia, política, economia, literatura e história. É colunista de *A Notícia* desde 1958.

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura por várias vezes. Nesta condição, implementou os projetos de recuperação da Estação Ferroviária, da Shokoladenfest, do Festival da Canção de Cervejaria, do Memorial da Empresa Joinvilense; da edição de livros de Adolpho Bernardo Schneider, Elly Herkenhof, e Carl Julius Parucker; da reedição da ‘História de Joinville’ de Carlos Ficker”; e de “Às margens do Cachoeira”, de Augusto Sylvio.

Manteve colunas dominicais sob os pseudônimos de Charles D’Olençer e Heliodoro Luiz.

Publicou quatro livros – “Aos Domingos, crônicas”; “Saborosas Estórias Curtas de Charles D ‘Olençer”; “Europa sem Programa”; e “Contos e Crônicas”.

Em 2012 a cidade prestou-lhe um grande tributo, com a instalação da *Ponte do Charlot*, sobre o Rio Cachoeira, pela

Prefeitura de Joinville, homenagem secundada pela Câmara de Vereadores e pelo Poder Judiciário de Joinville.

MEMÓRIAS DOS CÁRCERES DO SUL

1964

No dia 23 de março de 1964, recebi a visita do Deputado Paulo Writh e do Padre Alípio de Freitas. O Professor Wilmar Dias e eu o ajudáramos em campanha eleitoral. Paulo era deputado estadual pelo PSP de Adhemar e eu o ajudara eleger-se com votos de Joinville, como faria mais tarde com o Luiz Henrique, porque era muito popular graças à minha atividade em favor dos trabalhadores. Pessoalmente e como advogado.

Conversamos sobre a situação nacional e eu lhes disse que *estávamos às vésperas de um golpe na democracia*. O que parecia não ter sido percebido pelos próceres políticos de centro e de esquerda, mesmo os comunistas. Era preciso despertá-los e fazer os golpistas botar as cabeças de fora. Tínhamos de fazer um comício com o PTB. Se não chovesse! Eu, desde quando chegara a Joinville, sentia a chuva.

Em 1957, quando cheguei, choveu de maio a setembro sem parar. Minha capa de chuva inglesa, presente de meu saudoso pai, carunchou. Meu sapato se desmanchou dentro das galochas. Anos mais tarde, fui fazer uma palestra na Escola Técnica Tupy, fundada pelo Professor Sylvio Snieckievsky e conferi no Laboratório da Escola o clima em 1957. Sim, fora chuva de maio a setembro!

Mas fui falar com o Pedro Ivo, que era o presidente do partido, o PTB, embora coronel reformado do exército. Topou e até contratou um caminhão com som para servir de palanque. Às 20 horas na Praça do Expedicionário, chegamos. Mas cadê o

PTB? Por opinião do senhor Rodrigo de Oliveira Lobo, ex-senador do PTB, o partido se encolheu. Alguns filiados vieram.

O professor Octávio Iany ao fazer pesquisas sociológicas para o plano diretor de Joinville, entrevistou o ex-Senador Rodrigo de Oliveira Lobo e o classificou de Lord Inglês, mesmo sendo presidente de um partido trabalhista...no Brasil....Só! E o partido era a maior força eleitoral do município.

Mesmo assim, começamos o comício, falando sobre o golpe que estava sendo preparado pela Embaixada dos Estados Unidos contra as reformas de base, especialmente, a Reforma Agrária.

Logo os golpistas chegaram, todos com lenços iguais no pescoço, para se identificar entre si. E tentaram intimidar-nos. Reagimos! Quiseram subir no caminhão e não deixamos, inclusive dando uns tiros de revólver e pistola para o ar. Aí a polícia chegou e lhe demos uma explicação e que o comício já estava no fim. A imprensa queria saber de tudo e expliquei, acentuando o que poderia acontecer no Brasil.

Previendo aquilo que, depois de uma semana, aconteceu: A Ditadura por mais de vinte anos!

Que, em Joinville, começou pela minha primeira prisão, aplaudida vivamente pelo Grupo da Fundação Tupy, cujo diretor-presidente chegou a discursar no pátio para os seus “colaboradores”, que o não aplaudiram. Seu discurso foi publicado pela Revista do Vale dos Irmãos Magalhães, número de abril/ 1964. Depois, precisando, vieram ser meus amigos.... Já conto....

Fui levado para o quartel do 62 B.I. de jipe, dirigido pelo Comissário Aristides. E lá, já encontrei o Addison, ex-prefeito de São Francisco do Sul, que viera soltar o Romualdo Pereira de Deus, Presidente do Sindicato dos Arrumadores da Babitonga.

À tarde, um caminhão nos levou na carroceria para um Pavilhão da Penitenciária Estadual da Agrônômica, em Florianópolis, onde ficaríamos, 90 homens de todo o Estado, depois de termos sido exibidos pelo caminho como comunistas... em tom de deboche.

Fiquei 61 dias. Após vários interrogatórios, soltaram-me. Nestes sessenta e um dias, fui eleito coordenador de solicitações do Pavilhão, com a obrigação de solicitar o que necessitássemos para barba, banho, sanitário, correspondência (menos jornais e revistas, por causa do noticiário contra o golpe!). Mas, como o Seda, meu cliente, fora condenado pelo júri e pelo tribunal, ele fez contato comigo e estabelecemos uma maneira de virem recortes de jornais e revistas para mim.

O Oficial responsável pelo Pavilhão era o Major Carlos Hugo de Souza, amigo desde o curso médio no Catarinense, ex-namorado da minha irmã Consuelo. E que nos procurava deixar à vontade, pois também fora contrário ao golpe, juscelinista que era.

Foi durante esta estada que um oficial do 62 B.I. veio interrogar-me para um IPM – que seria arquivado pelo Procurador da Justiça Militar, para não enxovalhar o Exército brasileiro, pelas minhas respostas que ele mandou registrar nos autos em 12 horas de interrogatório.

1967

Era o dia três de outubro de 1967, uma terça feira. As crianças ainda dormiam. Não me lembro porque pedi ao Abelardo, meu Fiel Escudeiro (trabalhou comigo trinta e seis anos e foi o mais perfeito dos amigos que já consegui ter) trouxesse do açougue do João Reinert, lá da Rua Santa Catarina, a maior costela possível para ser assada, para alguns amigos e colegas. Esperava-o, ainda em chinelos, frente à nossa

casa, na rua Carlos Lange, 56, quando um fusca velho parou e me perguntaram se conhecia o Dr. Adauto.

– Sou eu mesmo, por quê?

– Está preso e incomunicável!

Ri e lhes perguntei: Incomunicável? Tenho de comunicar à minha esposa...

Fui à janela da cozinha, onde ela preparava o desjejum das crianças (já tínhamos quatro filhos – Simone, Jacquie, Carlão e Marcel, este com meses de idade, nascido em fevereiro) e lhe disse, ao mesmo tempo em que lhe passava documentos e dinheiro (este sempre em boa quantidade para, eventualmente, uma fuga da ditadura governante):

– Estou novamente preso e incomunicável. Avisa à OAB.

Os homens já haviam desembarcado e vieram atrás de mim, mandando que Stelinha se calasse a respeito da prisão. E me empurraram para dentro do fusca.

Desde então, sumi. Embora fosse visto, quando levado ao 62º BI e trancafiado numa ampla sala, por componentes do batalhão. Todavia, o silêncio seria enriquecido por uma nota do comando, negando a minha prisão e presença no quartel, ante o clamor que se levantou, não só pela OAB-SC (Paulo Medeiros, Mário César Cubas e João Roberto dos Santos Régner), mas, igualmente, por vozes na Câmara Federal (Eugênio Doin Vieira) e Evilásio Caon, na Assembleia Legislativa. Ambos foram cassados depois!

Menção especial merece o amigo e colega Dr. Ruy Parucker, que se apresentou à Stelinha e lhe disse que tomaria conta do Escritório, sem ônus, enquanto eu estivesse impedido.

Na madrugada seguinte, às três e meia, fui levado do alojamento, que me deram para dormir, alojamento dos sargentos, para o fusca velho, que me valeria, anos depois, uma grande vitória na Advocacia.

Pelo caminho adotado, percebi que iríamos para Curitiba, provavelmente, para a Auditoria Militar, na Praça Rui Barbosa, minha velha conhecida de processos anteriores.

Na subida da Voçoroca, onde há o segundo lago, o fusca sofreu uma pane e parou.

Um dos dois homens, que estavam no fusca, saltou, levantou o capô traseiro, deu uma olhada e uma mexida no motor, voltou à frente, onde estava o motorista e lhe disse:

– Temos de fazer a volta e ver se ele pega na banguela.

Olhou para mim e me disse:

– Doutor, poderia dar uma ajudinha pra nós, temos de virar o carro e descer pra ver se pega na banguela.

Dei uma risadinha seca e lhe respondi:

– Se vocês querem me matar, me matem aqui, dentro do fusca. Não vou sair, nem empurrar, porque, depois, vocês vão dizer que eu tentei fugir e vocês atiraram em mim, aqui mesmo, quando me joguei dentro d’água. No fusca, fica sempre alguma prova do que aconteceu de verdade.....

Ele embarcou, *o fusca funcionou normalmente na virada da chave* e continuamos a viagem até a Capital do Paraná, onde me entregaram ao Coronel Ferdinando de Carvalho, responsável pelo Inquérito Policial Militar da Operação Araucária, que já havia prendido uma porção de gente do Paraná.

O único, verifiquei mais tarde, de Santa Catarina, era eu, graças à delação de um ”camarada” – Edgard Schatzmann e por vingança de um milico de Joinville, inconformado por me haver prendido e interrogado na minha primeira prisão e cujo inquérito foi encerrado e extinto para não envergonhar o Exército Brasileiro, segundo o relatório do Procurador Militar, que me deveria denunciar, ante as perguntas e respostas consignadas nele.

Na mesma noite, fui chamado à presença do Coronel para um interrogatório e, ante o que ele mandou o escrivão ler

para mim como a peça de denúncia, requeri uma acareação com o delator.

O Coronel acatou o meu pedido. E o “camarada” Edgard Schatzmann, que, depois da sua condenação, voltou a ser membro ativo do Partido Comunista e até chegou à sua presidência em Joinville, foi trazido à nossa presença.

O Coronel, então, lhe pediu para contar a sua estória sobre o Dr. Aduto, com todos os detalhes.

Ele afirmou que me conhecia e frequentemente ia ao meu escritório para entregar jornais do partido e receber contribuição financeira; que meu secretário era um senhor de cor; que o meu escritório era na Rua Blumenau; que eu me reunia com outros comunas, seguindo a orientação do partido em Santa Catarina; que conversávamos muito sobre a futura revolução comunista, etc...

O Coronel lhe perguntou se me conhecia, se sempre tinha contato comigo. Ele respondeu: “Sim eu conheço ele, mas nem sempre podia conversar com ele, porque estava atendendo clientes.”

O Coronel, então, lhe perguntou se conhecia a pessoa que estava sentada ao seu lado (Eu!).

– Não, nunca vi este senhor – respondeu olhando-me bem.

– Pois este é o Doutor Aduto!

Quis dar-lhe um bofetão, mas o Coronel me impediu, segurando-me o braço no ar. Ele chegou a se levantar diante da surpresa.

Falei, então, ao Coronel: Acho que pode mandar me levar para casa de volta, não?

Ele esclareceu que havia detalhes do inquérito. Chamou um praça para me levar. Então lhe pedi que mandasse o escrivão lavrar um auto da acareação para ser assinado pelo “camarada” Adolar, por mim e por ele, coronel.

Atendeu-me novamente. E, em seguida, me mandou ao quartel, onde ficaria preso e incomunicável 27 dias, em banheiro com cama, na ala dos oficiais. Consegui saber que era no Boqueirão, bairro curitibano.

Tão cansado por tantas emoções, achei que o melhor era dormir e começar a pensar na libertação, no dia seguinte. Eram umas quatro da madrugada. Pressenti que havia um guarda armado, andando de um lado a outro diante da minha porta.

Racionalizei – deve ser para a minha melhor segurança.

E tratei de dormir, não sem antes haver pensado preocupadamente na minha família e a encomendado ao Poderoso e Generoso Cosmos, meu íntimo para tais situações.

O toque de clarim me acordou. E tentei ver alguma coisa pela tela finíssima, que tapava minha janela para o pátio do quartel.

Experimentei a água do chuveiro para ver se era quente e como o fosse tomei um banho, embora não tivesse roupas para mudar, aproveitando para lavar a cueca e a camisa.

Devolvia-me a esperança de ser mandado embora, libertado, após aquela acareação. Porém o café, que me foi servido por um praça, ajudante do rancho, que se negou a falar comigo, respondendo às minhas perguntas, me fez entender que a minha situação não era tão promissora em termos de soltura. Sofreria os efeitos da minha luta, mais ou menos aberta, contra a ditadura, nestas vésperas do AI-5.

Pois, mesmo depois da primeira prisão no começo de abril de 64, quando fiquei na Penitenciária de Florianópolis por mais de sessenta dias – e mais cinco dias na mesma Capital, em 65, para explicar uma coincidência entre protesto dos estudantes da UFPR contra o Reitor Suplicy de Lacerda e a minha presença com a Stelinha na hora – não deixei de escrever, de falar, de fazer palestras, seguindo as regras de Berthold Brecht sobre as maneiras de se dizer a verdade sob ditadura.

Até mesmo uma frase, numa das minhas estórias curtas publicadas em A Notícia, me obrigou a ir ao 62 BI dar explicações do seu sentido e propósito (Trote Televisônico - Aos Domingos, crônica, p.8). Descobriria, após ganhar a liberdade por habeas corpus impetrado pela OAB Federal, através do Colega e Jurista Dr. Augusto Sussekind de Moraes Rego, junto ao Superior Tribunal Militar, que sempre fora seguido e todos os meus textos eram recortados e arquivados e os meus pronunciamentos gravados pelo SNI. Contou-me o sargento do batalhão, que era encarregado desta tarefa, em uma tarde de sauna no Clube dos Sargentos e Subtenentes de Joinville.

Para não ficar parado, enquanto aguardava uma manifestação das autoridades, fiz bastante ginástica e tomei mais um banho. Em seguida, bati na porta e chamei a sentinela, que não veio só, mas trouxe um oficial de ascendência japonesa, cursando o CPOR, ao qual me queixei da falta do que fazer e lhe perguntei se o batalhão não tinha uma biblioteca para eu poder ler algum livro.

Ele me prometeu uma lista de um depósito de livros, que havia num canto qualquer. E a lista tinha relacionados meia dúzia de bons autores, como Charles Morgan, de quem li, então, Sparkenbroke; A Pele de Malaparte; O Drama de Jean Barois, de Martin Du Gard; Clara dos Anjos, de Lima Barreto, alguns números de Seleções; Médicos Charlatães do Passado, de Oswaldo Cabral, etc....

Pedi, igualmente, papel, envelopes e caneta para escrever, no que me atendeu, também. Depois, não apareceu mais. Certamente, ou foi punido pela sua liberalidade, ou foi proibido de contato comigo.

Na madrugada do segundo dia, fui acordado, mandado vestir-me e levado de fusca, também, velho (pareceu-me um disfarce para a ação dos agentes da ditadura) a uma repartição, a qual, depois de solto e por razões profissionais, vim a

verificar que era uma delegacia da Polícia Federal, onde se faziam interrogatórios de presos políticos, não sem torturas.

Preparei-me para o pior, quando ouvi gritos e vi sangue respingado em parede. Porém, fui muito bem tratado, respondendo às perguntas sobre mim, a minha profissão, as minhas atividades políticas e alguma ligação com o Partido Comunista. Sobre estas duas, neguei. Nada de atividades, nem ligações subversivas.

Mandaram-me de volta ao quartel para a rotina do café com o mudinho, que aguardou para levar a xícara e a colher. A ginástica e o banho, a lavação da cueca e da camisa, a leitura do Sparkenbroke e a redação da primeira carta para casa gastaram as próximas 24 horas.

A prisão parece nada para quem está fora dela. Mas, quem está nela, sente e sabe o seu efeito sobre o ego. Levado para dentro, ouve, atrás de si, uma chave na fechadura rodar e trancar a porta, única saída, e o carcereiro a levar consigo, não dando esperanças de vir abrir a porta a qualquer hora, se não a uma hora em que a pena deixou de ser aplicada ou se exauriu.

Assim, as minhas ilusões de uma rápida volta à vida normal se foram esvaindo à medida em que os dias passavam. O que aumentou as preocupações com a família de quem não tinha, nem teria notícias tão pronto. Ainda bem que havia montado um esquema para quando fosse preso novamente, após as duas carceragens anteriores.

Todavia, ignorava que a ditadura, igualmente, houvera montado um esquema para obter resultados mais facilmente: bloqueio das contas bancárias; grampo nos telefones; desorganização do escritório numa revista que revirou tudo de pernas para o ar; revista à nossa casa, que era nova e recém ocupada; vigia de 24 horas a ela, com fotos dos que a visitavam em apoio à Stelinha e aos quatro filhos; ameaças à minha vida em troca de informações por um certo *tenente Aloísio*, o qual

não era da carreira militar, mas, sabujamente, como aluno do CPOR, em Curitiba, se pusera a serviço da ditadura.

Stelinha viveria um asqueroso episódio com ele. Ela se mostrou uma gigante, enfrentando aquelas vicissitudes, corajosamente, na minha defesa como seu marido e pai dos seus filhos.

Isto levou o tenente Aloísio a tentar um assédio, argumentando que ela era muito linda e jovem, não ficava bem estar sozinha, quando o esposo estava e ficaria preso, se não morto, pois eram raras as chances de ser libertado antes de uns dois ou três anos de prisão. E que poderia aliviar a pena no processo...

Respondeu-lhe altivamente que ele deveria lembrar-se de ter, provavelmente, mãe e irmã (ele as tinha!) e que elas se sentiriam humilhadas se recebessem tal cantada, fosse de quem fosse, ainda mais, em tal situação. E, com a maior firmeza, lhe disse: *“O senhor merece morrer com um tiro na boca, seu canalha!”*

O tenente Aloísio foi morto em Araucária, anos depois, já advogado em plena profissão, *com um tiro na boca*, por volta do meio dia. Nunca se soube quem foi o assassino! Aventamos, até, a hipótese que não teria sido vingança, mas uma queima de arquivo da ditadura. De qualquer forma, lastimavelmente, não tivemos qualquer participação nesta limpeza... Mas agradecemos ao Cosmo por ela.

Aliás, em Curitiba, numa ocasião em que fui levar um filme para ser revelado, encontrei-o na loja, um ou dois anos após a minha absolvição, e o provoquei: *“Como vai, valente?”* Ele nada me respondeu e saiu, tão rápido que acabou esquecendo a sua máquina sobre o balcão. Foi a última vez em que nos vimos. Mandeï o balconista guardar-lhe a máquina, esclarecendo que ele viria buscá-la depois da minha saída. O que soube ter acontecido, quando fui buscar as minhas cópias.

Rememorando os acontecimentos – na prisão se tem 24 horas gratuitas, para tudo – recordei-me de um fusca velho nos seguindo a Rio do Sul, em cuja comarca fui fazer a separação do prefeito, dirigido por uma mulher. Na verdade, era o tenente e seus asseclas, ele com uma peruca para disfarçar-se. Solto, conversei com Cesar, genro do Abelardo Ganancinha, que foi conosco àquela audiência, e ele, igualmente, se lembrou do estranho fusca com a mulher à direção. Vínhamos sendo seguidos sem nos dar conta. Mais observações deveriam estar fazendo na busca de pistas e provas da minha subversão, já dentro do quadro da minha próxima prisão, articulada por aquele oficial, cujo inquérito foi ridicularizado pela Procuradoria para não enxovalhar o Exército brasileiro.

Deve ter pedido para me incluir no primeiro arrastão político que houvesse. Por isso fui o único *catarina* na Operação Araucária. Os demais todos residiam na Capital do Paraná. Devem ter prometido suavidade ao camarada Adolar, se declarasse o que declarou. Ele era joinvilense, mas trabalhava em Curitiba. Ficava mais fácil, mais verossímil a sua declaração.

Lá pelo quinto dia de prisão, fui tirado do banheiro para um banho de sol e, felizmente, não um fuzilamento.

Se me queriam morto, como o desejou o Dr. Hans Dieter Schmidt, então Diretor-Presidente da Fundação Tupy, no pátio desta, publicamente, em discurso, publicado na Revista do Vale, no dia primeiro de abril, quando se regozijou com a minha prisão, optaram por bronzear-me antes. Receberia o troco, quando, com apoio na ditadura, reduziu as horas de trabalho da sua empresa e, conseqüentemente, as remunerações dos seus “colaboradores”! Já em liberdade fui para os portões da Tupy e disse, alto e em bom tom, a quem quisesse ouvir, que aquilo era ilegal e todos tinham de ganhar aos menos oito horas diárias. O dr. Dieter mandou voltar ao horário e remuneração antigos e pagou as diferenças extra-autos, excomungando-me e

me prometendo vinganças dignas da Inquisição....Durante o passeio, que não poderia ser parado, encontrei um coronel do exército, que se havia sublevado contra a ditadura e não lograra chegar muito longe com o seu contingente – 22 homens – estando preso, no mesmo quartel. Era o Cel. Jefferson Cardim. Apesar das proibições, conseguimos conversar um pouco e trocar as nossas identidades e a nossas amarguras com o governo do golpe. Foi a única vez. Foi julgado, condenado, perdeu a patente e cumpriu uma pesada pena de prisão. Desconheço a sua anistia e se recebeu a sua indenização.

Em um outro banho de sol, consegui me desprender do guarda acompanhante e entrei na Cantina dos Oficiais. Antes que tivessem tempo de me chamar à ordem, eu já estava falando com o Chefe e lhe falei do péssimo rango que recebia. Foi com a minha cara e me pediu que sugerisse um cardápio. Escrevi ali mesmo para todos os dias da semana, incluindo até feijoada aos sábados e churrasco aos domingos. Ambos com farinha de mandioca de Morretes. Ele cumpriu a sua parte. Infelizmente, mesmo o tendo procurado, quando já em liberdade, não consegui me comunicar com ele. Fica aqui a minha gratidão e reconhecimento pela excelência da sua cozinha. Também, pudera, era de oficiais do nosso Exército.

A vidinha rotineira foi quebrada por três fatos: Numa noite, pelas 22 horas, alguém bateu à porta do um banheiro privado duas vezes e me passou por baixo dela dois pacotes de plástico com Cachaça Boqueirão. Fiquei na dúvida em os beber, porque poderiam ser algo pior, venenoso ou alucinógeno. Entretanto, como já estava para tudo, derramei o seu conteúdo em um copo e bebi. Pensei que relaxaria, mas, ao contrário, me excitou e nem consegui dormir. Há algum tempo não provava álcool! Como escrevia todos os dias uma carta para a família, juntei algumas e, quando saí para o banho de sol, passei-as ao meu guarda com uma nota de 50 (tinha dinheiro trazido de Joinville, porque não me revistaram, quando me

jogaram no banheiro), dizendo-lhe para pôr no correio e ficar com o troco. Com as cartas, mandei uma crônica* para A Notícia, que a publicou no lugar da minha coluna semanal. Causou enorme comoção nos leitores e na cidade e soube disto, porque um oficial foi ao meu banheiro e me disse aos berros:

– Isto é tática comunista, querer comover a população contra nós !

Disse-lhe, calmamente:

– Não sei do que está falando, senhor!

– Da sua crônica sobre a sua ausência e da saudade dos seus filhos.

– Como poderia escrever daqui, se nem as minhas cartas familiares podem ser postas no correio, até para não revelar o meu atual endereço, segundo me disseram ?

Ele parou, ficou mudo, fez meia volta e se retirou.

Desta forma, a vidinha ia rotineira, sem mudanças, nem esperanças, até o terceiro fato, num sábado pela manhã, quando me chamaram em voz soturna do pátio debaixo da minha janela telada.

– Quem tá chamando o Adatao? – Seria outra cilada?

– O Beto Régnier !

– Quem, o Fumaça? (Apelido do Régnier)

– É.

– Diz pra ele que tou aqui. Com urgência façam alguma coisa! Grato, cara.

Saberia depois o que os levou a me encontrar. Aroldo Fedato e o Régnier armaram um plano de torneios entre os quartéis com prêmios em medalhas e troféus. Foi aceito pela 5ª. Região. E o puseram em prática. Todos os sábados havia jogos em um quartel diferente. Alguns colegas, amigos do Régnier, investigavam a presença de presos políticos nele. Aqui, o colega perguntou por presos políticos e um dos jogadores do time lhe disse que havia uma porção, mas um deles,

curiosamente, não era conhecido, porque estava num banheiro com tela na janela.

Acharam-me!

A situação mudou. Stelinha foi para Curitiba e acompanhada do seu irmão, que estava no CPOR, foi ao quartel para ter contato comigo, falando com o comandante.

Este disse que não poderia fazer nada, porque eu não era preso militar e, sim, político, estando sujeito ao Cel. Ferdinando de Carvalho. Ela foi a este e, corajosamente, como era do seu caráter, lhe pediu para ter um contato, explicando-lhe quem eu era, marido, pai, advogado da mais inestimável idoneidade e que a prisão estava causando comentários sérios contra a arbitrariedade em Joinville. O coronel redigiu uma ordem ao comandante do Batalhão para deixá-la me ver e falar comigo. Só ela!

E nos reencontramos. Entre risos e choros. Havia sol novo nas nossas vidas, que trazia consigo esperanças. Ela voltou a falar com o coronel Ferdinando e este alargou as visitas para as filhas e para uma cunhada. Depois para o Dr. Paulo Medeiros, então, presidente da Associação Joinvilense de Advogados, predecessora da Subseção, ambas fundadas por iniciativa minha. Ele me levou maçãs...

Neste meio tempo, a OABSC, presidida pela saudoso Amigo, Colega e, depois, Irmão, Antônio de Freitas Moura, através da ORDEM Federal, já havia impetrado o habeas corpus em meu favor, além de reclamar do “Presidente” Castelo Branco contra artigo da Lei de Segurança Nacional proibindo o exercício profissional para quem estava sendo processado com base nela. Neste mesmo sentido, já se manifestara o Prefeito Nilson Wilson Bender, ao receber a ordem de cassar o Alvará de funcionamento do meu escritório com base naquele dispositivo draconiano, recusando-se a cumprir a determinação e me mandar entregar, pelo colega

Aymoré Palhares, em casa, a cópia do seu ofício resposta-negativa à Auditoria Militar da 5ª. Região.

No dia do julgamento do habeas pelo ST Militar, no Rio de Janeiro, o Conselho Federal se declarou em sessão na sala dos passos perdidos da corte, acompanhando o julgamento, que me foi favorável no writ impetrado pelo Dr. Augusto Sussekind de Moraes Rêgo.

E o Alvará seguiu prestes, sendo apresentado em Curitiba pelo saudoso pai do Colega Assis, Dr. Aureliano Maeder Gonçalves, que me foi buscar de carro, me levou ao apartamento dos meus sogros, de onde fui de taxi para Joinville com o Seu Ari, pai da Stelinha, sendo recebido em casa por ela, Ivete e Luiz Henrique, estes quando lhe faziam companhia, jogando baralho. Naquela noite, o assíduo Monsenhor Sebastião Scarzello não pudera ir como o fazia todos os dias, após a Missa das 19 horas, na Catedral, antes de se recolher ao seu apartamento no Hospital São José, vizinho lá de casa. A soltura lhes era desconhecida a meu pedido, para surpreendê-los. Era o dia 30 de outubro de 1967, uma segunda feira. As crianças já dormiam.



WILSON GELBCKE

Wilson Gelbcke nasceu em São Paulo, em 1933, radicando-se em S. Catarina no ano seguinte. No campo da Comunicação, em Curitiba, criou departamentos de propaganda para as empresas Ancora (1953) e Madison (1956), voltando para

Joinville em 1962, contratado pela Indústria de Refrigeração Consul (hoje Whirlpool), para gerenciar os departamentos de Propaganda e Comunicação Social.

Em 1992, foi para São Paulo como Assessor de Comunicação Corporativa de todo o Grupo Brasmotor. Fez cursos de Marketing e Planejamento de Produtos, inclusive nos Estados Unidos, pela Whirlpool. E aposentou-se em 1994, passando a se dedicar à literatura e artes plásticas.

O primeiro livro de W. Gelbcke foi "A Máscara de Capelle", em 1997. E não mais parou de escrever romances, livros juvenis, contos, poemas e biografias... num total de 17 obras.

- Romances: *A Máscara de Capelle, Vindita do Historiador, A Terceira Moeda, Ás de Ouros no Mundo da Comunicação.*

- Juvenis: *Esses Duendes Tão Míopes, Por um Rio Você Pode Fazer Milagres, Quatro Anjos e Quatro Destinos.*

- Contos e Poemas: *Causos de Minha Cidade, Receita Para o Amor.*

- Biográficos: *Primavera em Pleno Verão, Reflexões ao Longo de uma Vida, Sangue Suíço...Coração Brasileiro, Do Cantão para Joinville, Obras de F.Frick na Catedral da Sé, Fascinante Viagem pelo Mundo, 60 anos do CEAJ, Tudo por Joinville.*

É também membro da Associação das Letras, Confraria do Escritor e da AAPLAJ - Associação de Artistas Plásticos de Joinville.

ESSES DUENDES TÃO MÍOPES

(Os primeiros 4 capítulos do livro publicado pelo acadêmico no ano 2000)

Figuras da mitologia greco-romana emprestaram seus nomes aos personagens de Mióptica – o país da miopia.

A inocência acaba
quando se deixa de ser criança.
A miopia começa
quando não mais se quer ver.

O dia prometia ser tão belo quanto o anterior. E Pedro não queria perder um só minuto, um só pedacinho das férias, no sítio dos avós. Por isso ele corria. Pernas finas ao vento, saltitando como lebre morro acima, sumindo entre touceiras altas até o topo da colina. Agora, era só esperar. Sentado na pedra de sempre, debaixo da velha mangueira, arrancou o caule longo de um—a gramínea e pôs-se a mastigar a ponta ácida e açucarada até ver a bola de fogo aparecer por detrás da cordilheira. E gritou:

– Bom dia, Sol!

Podia jurar que o despontar daquele dia era ainda mais esplendoroso que o anterior. O paredão rosado à sua frente ia mudando para o alaranjado, depois amarelando, amarelando, até o azul tomar conta das bordas do firmamento. Uma vez mais, Pedro se deliciava com o que via.

Aquele seria um dia especial. Iria até a cachoeira branca onde curimbatás costumavam subir para a desova. Abriu a pequena sacola e desembulhou o lanche que devia comer lá pelas nove horas. Só queria dar uma olhadinha. Já se antevia saboreando a fatia de pão de milho com goiabada e farto queijo caseiro que a avó havia preparado, enquanto se divertia com o espetáculo da piracema. O Sol começava a esquentar e Pedro disparou colina abaixo, levantando duas codornizes que voaram na direção do riacho, num arfar barulhento de asas. Seguiu o

mesmo caminho e logo estava correndo junto à margem, vendo-se refletido nas águas cristalinas.

Quando parou de correr, já estava em boa distância da casa, embrenhando-se na mata. Logo estaria na trilha que vai dar na cachoeira. Mas antes ia passar pela tosca cabana do lenhador. Pedro gostava dele e das histórias sobre duendes da mata que o lenhador afirmava aparecerem de vez em quando para lhe roubar mel e farinha. Preto como breu, Anacleto tinha acordo com o bom Deus: Para cada dia de saúde, um dia de trabalho pesado!

– Dar duro não mata ninguém – dizia ele. – Deita na rede e vai estar na posição que as minhocas gostam.

Anacleto cortava lenha para o avô de Pedro, mas não dependia disso para o sustento. A terra fértil lhe dava bons legumes. Tinha fruta e mel nos fundos do quintal. E, no riacho de águas claras, curimatás em abundância para pescar.

– Então o menino vai até o véu da noiva? Uma boa caminhada...

– Meu avô diz que é tempo da piracema. Quero ver os curimatás subirem a correnteza para a desova.

– Coisa linda de morrer, menino. É quando eles estão lá. Pegando os que se debatem nas pedras.

– Eles quem, seu Anacleto?

O lenhador balançou a cabeça e mostrou todos os dentes num sorriso maroto.

– Os duendes. São loucos por peixe, mas lhe digo uma coisa: Não sabem pescar. Esse é o problema dos preguiçosos. Se não lhes ensinam, eles pouco fazem por aprender.

– Anacleto e suas histórias...

– Volte antes de o Sol dormir – disse o lenhador, colocando algumas amoras na sacola do garoto. – É quando eles aparecem.

Pedro achou graça e despediu-se do lenhador, que ficou olhando até vê-lo desaparecer entre as árvores que balouçavam estranhamente.

– Santo Deus, vai cair um temporal! Volta, Pedro!

Talvez o vento, o riacho a correr, ou o ruído dos próprios passos. A verdade é que Pedro não ouviu os brados do lenhador.

Já andava algum tempo quando escutou o grasnar familiar das gralhas-azuis nas copas altas das araucárias. Pássaros simpáticos de rica plumagem, que davam o exemplo do ganhar e doar. Enterravam o fruto da pinha, armazenando alimento para o futuro. E a cada pinhão desenterrado, elas deixavam outro que germinava um novo pinheiro.

Subitamente, as gralhas ficaram assustadas e sumiram. A mata nunca lhe pareceu tão escura. Pedro apressou o passo. Logo ele estava em campo aberto, percorrendo a campina em direção da cachoeira, o vento a lhe desalinhar os cabelos cor de trigo. Manto escuro e ameaçador trouxe o primeiro trovão. Todo o firmamento roncava, e o manto escuro foi riscado por uma luz branca de alto a baixo. Pedro ia contando, enquanto corria. Um, dois, três, quatro, cinco... E escutou o ribombo ecoar pela campina.

– Está mais perto do que pensei.

Ele já podia ver a cascata ao longe e escutar o barulho da água despencar do alto da penha, levantando a nuvem branca ao quebrantar contra a grande bacia de pedras, onde os curimatás costumavam desovar. Foi quando a chuva leve se transformou no maior aguaceiro. Debaixo das árvores próximas à cascata lhe pareceu o lugar mais seguro. Encharcado até os ossos, procurou se abrigar na sapucaia mais frondosa.

O clarão intenso e o barulho ensurdecidor vieram ao mesmo tempo. O raio arrancou parte da árvore e o galho quebrado atingiu Pedro na cabeça.

1 - A Fraqueza

– Hei garoto, acorda!

A cabeça de Pedro parecia girar e ele abriu os olhos com dificuldade.

– O que você está fazendo aí, deitado no chão?

De onde vinha aquela voz estranha e estridente? Pedro levantou-se e olhou em volta. Lá estava ele, vestido de verde, um largo cinto de couro a lhe envolver a barriga e um gorro vermelho sobre a cabeça calva.

– Devo estar vendo coisas... Um anão!

– Avoamuoãna!

– Não entendi nada – disse Pedro. – Está, por acaso, me xingando?

– Estou, e não por acaso. Você é um garoto estúpido, que não sabe distinguir um duende de um anão. Olhe minhas orelhas!

Tinha uma cara engraçada, bochechas redondas, olhos pequeninos por detrás dos grandes óculos e orelhas pontudas.

– Então eles existem? – indagou Pedro, esfregando os olhos para certificar-se de que não estava vendo coisas.

– As amoras estavam deliciosas.

– Quem te deu permissão de vasculhar minha sacola? – disse Pedro, aproximando-se do pequeno duende, que baixou os olhos e fungou encabulado.

– Não pude resistir. Para onde eu vou, não posso encontrar amoras como as do lenhador.

– E para onde você vai?

– Para qualquer lugar, desde que longe de Mióptica.

– Mióptica? Que lugar é esse?

– O país da miopia – respondeu o duende, fazendo uma mesura. – Permita que eu me apresente. Sou Pistor, o padeiro. E você é Pedro, neto do grande fazendeiro.

– Como sabe? – Eu nunca havia visto ou falado com um duende!

– Somos uma raça privilegiada, Pedro. Inteligentes e criativos... mas de visão muito curta.

E assim dizendo, Pistor deu duas piruetas e desapareceu.

Pedro estava tão perplexo que se esqueceu por completo da piracema. Só então notou que a tempestade havia desaparecido tão rápida quanto o duende. Ainda não acreditando no que vira, caminhou até o sopé da cachoeira onde a água cristalina brincava entre as pedras e os curimbatás emergiam em cardumes cintilantes. Eufórico, Pedro viu-se rindo e aplaudindo. E escutando o eco do seu aplauso. Eco?

Lá estava o duende sobre uma pedra, contorcendo-se de tanto rir e de aplaudir.

– Pistor, por que foi embora?

– Comprometimento – respondeu o duende, com nova mesura. – Para muitas perguntas, muitas respostas. Você acaba se tornando responsável.

– E daí?

– Está vendo, está vendo – resmungou o duende, tentando uma nova pirueta. – Satnugreperpmes!

– Oh, não! Desta vez você não me escapa – gritou Pedro, saltando sobre o duende, antes que ele desse a segunda pirueta. – Eu não te chamei e por duas vezes você interferiu em minha privacidade. Agora, queira o não, você é responsável. Que língua é essa que eu não entendo?

– Solte-me, se quer respostas. Satnugreperpmes pra lá... e Sempreperguntas pra cá...

– Falas ao contrário. Por quê?

– Perguntas irritam os duendes. E agora, sem demora, façamos um trato. Três respostas, se perguntas não forem feitas.

– Negócio fechado! Para iniciar, fale-me de Pistor.

- Você é muito esperto – respondeu o duende, ajeitando o gorro e levando a mão ao peito cheio de trejeitos. – Sou padeiro de Mióptica. Em toda minha vida tenho produzido o alimento que mata a fome. Ainda todos a dormir e Pistor já está com a mão na massa, faça frio ou faça chuva. Centeio e cevada para os que podem pagar. Para os que não podem, pães de trigo ou de fubá. Já perdi a conta e cansei de trabalhar. Qual a tua segunda pergunta?

– Pergunta nenhuma eu fiz e duas respostas você me deve. Deixar de fazer o que em toda a tua vida vinhas fazendo não tem sentido. Conte-me direitinho essa história.

– Trate um profissional como tal. Na Idade Média, aprendizes levavam de três a cinco anos para aprenderem a nobre arte da panificação e eram recompensados pelo que produziam. Mas não em Mióptica... Lá não se ganha na justa porção. Oh, sina a minha: Faço o pão e me alimento de farinha.

Pedro condeu-se ao ver lágrimas ampliadas pelas grossas lentes dos óculos do duende.

– Motivos você deve ter para tamanho pranto, ou não estaria deixando a sua Mióptica.

– Lamento igual tem o que lá o trigo planta. Dele exigem tenros grãos, mas pouco lhe sobra para a janta.

– Não compreendo, Pistor. Meu avô colhe nova e farta safra e todos na fazenda festejam o quanto a terra lhes vai dar.

– Teu avô deve ter bons óculos – lamuriou o duende. – Qual tua derradeira questão?

– Mióptica!

– Quer conhecer o país da miopia? – indagou o duende, enxugando os olhos e limpando os óculos. – Faça-te um favor. Ao invés de te contar, dou-te o salvo-conduto para que possas vê-la com teus próprios olhos.

– Verdade? – exclamou Pedro, sem conter o entusiasmo.

– Cuidado com as promessas de um duende mioptense. Eles são inteligentes e criativos, mas a pouca visão não lhes dá credibilidade.

– Não me desaponte, Pistor – bradou Pedro. – Fale-me de Mióptica... Ou leve-me até ela.

– Lá! – bradou o duende, apontando para a cachoeira. – Por detrás daquele véu da noiva você encontrará a passagem.

Incrédulo, Pedro olhava para a cascata enquanto o duende desaparecia. Sobre a pedra, ficou um cartão vermelho com letras douradas. Era o salvo-conduto para o país da miopia.

Pistor não parecia ser um mau duende. Deixava-se apenas abater pela fraqueza, transferindo a culpa do seu insucesso.

**Pistor – Padeiro. Homenagem dos romanos a Júpiter, por tê-los ajudado ao sugerir que jogassem pães sobre os escudos dos invasores, que desistiram de vencer, pela fome, um inimigo tão abastecido.*

2 - A prepotência

Saltando de pedra em pedra e equilibrando-se, Pedro aventurou-se por detrás da cascata. Um salto a mais e o volume d'água atingiu-o em cheio, sugando-o para dentro de uma caverna. Ali estava! Havia mesmo um estreito caminho entre a encosta úmida e a estrondosa cortina d'água, levando-o até duas pequenas e toscas portas de madeira no final do túnel.

Cautelosamente, Pedro bateu na porta da direita sem obter resposta. Tentou a da esquerda e ficou aguardando. Como não obteve resposta, voltou a bater. Desta vez, com mais força.

– Pára com isso! Não vês que estou ocupado? Entra na fila e aguarda tua vez!

A voz vinha lá de dentro. Uma voz prepotente e de poucos amigos. E Pedro arriscou:

– Como posso entrar na fila se estou sozinho?

Não houve resposta. Pedro aguardou mais um pouco e voltou a bater.

– Pára com isso! Não vês que estou ocupado! Entra na fila e aguarda tua vez!

– Como posso saber que está ocupado, com a porta fechada?

– Apresenta teu salvo-conduto! – ordenou a voz, ainda mais irascível.

– Onde, ou como devo apresentá-lo? - perguntou Pedro, tirando do bolso o cartão vermelho com letras douradas.

– Tem certos dias em que é melhor ficar na cama – resmungou a voz, com rabugice, - Por debaixo da porta, seu paspalhão!

Pedro olhou para uma das portas e depois para a outra. A figura enigmática de Pistor passou como um relâmpago em sua cabeça.

- Da direita ou da esquerda? – arriscou ao perguntar.

- Por Olimpo! Essa brincadeira pode lhe custar 100 mil dracmas. Passe logo o salvo-conduto, ou volte amanhã. Está na hora de fechar.

Pedro apressou-se a passar o cartão por debaixo de uma das portas e a luz vermelha acendeu quando ela se abriu. Por detrás de um balcão, protegido por meia parede de vidro onde se lia “Sr. Portuno – aduaneiro de Mióptica”, um duende malencarado, rosto comprido e nariz adunco, levou Pedro a pressentir que não foi bom negócio aceitar aquele salvo-conduto.

– O que tem a declarar? – perguntou o duende, sem olhar para ele.

Pedro notou que o duende era míope e não usava óculos.

– Temo que... Nada, Sr. Portuno.

– Por acaso, você é daltônico? Não foi a luz verde que se acendeu, foi? 100 mil dracmas por tentativa de suborno!

– Cem mil dracmas?

– Você está fora há três dias, Pistor. O povo de Mióptica clama por pão, enquanto você perambula por aí.

– Está enganado, senhor. Meu nome não é Pistor. Sou Pedro e nada entendo de pães.

– A quem pensa enganar? – esbravejou o prepotente aduaneiro. – São 100 mil dracmas por tentativa de falsa identidade. Guardas!

– Por favor, senhor Portuno – voltou a suplicar Pedro, nervosamente. – Veja! Nem sou duende...

– Mais 100 mil dracmas por perjúrio. Guardas!

E, assim, Pedro foi conduzido para a cadeia de Mióptica, sem entender o que fizera por merecê-la.

Portuno, o segundo e estranho mioptense que ele havia conhecido, abusava da arrogância e se esquecia das obrigações que seu cargo exigia. Esse duende era dominado pela prepotência.

** Portuno – Divindade romana que guardava portas e passagens, velando também sobre os portos.*

3 - A apatia

Na manhã do terceiro dia, a porta da cela foi aberta e Pedro viu entrar a figura mais enigmática que um duende pudesse ter. Trazia nas mãos um enorme livro com capa de couro e a palavra LEX em relevo. Fortes rugas na testa surgiam cada vez que ele se esforçava por abrir os olhos, o que era difícil pelo peso das enormes pálpebras. Com cauteloso cumprimento, Pedro respondeu ao sorriso triste quase tímido do duende.

– Aqui estou para ajudá-lo, meu caro Pistor.

– Fico-lhe grato, mas não sou Pistor – respondeu Pedro.

– Por Olimpo, devo ter entrado na cela errada! Viu, por ventura, algum padeiro por aí? Cumpre-me defende-lo.

– Sou quem procura, mas não sou padeiro.

– Se não é Pistor e padeiro também não, quem você é então?

– Sou Pedro e preciso de ajuda. O fraco Pistor deu-me um salvo-conduto e com ele toda essa confusão.

O duende, perturbado, andava de um lado para o outro. Abriu o pesado livro e folheou algumas páginas. Coçou a cabeça e as fortes rugas voltaram a aparecer na testa.

– É incrível! Absolutamente inacreditável! – exclamou, fechando o livro com indolência. – E, ao mesmo tempo, inteiramente inadmissível!

– Posso saber do que está falando? – indagou Pedro, sem entender.

– Esqueci de trazer o segundo volume. Este não vai além da letra M. Nem Pedro, nem salvo-conduto, nem Pistor, nem Padeiro... Tudo está no segundo volume. Dura é a vida jurídica.

– Você não parece ser um advogado. Qual é o seu nome?

– Se a memória não me falha... Seleno! Aqui tem o meu cartão. Foi um lauto prazer atendê-lo. Meus honorários ser-lhe-ão logo remetidos.

E assim dizendo o duende lhe deu as costas e foi saindo como entrou.

– Dr. Seleno! – clamou Pedro, ainda perplexo, – o senhor esqueceu o livro.

– Que bobagem a minha. Devo estar muito atarefado...

O duende deixou a cela com o livro debaixo do braço, ficando a porta aberta. Como pode ser tão esquecido, disse Pedro consigo mesmo. Ou será apenas desatenção?

Não! O termo pelo que faz é apatia, pois dos honorários bem se lembrou. Pobre Seleno, indolente por não escolher a profissão certa. Nem as dracmas haverão de lhe proporcionar felicidade.

** Seleno – Pastor da Arcádia, abandonado por Argira quando envelheceu. Sofreu tanto que Vênus concedeu-lhe a graça do esquecimento.*

4 - A prudência

A cela aberta logo estaria vazia. Pedro não encontrou dificuldade de passar pelo guarda dorminhoco que ressonava em sono profundo, chave presa ao pescoço e mãos entrelaçadas sobre a barriga. Embora desejoso de conhecer Mióptica e seus estranhos habitantes, temia pelo próximo encontro. Receio infundado, pois duendes cruzavam seu caminho e tiravam o gorro em amistosa saudação.

Pedro se encantou com as belas casas de tijolos vermelhos e de grossos caibros de madeira entalhados, como eram as portas e janelas. As ruas estreitas e revestidas e pedras roliças estavam arborizadas e floridas. Duendes pequeninos brincavam alegremente em volta de um chafariz de águas claras, no centro da praça.

A algazarra levou Pedro até os pequeninos que, curiosos, pararam de correr e o cercaram, com olhares e perguntas: Quem é você? Quem são seus pais? Que brincadeiras você conhece? Por que teus olhos são ainda tão grandes?

Só então Pedro notou que todos eles ainda tinham olhos grandes e atentos.

– O que leva os duendes adultos a perderem a visão? – indagou.

Os pequeninos deram de ombros. Tomaram Pedro pelas mãos e voltaram a correr em volta do chafariz, despreocupados e felizes.

– Um dia também vocês serão adultos – insistiu Pedro, falando mais alto para que escutassem.

– Você fala como um deles – respondeu a pequenina e bela duende que lhe tinha pela mão. – Logo vai querer provar o quanto é sábio. Seja prudente e não te aproximes de Acadina, sem estar preparado.

Pedro puxou-a para o lado e ambos saíram da roda.

– Qual é o teu nome?

– Métis – ela respondeu, gratificando-o com um sorriso.

Suas faces rosadas tornaram-se rubras e longas pestanas tremularam, ressaltando os belos olhos azuis.

– O que você quer dizer com “não te aproximes de Acadina”?

– É a Fonte da Sinceridade. Você está mais perto dela do que possa imaginar, filhote do homem... Se não fechar os olhos.

– Temo não te entender...

– As águas de Acadina têm o poder de revelar a sinceridade dos juramentos nelas jogados. Imprudente é o adulto que, não distinguindo o certo do errado, engana a si próprio confiando falsos juramentos às suas águas.

– E onde fica essa fonte, Métis? Onde?

– Vê! Nem adulto é e já tem pressa. Logo teus olhos estarão pequenos e não vai enxergar o que convêm, mas o que for de seu interesse.

– Não, Métis. Juro que não.

– Você quer, no entanto, saber onde a fonte se encontra.

Pedro sentiu o coração disparar. A pequenina e sábia Métis havia colocado o juramento dele na balança da sinceridade.

– Quero ser prudente como você, Métis. Como me tornar adulto sem perder a visão?

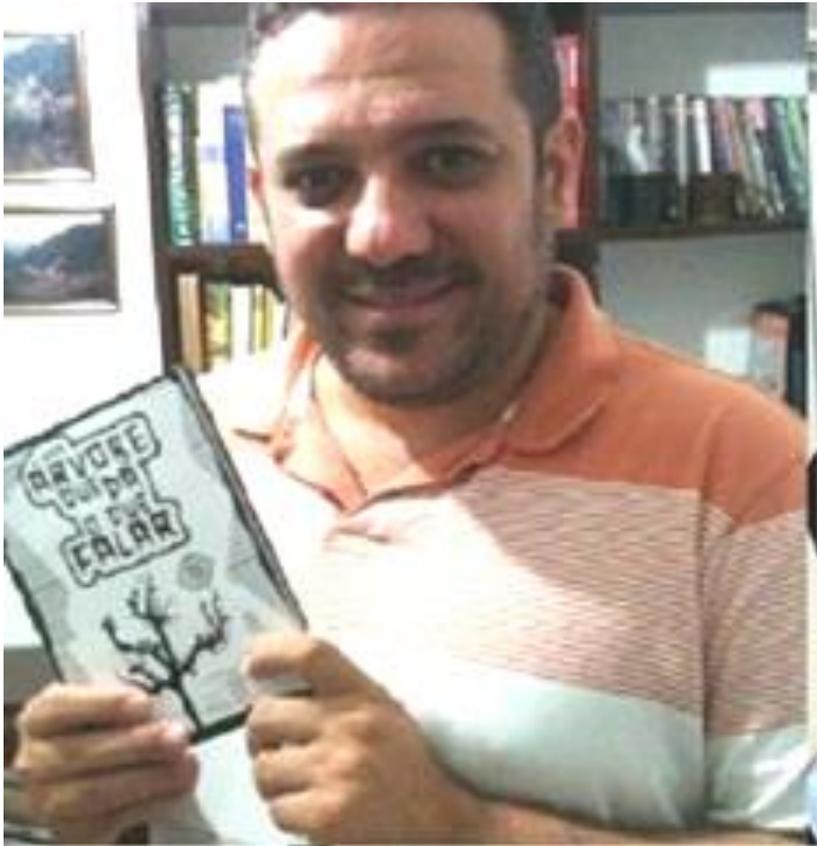
– Primeiro, deve procurar o sábio Honos. Quando o encontrar, estará preparado para a Fonte de Acadina.

A duendezinha, então, saiu correndo para o grupo dos pequeninos, que continuavam a brincar junto ao chafariz. Pedro ainda a seguiu com o olhar e depois não a viu mais.

Com a jovem Métis, ele havia aprendido a não fechar os olhos e agir com precaução, lembrando que a prudência é necessária quando a emoção é mais forte do que a razão.

** Métis – Sua sabedoria e prudência chegaram a perturbar Júpiter, seu marido. Ele a engoliu, transformando-se no mais sábio dos deuses.*

JURA ARRUDA



Jura Arruda nasceu em São Paulo. Radicado em Joinville desde 1984, estreou escrevendo para teatro em 1996, com a peça

infantil “Quem roubou minha infância que estava aqui?”, desde então escreveu onze peças, com destaque para “Uma festa para Eulália” (2006) e Nós e um laço (2013). No cinema foi roteirista do longa “Infância de Monique”.

Com foco na literatura infantojuvenil, Jura Arruda tem sete livros publicados, com destaques para “Fritz, um sapo nas terras do príncipe” e “Uma árvore que dá o que falar”, além de participações em antologias por editoras de São Paulo e Santa Catarina.

Foi membro do Conselho Municipal de Políticas Culturais de 2015 a 2016, é vice-presidente do Instituto da Cultura e Educação (realizador da Feira do Livro de Joinville), Acadêmico Honorário da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Sul e Acadêmico Titular da Academia Joinvilense de Letras desde 2015.

Cronista desde 2008, atualmente tem crônicas publicadas na edição de sexta-feira do jornal A Notícia.

É editor, o criador e diretor da Editora Areia, de Joinville.

MÓIN-MÓIN NA BEIRA DO RIO

A história que eu vou contar tem magia, tem sonho e tem destino. Aconteceu há muito tempo, quando migravam para o norte de Santa Catarina trabalhadores de todo o país. Em uma terra inabitada, onde hoje é Jaraguá do Sul, uma história

repleta de magia aconteceu, ninguém percebeu, afinal, estavam todos preocupados em fazer seus trabalhos e voltar para casa. Tudo começou ao lado de uma árvore frondosa, à beira de um rio. Vamos dar uma olhada no que se passa. Veja só, dois homens conversam. Um deles é coronel, o outro é carpinteiro. Ouçamos o que dizem:

– Obrigado pelo serviço, Coronel. Tava precisado.

Jourdan sorri e dá dois tapinhas no ombro de Toninho:

– Não me agradeça. Vamos que a gente tem muito o que fazer.

Os dois seguem entre os rios Itapocu e Jaraguá com os instrumentos em suas bolsas para começarem a demarcar a terra da princesa. Outros homens chegam e cada centímetro daquele chão vai recebendo bênção e destino.

Isso foi o começo, nem dá pra dizer que tem uma história aí, mas vejamos o que acontece semanas depois, quando o trabalho está chegando ao fim: Toninho, que veio do Nordeste, anda acabrunhado. Se é saudade ou cansaço, não dá pra dizer, foi ficando amuado, amuado, até que os homens perceberam. Alguns se aproximam dele e só ouvem: “está tudo bem, está tudo bem”.

Jourdan também percebe a apatia de seu trabalhador, aproxima-se e tenta tirar dele alguma informação. O trabalho não terminou ainda e ele precisa de homens bem dispostos. Toninho olha para o coronel, depois para o rio, atira uma pedra e fala:

– Eu tive um sonho, coronel. Um boneco falou comigo.

– Ora! Toninho! Que raio de sonho é esse?

– Não sei. Mas parecia verdade.

– Não deixe um sonho te atormentar, homem! Precisamos de você para terminar logo esse trabalho.

– Eu sei, coronel. Eu sei.

– Então. Esqueça desse boneco. Bora trabalhar!

– Ele canta.

- O quê?
- O boneco. Ele canta.
- Canta o quê?
- Tri-tra-trullala, der Kasper ist wieder da!

Ao ouvir a cantoria de Toninho em alemão, o coronel vê que há mesmo motivo para se preocupar. Pede ao moço que vá descansar, o sol deve estar derretendo os miolos do coitado.

Anoiteceu. O boneco visita o sonho de Toninho outra vez e canta feliz “tri-tra-trullala, der Kasper ist wieder da!”

– O que você está cantando? – questiona Toninho. Nos sonhos, até o absurdo parece normal.

- Uma canção.
- Que raio de canção que me atormenta!
- Desculpe. Eu gosto dela.
- O que ela quer dizer?
- Tri-tra-trullala, o Kasper chegou novamente.
- Você se chama Kasper?
- Sim
- E o que você quer comigo?
- Você é carpinteiro, não é?
- Sou
- Me faça.
- O quê?
- Me faça.

Toninho entende o que o boneco quer e, por medo ou imaginação, resolve talhar um boneco idêntico. Trabalha a noite inteira até terminar. Quando amanhece vai até os homens e mostra-lhes. Os homens acham que ele está louco.

– Miolo derreteu, diz um. Outro pega o boneco nas mãos e dá-lhe vida improvisando falas com voz miúda e chata:

– Olá, eu sou Kasper, vim do sonho do Toninho para dizer a vocês que acabem logo com esse trabalho, porque a princesa tá impaciente e o sol tá queimando o miolo de muita gente.

Os homens riem, Toninho não. Toma de volta o boneco. É o último dia de trabalho na terra da princesa e o nordestino quer voltar logo à sua terra.

– Mais uma noite e essa doidera acaba – Pensa o homem.

E ele tem razão, é só mais uma noite, mas ele vai descobrir que é, de novo, noite de sonhar com Kasper.

– Toninho, me proteja enquanto Móin-Móin não vem. Me proteja, Toninho.

O homem quer que aquilo acabe logo. Vira-se na cama, rola de um lado para outro e tenta tirar o boneco da cabeça. Não consegue. Levanta-se, pega Kasper, vai até o arvoredado e lança-o ao vento. O boneco voa e cai no solo, só e abandonado. Pela manhã, Toninho é um dos primeiros a partir.

* * *

Passam 80 anos.

Móin-Móin está na cidade. Tem diversos bonecos que usa para contar histórias. Um dia, ao passar pela beira do rio Itapocu, avista algo se mexer. Pensando ser um bicho, ela se aproxima com cuidado. Vê, sob folhas caídas, Kasper. Limpa o barro e mal pode acreditar que encontrou um boneco ali, em lugar tão inesperado.

– De onde você veio, seu boneco simpático? – com movimentos hábeis, faz Kasper falar:

– Estava esperando por você, Móin-Móin. Ainda bem que chegou.

Móin-Móin ri, limpa um pouco mais o barro do boneco e parte em direção à sua casa. No caminho encontra um dos meninos da escola e apresenta o boneco para ele. O menino olha bem e comenta:

– É o Kasper.

– É seu? – pergunta Móin-Móin.

– Não.

– Como você sabe o nome dele?

– Não sei. Só sei. Que bom que a senhora o encontrou, não é?

– Sim. Estou feliz por isso.

– Ele também está feliz por ter encontrado a senhora.

A professora se despede e Toninho fica olhando para o rio. Parece que já esteve ali, mas não lembra direito. Parece já ter estado com Kasper, mas não lembra direito. Parece ter vivido alguma magia, mas não lembra direito. Deve ser apenas impressão.

(Móin-Móin era o apelido de Margarethe Schliinzen, que durante as décadas de 1950 e 1960 apresentou-se com suas marionetes em escolas de Jaraguá do Sul)

SOBRE DEMÔNIOS E BORBOLETAS

Do encontro com Isolda, o perfume era a lembrança mais nítida, mas José não sabia descrevê-lo. Aquele perfume, para ele, era como se fosse sentimento, só sabia senti-lo. Sentia

que era bom e o levou a tocar com a ponta dos dedos a borboleta tatuada nas costas de Isolda. Um abraço, um beijo leve nuns lábios breves e José encontrou, aos 39 anos, finalmente, o amor.

Isolda já tinha o amor em intimidade e nos últimos tempos só sabia repudiá-lo. Toda intensidade do amor de José tinha que caber no único beijo dado. E mesmo quando nas palavras de um poeta José veio com jeito de quero ficar de novo, ela disse não, e contou ao pobre sobre outro poeta, real, português, que conhecera pela Internet, e contou também sobre os demônios que a assombravam. José sofreu. Isolda, nem aí.

– Prefere teus demônios?

– Sim, nos amamos... Atormentaram-me até eu dar ouvido.

– E o que te fará abandoná-los? Ou sempre os levarás contigo?

– Não os abandonarei, estão lá me incomodando. Mas ultimamente acho que deixei de ouvi-los.

José manteve o olhar numa estrela qualquer. O tema da conversa era mais do que ele podia compreender. Só sabia que ela estava noutra; e com demônios à sua volta que ele não entendia.

- Tu tens devaneios demais, José. Precisas fincar teus pés no chão.

José olhou para os pés confortáveis no velho sapato e imaginou se o diabo do poeta distante que Isolda amava tinha os pés no chão, “poeta com pés no chão!”, exclamou. Mexeu os dedos e sorriu com um pedacinho da boca “Eu tenho os pés no chão”.

– Tu tens a cabeça nas estrelas, José.

O pensador, num quase espanto, sorriu com mais boca desta vez. Parecia que ela lhe conhecia os pensamentos. Isolda acabou de ajeitar o cabelo e disse “vamos”. José foi. Caminhou pela praça da igreja ao lado de Isolda com um cordeiro na

expressão e um lobo no pensamento. A fila do sorvete era enorme e o assunto de José era pouco, não porque não houvesse algo em comum entre o desenhista e a costureira. Eram até dois tagarelas quando se encontravam, mas no momento o homem estava mais querendo usar a língua para outra coisa.

A fila mal andava e a distração eram as luzes novas da velha praça. José dividia sua atenção entre elas e o perfume de Isolda, entre a fila do sorvete e as costas da moça. Os dedos dele estavam prestes a tocar a pele suave à sua frente quando a danada se virou.

– José, tu já viste um OVNI?

– OVNI? Devolveu a pergunta, escondendo as mãos no bolso.

– É. Disco voador.

– Não.

– Eu também não. Mas sou louquinha pra ver um.

– Por quê?

– Pra entrar e viajar para um planeta distante, tocar as estrelas, e depois ver o mundo com um olhar menos bíblico. Acho que o universo tem muitos segredos que quando a gente descobrir, tudo o que é moral e crença vai mudar.

– Tu és surpreendente, Isolda.

– Tenho aprendido a divagar com meu poeta.

– O tal português?

– Que outro?

– E quando se encontrarão de verdade?

– Ontem ele me disse que chega em breve. Não vê a hora.

– Já pensaste que posso ser um demônio também?

Isolda refletiu, olhou para a imagem de Nossa Senhora num caminhão e quase indecentemente respondeu:

– Eu nunca almejei o paraíso.

– Que bom. Eu não sei se tenho paraísos para oferecer.

Depois de um breve sorriso, a morena olhou com olhar de simplesmente amiga e destruiu a ousadia do pobre.

– Tu és tão bobo, José.

O bobo do José sorriu um sorriso com cara de nojo e a fila andou. O filme começaria em alguns minutos e ele olhou para seu relógio.

Não. Não foi bem assim. O bobo com sorriso de nojo não sabia onde enfiar a cara, a fila andou e José olhou para o relógio mais para não ficar sem ação do que para ver as horas. Isolda, ao ver o gesto do bobo, perguntou se estavam atrasados. Ele que havia olhado, mas não visto as horas, olhou novamente.

– Oito e dezessete.

– Treze minutos.

– É.

A fila deu mais um passo, o ponteiro do relógio, duas voltas.

– Tu queres mesmo sorvete, Isolda?

– Deixa pra lá, senão vamos perder o começo do filme.

– O próximo! - Chamou o atendente, e o próximo era o casal. Isolda riu-se, José também e eles foram ao cinema com o sorvete na mão e a obrigação de devorá-lo antes de começar a sessão.

O filme era bom, mas José mal pode vê-lo. Ele só pensava em encontrar uma forma de tocar com as mãos as mãos de Isolda, ou de inclinar o corpo para aproximar o rosto do dela e, quem sabe, num virar de pescoço roubar-lhe um beijo. Ou então fazer um comentário qualquer no ouvido da moça; um sussurro, que sussurro é bom para deixar a boca bem pertinho do ouvido da pessoa amada. Mas o fato é que o filme acabou e José não o viu, nem conseguiu aproximar os centímetros necessários para fazer do encontro de amigos um namorico que fosse. Acabou por deixá-la na porta de casa.

– Tchau, Isolda.

– Não vou te convidar para entrar porque já é tarde.

– Entendo. Tchau. “Vidinha besta” pensou o desenhista “Estás porque queres. Estou porque quero. E havemos de... Se houvermos de ser”, escreveu o poeta numa janela do *Messenger*. A resposta de Isolda apareceu em letras verdes.

– Estou a ponto de me "amarrar", estás pronto para isso também?

– Só se for às estrelas. Somos capazes de chegar às estrelas?

– Num muro de Curitiba eu li "pintou o céu no muro e teve as estrelas ao alcance das mãos".

– Lindo isso. Nós teríamos como nos acorrentarmos lá? – ousou o poeta.

– Talvez não... Mas faremos o seguinte: há umas estrelinhas que brilham no escuro, podemos colar no teto.

– Perfeito.

Na manhã seguinte, o poeta partiu de Braga rumo ao Brasil e Isolda foi trabalhar pensando mais em costurar seu destino ao do português do que costurar as peças que deslizavam à deriva em sua máquina. José não passava nem perto da lembrança da moça, mas ela pisava, e nem sabia, de tamanquinho no coração do pobre. Quase desistindo de conquistá-la, mas não de possuí-la, o desenhista rabiscava nas folhas de papel o momento em que conseguiria mais do que o beijo breve que lhe fora esmolado. José era tihoso e maquinava dia e noite uma forma de satisfazer-se do amor carnal, porque Platão que vá sonhar pra lá, ele queria era viver o sentimento em carne e osso. O que o injuriado não sabia era que seu rival estava no avião a caminho de Joinville.

As costas de Isolda no papel e a borboleta que José fez levantar voo eram toda a produção daquele dia. As ilustrações de um livro, trabalho atrasado, continuavam por serem feitas. José não tinha cabeça para trabalho, mas entendia cada dia mais de filosofia: “O homem no mundo gira em torno da fêmea, mesmo o dinheiro, que é base para tudo, só tem valor se puder

ser gasto com a mulher amada”. E mais uma borboleta voava das costas de Isolda para outro canto do papel.

José saiu do trabalho e, na praça, encontrou o Dicana. Convidou-o para uns goles.

– Você está pagando? - Perguntou o Dicana

– Pago uma – Respondeu José.

– Só uma, José? Que convite pela metade.

– Duas cervejas. A terceira é por sua conta.

O Dicana aceitou, mas resmungou muito antes de sentar-se na cadeira de vime do barzinho. A cerveja foi pedida e chegou depressa. Um brinde e um gole e o Dicana já não reclamava mais. A vida molhada de bebida se acalma. Os dois homens pensavam em suas próprias questões, que mais tarde virariam tema público, reveladas na mesa do bar. Isolda estava na pauta, mas não foi trazida à mesa por José, quem tocou no nome da moça primeiro foi o Dicana.

– A Isolda foi hoje comprar umas roupas no shopping. Está que é uma beleza, com olhar brilhante, cabelos bonitos.

– Ela sempre se cuidou. Usa uns produtos de marca e tal.

– Pra mim o produto que ela anda usando é paixão.

– O quê?

– É, José, paixão deixa a mulher bonita, mais do que cosmético. Ela está é com cara de mulher apaixonada, esbanjando sorrisos.

A bebida desceu esquisita na garganta do tolo do desenhista. Por ele que não era essa tal paixão. E como as palavras de Dicana foram tomadas como verdade, José que só queria beber por beber, bebeu por dor, despudoradamente. Dicana foi de embalo e secaram uma caixa. Madrugada, álcool e fossa era a tríade de José, anti-herói na vida de Isolda. O trágico trocou passos trôpegos e só chegou a sua casa quando os primeiros raios de sol atingiram o Beco dos Mijados, donde

um cheiro muito específico era exalado mais forte nas manhãs de domingo. A cama foi consolo para o corpo torto de José.

– Senhores passageiros... – A voz impertinente da comissária de bordo entrou pelos ouvidos do poeta, como entrou o cheiro do outono brasileiro em suas narinas. Da janela via a enorme pista e um pedaço do céu enquanto ajeitava o cabelo dormido. A brasileira devia estar esperando no saguão e ele não queria mais perder tempo. Nem tudo é perfeito, nem poesia. A brasileira não o esperava. Coisa de quem bate cartão, ela cosia uma nova veste sob o olhar de sua supervisora. “Táxi, táxi”. O carro parou e o poeta entrou.

O encontro com Isolda ficou para o jantar. Shopping é pouco romântico, mas neste caso, a moldura não afetaria o quadro. As pernas do poeta tremiam. Isolda não sentia as dela. A costureira flutuou do trabalho até o local do encontro e se alguém perguntar algo, ela não se lembrará. Só lembra que foi feliz.

No dia seguinte, alfinetou o dedo várias vezes. Foi chamada à atenção pela supervisora e viu o tempo arrastar-se no relógio redondo da parede, que se pelo menos tivesse o ponteiro dos segundos não daria tanto a impressão de que o tempo não anda.

O relógio da sala do José, ao contrário, corria hora adentro. O desenhista já recebera três telefonemas cobrando as ilustrações do livro. Autoajuda. E nem toda autoajuda do mundo o faria terminar aquele trabalho. Nada autoajudaria o apaixonado a não pensar em Isolda e no poeta português, que por ele não conhecer, pintava-o como um deus grego, superior, mais elegante, mais poderoso, mais merecedor do amor da costureirinha. Demônios povoavam a cabeça de José, que não abandonou o trabalho, nem encheu a cara, porque achava isso muito clichê para essa história que se pretende original.

Deu um gole no suco de goiaba de caixinha e ouviu o telefone tocar mais uma vez. E mais uma vez. E outra. E outra.

Resolveu atender. “Não. Preciso de mais tempo”... “Não posso fazer nada”... “Não vou conseguir, eu já disse!”... “Então chame outro e não me encha mais o saco!”. O estrondo do telefone batendo no gancho ensurdeceu o contratante do outro lado da linha. José se livrou do problema. Foi para a praça, agora sim, beber até cair.

Caiu.

José caiu na velha armadilha de afogar as mágoas. Beber à derrota é tão eficiente quanto matar a sede com água do mar. Bebeu derrota até encher-se dela. Derrota é bebida que se serve com boa dose de sofrimento. A ressaca é o ódio, de si e de todos. José caiu mais uma vez em armadilha. Alimentou-se de ódio e ficou cego. Quando o poeta português entrou no bar, José ouviu o sotaque que nunca pareceu tanto com o sotaque de um inimigo e só não partiu pra cima dele, porque de tão bêbado tropeçou na intenção e caiu do banco. Para aumentar a humilhação, a mão que lhe correu em socorro foi a do poeta. “Tudo bem?”. Mas a extrema humilhação se deu quando o pobre se pôs a chorar naqueles ombros lusitanos que serviriam, como ele mesmo pensou, de pousada para Isolda.

– Venha, meu amigo. Acho que tu bebeste além da conta.

José quase sentiu carinho pelo português e, de tanto conflito, sua cabeça pesou e ele desmaiou. Acordou momentos depois, no bar quase vazio. A cabeça explodia e ele queria sua cama. Alcançou-a só mais tarde e jogou-se sem nem tirar os sapatos.

O português comentou de forma muito peculiar o que acontecera no bar momentos antes. Embevecida, a costureirinha olhava o poeta a narrar uma história tão chula com as palavras mais nobres que havia para narrar histórias tão chulas. O resto do encontro foi feito de olhares carinhosos, mãos comportadas e, claro, palavras. Antes que o leitor questione ou imagine qualquer ousadia, vou logo dizendo que o encontro terminou

nem era meia-noite, quando o viajante deixou a moça em frente de casa, logo após despedir-se com um resignado beijo no rosto. A atitude cavalheiresca do poeta só fez aumentar o desejo de Isolda.

Como era de se esperar, Isolda acordou muito bem-humorada, José com uma dor de cabeça insuportável e o português levou alguns segundos para identificar o quarto de hotel e entender que estava ao sul do equador, num país tropical. O telefone tocou e uma voz empolgada dizia “bom dia”. Era Isolda querendo marcar um novo encontro, talvez um almoço. Mas foi surpreendida pela urgência do poeta que a convidou para um café da manhã no hotel. O convite foi aceito de pronto e em menos de trinta minutos o casal se servia de pão sete grãos, ovos mexidos, queijo, geleia, suco de laranja e duas boas xícaras de café com leite. Em casa, José tomava uma aspirina e café amargo.

Mais do que dor, José estava com demônios na cabeça e se soubesse o resultado de suas atitudes aquele dia, não teria resgatado o revólver do guarda-roupa, nem chegado à praça justamente na hora em que o poeta usava a língua de declamar poesias para descobrir o gosto dos lábios de Isolda.

– Chega! – Foi logo gritando com a arma em punho.

– José! – Espantou-se Isolda.

– Este é o bêbado do bar de ontem. – Informou o português.

– Bêbado é teu pai! – A arma, que apontava para o gajo, disparou. Queda e grito.

Com um tiro no ombro, o poeta despencou mal acreditando que ainda via, ouvia e sentia, coisas comuns a quem está vivo. Após o grito, Isolda ajoelhou-se ao lado do amado e um aglomerado se fez ao redor. Curiosos, altruístas, prestativos, curiosos e mais curiosos esticavam calcanhares e pescoços para ver a desgraça melhor. Cena de filme, sangue de

verdade. Teve quem achou até bonito o poeta caído cujo sangue tingia a camisa de fio branca.

A arma virou objeto estranho nas mãos de José que a largou e escafedeu-se. Ambulância, polícia, disse-que-disse, choro, ponto, atadura e sirene. Tudo se viu naquele resto de dia, menos o autor do tiro. O pobre diabo sumiu e só apareceu dias depois para se entregar à polícia. Como não foi preso em flagrante, nem seu objetivo teve sucesso, José vai responder o processo em liberdade.

Aventura vivida a dois fortalece o amor. Fortaleceu tanto o amor do poeta e da costureira, que nada do gajo voltar à terra de Camões. O português desfila por aí com a cicatriz no ombro e já dedicou pelo menos dez poesias à Isolda para falar do sangue derramado, da cicatriz estampada em seu corpo e de como tudo isso fez aumentar seu amor por ela.

Isolda, por sua vez perdoou José, mas José não a perdoou. Vive acabrunhado, mais bêbado que sóbrio; mais dolorido de vergonha que de desilusão. Ao lado do amigo Dicana, bebe, entorna, afoga-se. Vez por outra volta aos papéis e aos desenhos. Tem desenhando demônios e lagartas à espera do julgamento. Espera também um auxílio da literatura, uma guinada na história, um milagre literário que este autor não está disposto a fazer. A história acaba assim.



MARCELO HARGER

O acadêmico Marcelo Harger, 46 anos, escritor, advogado, natural de Joinville, é professor universitário, pós-graduado em processo civil, MBA em gestão empresarial, mestre e doutor em Direito Público.

Publicou três livros jurídicos e participou como coautor em 12 obras jurídicas coletivas. Tem dezenas de artigos publicados em periódicos jurídicos e jornais.

É membro do conselho editorial da Revista Digital de Direito Administrativo da USP e da Revista de Direito Municipal Gestão Pública.

É consultor científico da Revista de Direito da Univille.

AMAR É CONSTRUIR

Muitos dizem eu te amo. Mas será que essas pessoas sabem verdadeiramente o que significa amar e o que é o amor? Será possível explicar o amor?

Eu creio que não. O amor não se explica, se vivencia. E cada um vive o amor à sua maneira. Amar é crer na pessoa amada. É respeitá-la acima das diferenças. É amá-la justamente pelo que tem de diferente. É gostar até mesmo dos defeitos. O amor não se compra em porções. Não se ama apenas um pedaço do ser amado. Ama-se o todo. Com suas imperfeições.

É algo como uma pedra bruta lapidada por um artista. Pode ter suas asperezas suavizadas, mas não se altera a essência. O mármore bruto tem a mesma consistência do mármore lapidado. Embora a pedra lapidada possa ter uma aparência mais agradável, continua a ser o mesmo mármore. Isso é amar. Quem ama, ama o mármore e não a escultura nele feita.

Amar é mesmo comparável à arte. Amar é ajudar o outro a lapidar o seu mármore. É ajudá-lo a tornar a pedra bruta uma escultura. E se a escultura não for tão bela, continuar amando, porque ama-se a essência, com suas imperfeições.

Quem ama não procura transformar o mármore em granito. Tampouco procura esculpir na pedra alheia. Quem ama deve servir de inspiração para que o ser amado lapide-se a si próprio, tornando-se um ser melhor e deve inspirar-se no ser amado para curar suas asperezas.

Amar de verdade é progredir. É inspirar-se no outro para seguir em frente e servir de inspiração para que ele faça o mesmo. Amar é construir, pois o verdadeiro amor não destrói.

O amor que destrói não é o verdadeiro amor. É outra coisa. Lapidar a pedra alheia não é o verdadeiro amor. É intolerância. Transformar mármore em granito não é o verdadeiro amor. É dominação. Mas se isso não é o amor, porque tantos tentam em nome dele modificar o ser amado?

É porque estes não sabem o que é o verdadeiro amor. Não sabem o que é amar de verdade. Não compreendem que amar é mudar a alma de casa, mas que a casa continua alheia. Não somos donos do coração alheio. Somos apenas inquilinos. Não podemos derrubar paredes, apenas alterar a disposição dos móveis.

As paredes derrubadas jamais podem ser reconstruídas. Constroem-se outras. Jamais as mesmas, com os mesmos tijolos. E depois da derrubada, é da firmeza da parede antiga que se sente falta. Reclama-se da qualidade do novo tijolo. Sente-se falta do tijolo velho, que era a essência daquela casa. Do aconchego que proporcionava para alma. Até que um dia a parede mal feita cai e então nada resta. A alma fica sem casa.

É por isso que dizem que o amor acaba. Acaba quando a parede desaba. E acaba mesmo, mas nunca o amor verdadeiro, pois o amor verdadeiro somente constrói.

ABDUZIDO

Era um dia claro. Passeava despreocupado, pensando na vida, quando subitamente vi a comida mais apetitosa que já vira. Estava ali dando sopa. Olhei para os lados e não vi ninguém. Não havia dono.

Tinha aquela aparência de coisa boa. Foi só olhar para a boca salivar. Gulodice à primeira vista. Abocanhei imediatamente o petisco e algo me puxou. O puxão foi forte. Levou-me para cima. Não adiantava me debater. A força a levar-me era imensa. Tentava resistir. Ia para um lado e para o outro, mas continuava preso e subindo rapidamente.

Eis que uma luz surge. Era muito forte. Chegava a cegar-me. Vi ao longe uma plataforma de metal. Era para lá que

a força me puxava. Exausto diante do inevitável parei de debater-me. Fiquei estático devido ao medo que senti.

Bati na plataforma e fui puxado para o seu interior. Era uma atmosfera diferente, que tornava difícil respirar. Tornei-me ofegante. O temor da morte por asfixia começou a assombrar-me.

Foi quando os vi. Duas figuras enormes. Tinham a pele branca, mas estavam cobertos por vestes acinzentadas. Do lado do corpo braços compridos, com cinco dedos em cada mão. Pernas longas. Usavam algo nos olhos como forma de proteção da luz.

Um dos seres segurou-me por uma das extremidades e ergueu-me no ar. Podia ouvir os sons que emitiam. Embora não discernisse o que diziam, pareciam sons de contentamento. Enquanto um me segurava, o outro levou ao rosto um aparelho e o apontou para mim. Não entendi para o que servia, mas pude perceber em um relance que capturara uma imagem minha.

O medo aumentou. Prenderam um instrumento em minha boca e ergueram-me novamente. Novos sons de alegria. Um deles segurava-me como se fosse um troféu, enquanto o outro novamente colocava o aparelho junto ao rosto. Mudaram, então, de posição e repetiram a operação.

Colocaram-me no chão junto a uma fita com diversas marcações. Aparentemente queriam medir-me, pois um gesticulava para o outro, mostrando com as mãos o meu tamanho.

Enquanto comemoravam fiquei deitado na plataforma de metal, sofrendo cada vez mais com a falta de ar. Imaginei que o meu fim era iminente. Quando tudo parecia perdido, uma das criaturas ergueu-me e gentilmente devolveu-me ao meu habitat.

Fugi com a toda a força que ainda tinha em direção oposta à da plataforma de metal. Após recuperar minhas energias pensei: *Não é fácil a vida de tucunaré no Rio Negro.*

AMOR MODERNO

Apaixonei-me por um rapaz mais novo. Foi numa segunda-feira de carnaval. Ele estava todo sujo e chorava. Por alguma razão inexplicável aquilo despertou em mim um amor intenso. O coração é assim. O amor não tem explicação.

Felizmente vivo em um mundo que não tem preconceitos em relação à diferença de idade ou sexo entre pessoas que se amam. Basta amar e pronto. Foi amor a primeira vista.

Embora o conheça há apenas um ano, enamorei-me dele por completo. Hoje penso nele o dia inteiro. Não há um minuto em que eu o esqueça. Mesmo quando está de mau humor, o meu sentimento por ele só cresce. O amor que sinto é da espécie mais pura e desinteressada que existe. É um querer bem sem nada esperar em troca.

Atualmente é ele quem conduz a minha vida. Virou a minha razão de viver. Deu sentido a tudo que faço. Até mesmo meus objetivos mudaram em virtude de tê-lo conhecido.

O engraçado é que ele consegue tudo isso sem nada dizer. Ele ainda não fala. Nem mesmo poderia, pois é muito pequeno. Apenas sorri. Aliás, basta um sorriso para que eu me desmonte todo. Fico bobo como se um mísero olhar fosse o maior presente do mundo. Não troco um prêmio de loteria pela possibilidade de vê-lo uma única vez.

Outras vezes chora um choro sentido que corta o coração de qualquer ser humano. Quando o pego no colo ele para de chorar e respira aliviado, como se estivesse no lugar mais seguro do mundo. Isso para mim é a maior prova de amor que ele pode dar.

Sempre que saio para o trabalho ele ergue as mãozinhas, e solta um sorriso com covinhas que me faz querer ficar em

casa. Quando percebe que não vai comigo, ele grita com força e chora. O coração aperta, mas sigo em frente acreditando que um dia ele entenderá que deixá-lo de lado para trabalhar é também uma forma de amor. Tudo o que faço é por ele e para ele.

O grande amor da minha vida tem nome. Chama-se Pedro e é meu filho. Ele fez um ano nessa semana. Embora não entenda direito o que aconteceu, certamente gostou da bagunça de ver as pessoas cantando parabéns pra você. Gostou também das caixas dos presentes. Ele brinca mais com elas, e com o papel de embrulho do que com os brinquedos. Pureza de criança e corujice de pai que escreve para desejar um feliz aniversário ao seu filho.

TRISTEZA DE UM PAI

Ele me olhou com tristeza nos olhos, me deu um forte abraço e disse que nunca havia sentido uma dor tão grande em sua vida. Tenho certeza de que era verdade. Chorava copiosamente e pude sentir um pouco da dor que o afligia. Foi a dor mais doída que já senti em minha vida. Era a de um pai que acabara de perder o filho.

Há coisas que não deveriam acontecer. Pessoas queridas jamais deveriam morrer. Esse, contudo, é o ciclo da vida. A morte é parte da vida da mesma forma que o entardecer é parte do dia.

Há situações, contudo, como a retratada, em que o ciclo é interrompido de forma a parecer uma grande injustiça divina. Temos em nosso interior a convicção de que os mais velhos devem ir primeiro do que os mais novos, e sempre nos espantamos quando esta ordem é quebrada. É algo inevitável. A dor de perder um pai somente pode ser superada pela dor de

perder um filho. Felizmente até hoje não perdi nenhum. Apenas posso imaginar de acordo com as experiências alheias.

Refliro com frequência sobre o tema. Não quero morrer. Apenas faço reflexões porque o dia do meu fim certamente está cada dia mais próximo. Antigamente faleciam os avós dos amigos. Depois de um tempo passaram a falecer os pais dos amigos. Atualmente há amigos que se vão.

Acidentalmente caiu-me em mãos um trecho de um livro de Martha Medeiros sobre o tema. Segundo ela, antes de nascermos havia uma ausência de nós mesmos. Depois de nossa morte essa ausência se torna infinita. A vida é um breve intervalo de tempo entre duas ausências. Somente se pode enfrentar a magnitude dessa ausência com o amor. É o amor por aquele ser que se foi que nos serve de sustento. É a alegria de ter podido amar aquela pessoa, no breve espaço de sua existência, que pode servir de consolo. Melhor ter o ente querido em nossas vidas, ainda que por um curto momento, do que a ausência representada por ele nunca ter existido.

São considerações filosóficas que ajudam a me preparar para aquilo que é inevitável. Tento preparar-me para algo em relação ao qual não existe possibilidade alguma de preparação. Faço isso com a sincera impressão de que se puder optar, preferiria ir embora antes dos meus entes queridos. O mais difícil, certamente, seria saber que eles se foram e quem ficou fui eu.

ESCOLHAS

Desde a infância tenho o hábito da leitura, mas foi somente “depois de velho” que pude ler alguns dos clássicos da literatura infantil. Surpreendo-me com os ensinamentos que esses livros

trazem de forma quase imperceptível. O último deles foi “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol.

Há uma conversa interessantíssima entre Alice e o Gato. Ela pergunta como faz para sair dali, e o gato responde que isso depende de para onde ela pretende ir. Alice retruca que tanto faz, e o gato diz que nesse caso pouco importa o caminho que ela tome. Tentando se explicar, Alice acrescenta que o caminho não tem importância desde que chegue em algum lugar. O gato conclui a conversa dizendo que ela então andará bastante. Em outra passagem Alice relata que dava ótimos conselhos a si mesma, mas raramente os seguia.

Algumas vezes agimos em nossas vidas como verdadeiras Alices. Reclamamos que não chegamos em lugar algum, mas não temos uma ideia clara de onde queremos chegar. Queixamo-nos das dificuldades no caminho sem perceber que nenhum vento é favorável àquele que não tem direção.

Há até momentos em que sabemos o melhor rumo, mas agimos como se estivéssemos no país das maravilhas e desprezamos “os próprios conselhos”. Por alguma razão mágica, julgamos que eles servem para os outros e não para nós mesmos e seguimos rumando sem saber onde queremos chegar.

Não há problema em não ter direção desde que esse seja um ato de escolha consciente. A sabedoria popular de Zeca Pagodinho já ensinou: “deixa vida a vida me levar, vida leva eu. Sou feliz e agradeço por tudo o que Deus me deu”.

Escolhas desse tipo, no entanto, são excludentes. Para cada opção feita há outra que se fecha. Quando escolho um caminho abduco do oposto. O mesmo ocorre quando decido não ter rumo algum. Independentemente da opção que se tome, é importante reconhecer que cada escolha é um ato de vontade. É preciso perceber que somos responsáveis pela vida que

levamos, e ter a coragem de admitir as consequências de nossas decisões.

FILHOS

“Filhos? Melhor não tê-los. Mas se não os temos, como sabê-lo?” Essas são as estrofes iniciais de um poema de Vinícius de Moraes chamado Poema Enjoadinho.

Ao contrário do que se depreende da estrofe inicial não se trata de dizer que não é bom ter filhos. O poeinha faz uma comparação entre aqueles que são pais e os que não o são.

Crianças são problema. Dormem quando queremos que fiquem acordadas e acordam quando queremos que durmam. Fazem coco e pipi na cama. Largam brinquedos por onde passam. Quebram coisas. Derrubam copos e pratos durante o jantar. Choram. Exigem cuidados em tempo integral. Desaparecem na menor desatenção. Enfiam o dedo na tomada, engolem botões, bebem detergente, queimam a mão, debruçam-se na janela, ficam doentes e muito mais. Qualquer um que ler essa lista fica cansado, mas se for pai se identifica. É um verdadeiro horror e os “não-pais” assustam-se com isso.

Não imaginam, no entanto, a proximidade que todas essas coisas trazem entre dois seres. Crianças são extremamente dependentes e essa dependência encanta, pois somente conseguem sobreviver ao mundo com o apoio dos pais. Cometem diabruras, mas não há maldade. Há falta de compreensão do mundo que as cerca. Como é bom ensiná-las o modo correto de proceder. Ouvir as risadas gostosas. Ver o olhar de admiração pela mãe mais bonita e o pai mais poderoso do mundo. A emoção das primeiras palavras e dos primeiros passos. As frases engraçadas que dizem. As coisas profundas que ensinam. A capacidade extrema de perdoar.

E o olhar de encantamento pelas descobertas mais simples? Que dizer então do abraço apertado e do beijo

delicado que nos dão? Como esquecer das vezes em que com eles dormimos abraçados? E do cheiro gostoso que têm? E dos cabelos tão macios?

Os benefícios superam em muito as dificuldades. Filhos melhor é tê-los. E, quando os temos, como esquecê-los?

JUVENTUDE

A idade está na cabeça das pessoas. O importante é ser jovem de espírito. Alguém que diz essas coisas é porque já não é tão novo assim. Para não ficar feio, vamos dizer que é jovem “há mais tempo que os demais”. Assim fica melhor.

O fato é que a juventude tem todos os seus encantos. Ninguém pode negar. A emoção de se conhecer tudo pela primeira vez é indescritível. Desde os primeiros passos quando crianças, passando pela primeira vez em que andamos na escada rolante ou no elevador. E a primeira vez em que vemos o mar? É só encanto. Certamente nunca havíamos visto coisa tão bela.

O primeiro beijo e a primeira namorada. Nada mais emocionante que o prazer dessa descoberta. As grandes paixões e sofrimentos por amor. Juramos que jamais vamos amar novamente da mesma maneira e na semana seguinte o coração já pulsa com toda força. Juventude é assim, coisa bela.

Dizer que a velhice é a melhor idade pode ser politicamente correto, mas não é verdade. Bom mesmo é a vida despreocupada de nossa mocidade, quando temos todas as certezas do mundo. Certa vez perguntaram ao homem mais sábio do mundo com que idade um homem terá todas as respostas para os problemas que afligem a humanidade. Ele prontamente respondeu que é na juventude. Os jovens tudo sabem.

Antes que me acusem de saudosista vou logo concordando. Tenho saudades mesmo, mas não de voltar ao passado. É daquela que temos pelas experiências que são únicas. Jamais poderei repetir a emoção de ler Monteiro Lobato ou Vinícius de Moraes pela primeira vez. E isso traz saudades.

Essas experiências tiveram o seu momento e o passar do tempo vai reduzindo as surpresas diárias que temos. Com a idade passamos a nos surpreender pouco e isso ocorre porque mantemos aqueles hábitos antigos, que são fruto das primeiras emoções que experimentamos.

Certamente, para mim não é mais possível aprender a caminhar ou beijar pela primeira vez. Tampouco será possível ter novamente a emoção do primeiro contato com o mar ou com um livro do Vininha. Desculpem, quis dizer Vinícius. Gosto tanto do que ele escreveu que já virou íntimo.

É possível, no entanto, ter outras “primeiras vezes”. Podemos aprender a correr ou a tocar um instrumento musical. Que tal fazer teatro? A emoção da primeira vez em um palco deve ser indescritível. E descer ao fundo do mar? E subir ao cume de uma montanha? E conhecer a neve? Todas essas são experiências dignas de se realizar.

Estou fazendo a minha lista e cada dia me surpreendo com as coisas que ainda restam por fazer. Optar por viver constantemente experiências novas não traz de volta a juventude perdida, mas permite que mesmo com idade avançada mantenhamos o encanto da descoberta.

MATURIDADE

A idade traz experiência. É verdade. Traz também “experiências” que se incorporam ao nosso inconsciente como pequeninos softwares. Surgida uma situação similar àquela que já vivenciamos o programa tem início. Lembramos dos

momentos bons que vivenciamos como se estivéssemos revivendo os momentos passados. Chegamos a ouvir sons, sentir gostos e cheiros.

O problema é que esses pequenos softwares não trazem apenas coisas boas. Trazem também momentos tristes e lembranças ruins. Não é possível desligá-los. Nem mesmo sabemos com exatidão o que os faz funcionar. Pode ser um cheiro, uma música, um lugar, uma pessoa, um gesto, um sorriso, uma paisagem ou um quadro. Normalmente são coisas que não ocasionam perigo, mas por alguma razão servem de detonadores de bombas emocionais que arrasam o nosso coração.

Trazem para o presente a tristeza, a angústia e o medo sentidos no passado. Voltam com força total e de maneira irracional acabam por motivar as nossas ações. É o passado comandando o presente e condicionando o futuro.

Infelizmente, não somos computadores. Não é possível formatar o HD e implantar novamente todo o sistema operacional. Temos que aprender a conviver com esses programinhas mal intencionados e procurar utilizá-los a nosso favor. As lembranças tristes e ruins servem de alerta para não repetirmos os erros passados. Apenas precisamos retirar o automatismo que esses softwares implantam em nossas condutas. Precisamos temperar a força do sentimento com o poder da razão e utilizar ambos para fazer as nossas escolhas.

Essa é a grande mágica de envelhecer. Lentamente passamos a aprender a usar a informática da vida. Passamos a identificar os softwares que iniciam automaticamente e instalamos outro programa. Ele não apaga os demais. Apenas impede que comandem automaticamente nossas ações. Eles passam a piscar na tela do “nosso computador” alertando para situações potenciais de perigo. O novo software passa a exigir um comando do operador para que os demais entrem em funcionamento. Infelizmente ele não se encontra nas prateleiras

para ser adquirido e tem um fornecedor exclusivo: o tempo. Ele se chama maturidade.

ESPERANDO O AMOR CHEGAR

O amor é algo que surge. Não se explica. Todos buscam. Alguns encontram. Outros não. Algumas vezes surge rápido. Outras, demora. Pode ser na forma de uma pessoa. Talvez de um filho ou namorado. Outras vezes um amigo ou ente querido. Outros se afeiçoam perdidamente a um animal ou objeto. São formas diferentes de amor.

Uma coisa é certa. O amor brota inesperadamente. Não sabemos por que amamos alguém. Sabemos que amamos. Isso basta. Tenta-se justificar racionalmente. Uns dizem que é por causa da beleza. Outros pela inteligência ou ainda por um jeito de olhar ou sorrir. Nenhuma dessas justificativas funciona. Certamente existem pessoas mais bonitas, inteligentes e alegres que aquelas que amamos, mas não é com essas pessoas que o laço se forma.

Normalmente é com alguém insuspeito. Tentar explicar é besteira. Não se explica o que não é racional. Já se disse que o coração tem razões que a própria razão desconhece. Essa é a verdade. É sentimento. Não se explica. Vivencia-se.

Não adianta forçar o amor. Por mais que alguém se esforce ele não acontece. Não depende de esforço ou desejo. Precisa de serenidade e preparação que somente a vida traz. Quanto mais se busca mais distante ele fica. Quando se deixa de procurar ele surge. Algumas vezes muito mais próximo do que poderíamos imaginar.

É que não adianta procurar com a visão. O essencial é invisível para os olhos. Só se encontra se olharmos com o

coração. Quem disse isso foi o Pequeno Príncipe. É lugar comum, mas é verdade. Foi ele também quem disse que, quando alguém que amamos chega às quatro, desde as três somos felizes. Pensamentos simples, mas profundos para pensar enquanto esperamos.

Enquanto aguardamos, somente podemos preparar nossos corações, porque, quando estivermos prontos para o amor, certamente a pessoa amada aparecerá.

CRIANÇAS E RELIGIÃO

As crianças são os melhores teólogos. Têm a capacidade de fazer perguntas e dizer coisas sobre religião que os adultos jamais ousariam. O poeta Rubem Alves, em diversos de seus escritos, relatou momentos de sabedoria dos pequenos.

Uma tirada retratada pelo autor foi a da menina que chegou à conclusão de que Deus está muito errado. Coloca no mundo um monte de pessoas de quem nós gostamos. Depois, mata todas e faz pessoas novas. Por que ele gasta tempo fazendo isso ao invés de deixar sempre todos por aqui?

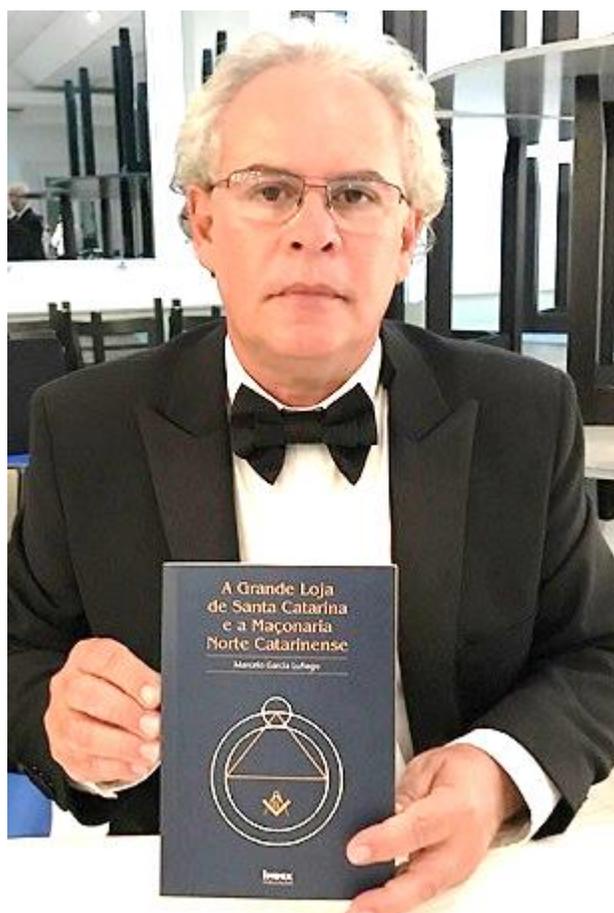
Em outra crônica, conta que um menino, ao tomar sopa, indaga ao pai se Deus está em todo lugar. O pai responde que sim. Surge, então, a pergunta: então ele está dentro da colher de sopa que eu estou tomando?

Há, ainda, o texto no qual relata que, certa vez, ficou compadecido com uma menininha. Ela chorava querendo tomar sorvete e a mãe recusava. Ao ver, pela vestimenta, que eram pessoas humildes, ofereceu-se para comprar o sorvete. A menininha rapidamente respondeu: *Não adianta, porque “a gente”, além de ser pobre, é crente.*

Há também uma história do meu filho Pedro, de quatro anos. A avó tentava ensinar-lhe religião por intermédio de um livrinho, e mostrou a ele uma foto de Jesus crucificado. A primeira observação foi: mas ele está pelado. Ao recuperar-se do primeiro comentário, a avó passou à página seguinte, que mostrava Jesus subindo aos céus. O menino foi mais uma vez certo: “é vovó, ele subiu aos céus e agora fica lá de cima só mandando na gente”.

A última história é uma situação que presenciei. Brincavam juntos uma menina católica e um menino judeu. A pequena sugeriu que o amigo deveria rezar pedindo proteção para Jesus. O pequeno respondeu que não podia porque a mãe não deixava. A menina nem mesmo titubeou e disse: então é problema teu. Continuaram a brincar normalmente.

Essa pureza existe em todas as crianças e independe de quaisquer fatores. Conto essas anedotas com o objetivo de fazer os leitores refletirem acerca das questões religiosas que subjazem ao atentado terrorista de Paris. Os adultos precisavam elevar-se para alcançar o nível de compreensão teológica das crianças. É preciso perguntar, duvidar e questionar a religião, e, quando não concordarmos com as respostas, dizer apenas: é problema teu.



MARCELO LUFIEGO

MARCELO LUFIEGO, tem 56 anos, é advogado militante há 32 anos, com intensa atuação nos Estados de Santa Catarina e Paraná, no âmbito do Direito do Trabalho. Atualmente, milita na área de Direito Imobiliário.

Foi professor no Departamento de Direito da Univille, de 1999 a 2004, das disciplinas de História do Direito, Linguagem Jurídica e Direito do Trabalho.

Um dilettante apaixonado por História e Geografia, foi também professor nos Colégios Elias Moreira, Bom Jesus e Positivo, todos de Joinville.

Lecionou nos Cursos Pré-Vestibular SOS de Blumenau e Positivo de Lages.

É membro da Academia Joinvilense de Letras e autor das seguintes obras: *A Grande Loja de Santa Catarina e a Maçonaria Norte-Catarinense*, *A Saga na Terra Sem Males* e uma obra de poemas intitulada *Antiprosapropoesia*, além de várias obras inéditas

OS SETE ELEMENTOS

I

O Quinto Elemento

Os antigos também ensinavam que na natureza existem quatro elementos, com efeito. Entretanto, as distâncias encurtaram. O alcance da visão se ampliou em muito e agora percebemos que estamos cercados pelo espaço, onde um quinto elemento desponta onipresente - ou oniausente - e soberano. Além do nosso Sistema Solar, formado por meia dúzia de diferentes objetos celestes, que se equilibram tímidos numa das extremidades da galáxia, bilhões de quilômetros em todas as direções nada revelam.

Nenhum corpo celeste, nenhuma manifestação de vida, nenhum movimento inteligente, nenhum fenômeno biológico, até prova em contrário, apenas o vácuo, o quinto elemento, passando a impressão de estarmos absolutamente sozinhos e no mais profundo silêncio. Nem mesmo a mais isolada bactéria ou o mais isolado dos vírus, num laboratório bioquímico nos confins da gelada Sibéria, sentiriam, um dia, tamanha solidão.

Ultrassofisticadas peças de engenharia humana, onde seres microscópicos são esquadrihados de todas as formas. Neste microcosmo também existe vácuo entre a matéria, mas em nenhum lugar será encontrada solidão tamanha como a do homem! Sim porque, além de sentirmos a dor da solidão,

pensamos racionalmente sobre ela e o fato de estarmos sozinhos cria um paradoxo incompreensível, que põe em cheque até mesmo a nossa sanidade mental. As imagens fantásticas que recebemos do nosso supersatélite astronômico, cujo nome é uma permanente homenagem ao astrônomo Hubble, revelam desde espetaculares tormentas no Planeta Saturno, logo aqui ao nosso lado, a fenômenos cósmicos que se verificam a dezenas de milhões de anos-luz da Terra.

Como é o responsável pelas nossas inteligências, o Grande Geômetra, Criador de Todos os Mundos e Universos, aqueles formadores do multicosmos, ainda que tacitamente, está a nos autorizar a espiar e estudar os confins da primeira vastidão por meio de nossas engenhocas, que, certamente, deixariam Aristóteles praticamente em estado de choque. Cláudio Ptolomeu sustaria a imaginária ação judicial por difamação ajuizada contra Nicolau Copérnico no fórum de Florença, estendendo a mão à palmatória, e Galileu Galilei se sentiria triunfante, olhando sua luneta com um verdadeiro amor de pai!

Assim autorizado, pelo Criador incriado, debruço-me sobre o abismo vertiginoso do espaço cósmico e vejo que o quinto elemento nos separa para sempre de qualquer estrela, além do nosso sol. É o anti-elemento que nos dá um abraço perimétrico e nos envolve completamente. Dado as distâncias, nem a velocidade da luz nos socorrerá. Exceto, talvez, se o destino nos levar à brilhante Alfa Centauri, distante de nós apenas cerca de quatro anos-luz, um pouco mais. De qualquer forma o percurso é longo.

Mesmo na ficção - alguns se recordam da malfadada saga da Família Robinson e seu Júpiter II - não conseguimos chegar! Quem sabe, no futuro, sem um Dr. Zachary Smith a nos

sabotar, nós consigamos percorrer estes caminhos tão distantes. A matemática, é bom insistir, garante a existência de vida em outros mundos e para ser honesto, fica o registro, a cronologia nos condena ao isolamento. O nosso maior problema não é a distância, é o tempo!

Que processos mentais teriam desenvolvido estes seres que nunca conheceremos e cuja existência é garantida pelo poder dos números? Estás mais curioso - ou curiosa - quanto à forma dos alienígenas escondidos na imensidão imensurável do multicosmos do que com sua mentalidade?

Pois é com a mente que devemos nos preocupar! Nós terráqueos, todavia, conhecemos a nossa realidade e não duvidamos de nossas existências. Estamos cercados pelo vácuo e se olharmos o planeta Terra de fora, perceberemos estarrecidos o seu isolamento, fragilidade e pequenez. Já não é mais o Mar Tenebroso, com suas serpentes gigantescas, monstros e cantos maviosos de sereias, que deveremos enfrentar.

Não são as nossas fantasias e alguns meses de viagem que nos separam de um novo mundo; são anos e anos-luz de vácuo nos separando dos nossos mais próximos vizinhos estelares; ao invés do escorbuto que grassava terrivelmente na época das Grandes Navegações Marítimas, século XV e seguintes, agora os efeitos da falta de gravidade, no mínimo, tornarão nossos ossos gelatinosos, exceto no caso muito provável de um dia acharmos a solução para este problema.

O desafio é muito maior, mesmo consideradas as proporções tecnológicas. Aqueles planetas, cuja existência é garantida pela matemática, com atmosfera, água em abundância, formas variadas de vegetação, fauna complexa e

colorida, que lembram as figuras publicitárias contidas nos panfletos das Testemunhas de Jeová, são mundos inatingíveis. Existem, porque paridos pelos cálculos do infinito, mas estão tão distantes que nunca os veremos pessoalmente; não com um corpo tão pesado e frágil como o nosso e uma mente ainda engatinhando nos mistérios da natureza universal - ou multiversal, melhor dizendo. Por outro lado, não sei dizer quantos neurônios a mais teremos que ativar daqui para o futuro. Entretanto, a evolução deverá ser grande. Talvez a capacidade mental do homem se amplie em consequência da necessidade de sobrevivência da espécie e do próprio meio ambiente terrestre ou extraterrestre em que vivermos. O futuro dirá.

II

Cálculos Paridos Pelo Infinito

Incontestável, a matemática exige o contrário dos nossos temores, no sentido de estarmos sozinhos e condenados aos limites tão mesquinhos de nós mesmos. A matemática garante a existência de todos os mundos e formas de vida imagináveis e além da imaginação do homem, simplesmente devido à existência de milhões e milhões de estrelas e seus sistemas planetários apenas na parte já alcançada pelos nossos olhos eletrônicos, nesta primeira vastidão universal inscrita na multiuniversalidade, que verdadeiramente nos envolve. Destarte, por meio de uma equação misteriosa, a ciência dos números garante a existência de todas as formas de vida, como também e consequentemente a existência de mundos coloridos e ricos em biodiversidade, alguns com várias luas e sóis, como bem retrata a nossa atual ficção cinematográfica e literária.

Imaginem, então, aqueles planetas além do nosso alcance físico, que tiverem um Rio Guaíba como o nosso e

vários sóis no firmamento. Que crepúsculos multicoloridos poderão ser apreciados por seres sensíveis que eventualmente vivam por lá, se nós - com um único sol - ficamos extasiados com o magnífico quadro tão comum nos entardeceres de Porto Alegre, quando o Sol mergulha além dos Pampas, na direção dos Andes, deixando um último rastro nas águas avermelhadas e cintilantes.

Portanto, não pensemos que estamos sozinhos! Eis que surge à luz mais um elemento, que definitivamente não é a matemática em si, mas o pensamento, que abarca todos os números e suas relações com o Universo, ou melhor, com o Multiverso para seguir o mesmo raciocínio e continuar homenageando aqueles que nos observam silenciosamente desde muito longe. A maioria dos homens nem percebe a sua existência e os poucos que intuem alguma coisa nunca deixam de ter a dúvida de que tudo não passe de pura fantasia, por mais que aperfeiçoemos o nosso pensamento reflexivo. Penso, logo existo e fantasio!

Astros e mundos inalcançáveis, cuja existência é explicada por uma equação com infinitas incógnitas. Por nosso turno, estamos numa casa isolada nos confins do mundo e nossas máquinas ainda são insuficientes para nos levar a qualquer ponto distante da galáxia.

Teremos tempo? Não estamos sozinhos, mas estamos distantes! Realmente não creio que estejamos sozinhos, porque fico com a matemática, mas vivemos numa casa isolada e conturbada, o que não posso negar - e aproveito para dizer - devido à leviandade da Humanidade e à irresponsabilidade dos governantes do planeta.

Agora mesmo alguns dos alicerces essenciais da Terra soçobram irremediavelmente ante a deletéria atuação do homem e o plutônio contamina o solo de Fukushima. Aqui a imbatível força da natureza descortina a nossa falta de estrutura e recursos capazes de garantir à segurança dos povos.

– E não são apenas as usinas perigosas e as queimadas que devastam grandes extensões expondo o solo à degradação e dizimando centenas de preciosos animais e vegetais, temos outros gravíssimos problemas humanos e ecológicos. Infelizmente!

III

O Sexto Elemento

O pensamento busca simultaneamente todas as direções do multiverso, porque percorre os caminhos que levam à infinita pequenez, contida nas mais ínfimas partículas, onde um *angström* é um imenso salão no qual se verificam diversos fenômenos e também porque percorre os caminhos que levam à infinita grandeza. O mundo do imenso encerra todas as galáxias, num processo de aproximação continuada e de distanciamento permanente e infinito, pois não se concebe o início e jamais se alcançará o fim, sendo quase certo que vivamos numa circunscrição de universos em permanente expansão, onde as dimensões que julgamos serem infinitas não passam de uma pequena partícula inscrita nas infinitas ondas da lagoa multiversal.

A distância é tão grande para os parâmetros do homem, que os extremos diametralmente opostos podem se tocar, em algum ponto inconcebível do tempo e do espaço onde as leis da física se escrevam por fórmulas mágicas. O homem ainda não saberá e se soubesse enlouqueceria! Vislumbre oniricamente

consciente da magnitude do multicosmos. Permanente gênese e apocalipse dos cinco elementos fundamentais: terra, ar, água, fogo e vácuo. E um sexto: o pensamento. E um sétimo: o elemento desconhecido! Permanente circunscrição das dimensões que abarcam a humanidade, o ponto cosmométrico onde se encontra – o Planeta Terra - e toda a Criação do Grande Cosmômetra.

Cada universo físico se inscreve dentro de um maior, repito! O fenômeno se repete infinitas vezes, formando a figura das ondulações concêntricas nas águas da lagoa multiversal quando a pedra é arremessada, iniciando um movimento que se mantém eternamente. Oscilando sempre, para todos os lados, na escala das magnitudes. Oscilando sempre na alquimia das certezas que se encontram tanto em cima quanto em baixo, tanto dentro quanto fora.

Dúbia sensação de vazio e fé. Juramento de sangue sem sangue. Desafio que me encarcera numa prisão fria e surreal. Desafio que me liberta para entender a vida. Mundos fantásticos em constante movimento. Limites do real na incerteza do certo e na certeza do incerto. De resto a imaginação e a vontade, conluio da carne e do espírito, ativando ingênuos viventes que sublimam a realidade gerida pela matemática, circunscrita pela geometria e embelezada pela metafísica. Na pedra que não é consumida pelo nosso tempo, as palavras vão sendo gravadas como um aviso de que antes de nós alguém já esteve ali, vivenciou o fato e sofreu as consequências da ação ou da omissão. Aprenda com os antigos erros e evite confrontos sem razão, está é a primeira elocução.

IV

Os Sete Elementos

Ou as portas abrir-se-iam para o eterno pesadelo? No lugar do sonho, a sudorese noturna; no lugar de uma lagoa tranquila, um mar revolto, cujo vórtice se transforma no ralo do mundo, por onde escoamos estupefatos e indefesos. Portais que levam aos abismos sem fim. Curtas jornadas que acabam mal por causa dos afoitos. Terra fértil, água límpida, ar puro, fogo ardente, vácuo silencioso, pensamento livre e o sétimo elemento ainda desconhecido e, por isso mesmo, muito temido pelos que buscam o conhecimento extraordinário!

Universo tecido com fibras imateriais, esotéricas e misteriosas. Os verdadeiros alquimistas compreenderão a poesia subentendida na sequência rotineira da vida? Os poetas, cegos pela luz, que extasia, comporão rimas enlouquecidas pela escuridão? Paradoxal penumbra afastada pela claridade vinda do firmamento curativo.

Os raios solares projetarão feixes oblíquos sobre a Terra cansada e os homens caminharão em direções diversas. O sentimento, que é uma das expressões do pensamento, porque o coração é uma rele bomba fisiológica, está contido no sexto elemento, no fundo dos neurônios; assim como a alma, segundo comprovará, em breve, a física quântica.

A terra, por seu turno, recebe o corpo, que apodrece contaminando o chão. Deitada sob os nossos pés, a terra nos ampara e nos dá que descubramos as trilhas que nos levam ao nosso destino. A água lava a nossa cara todos os dias e as máscaras quase se desgrudam molhadas. Transparecem as rugas que revelam a categoria dos ventos que açoitaram, ao longo dos anos, o nosso rosto.

Aliás, como é marcante a tua fisionomia. Basta fechar os olhos rapidamente para enxergar teu rosto. Teus olhos são duas pérolas reluzentes que se transformam diabolicamente em

rubis incendiários e penetrantes, emoldurados pelos graves sulcos que cortam a tua pele. As muitas rugas, embora ostensivas, não transmitem cansaço. Sinalizam a experiência vivenciada e o domínio das culturas conforme a estação; refletem o caminho percorrido pelas estrelas tantas vezes, que ficou gravado para sempre na pele maturada.

Ainda que seus quadros sejam geniais, Rafael Sanzio, parece, procurou não ver e o rosto de suas madonas. As mais lindas marcas do tempo estampam-se na tua face como se fosse o firmamento noturno, límpido e adornado pelas Plêiades e Híades, pelas gigantes vermelhas Aldebaran na constelação de Touro e Betelgeuse em Órion, pelas translúcidas Bellatrix e Rigel também em Órion e pela gigante Sirius na constelação de Cão Maior, objetos celestes que nos deixam extasiados de tanta beleza e ciência e que simbolizam, por um momento, a magnitude do teu expressivo rosto.

O ar nos sufoca! O fogo nos queima, o silêncio nos enlouquece e o pensamento nos liberta para que possamos respirar e nos aquecer diante da fogueira dos nossos anelos mais secretos. Por derradeiro, resta dizer, confessando e pacificando a questão, que não é possível desvendar o desconhecido! Elemento terrível, nos acompanhará para sempre, talvez sendo dado a conhecer somente após termos trilhado o caminho escabroso da morte.

Concluo: Nesta primavera, o ar que respiramos está repleto de pólen devido à magnífica florescência e é grande a presença de microorganismos patológicos, infelizmente bastante disseminados, devido à explosão demográfica e aos poluentes despejados por uma chaminé inaugurada por James Watt no século XVIII e que ainda se mantém ativa. O fogo

aquece e destrói. O vácuo nos domina. O pensamento forma a mensosfera e o sétimo elemento é apenas um pressentimento.

Permaneceremos de olhos abertos e ouvidos ligados, aguardando a sua revelação, que poderá vir como um raio que nos parte ao meio, fulminando todas as nossas ilusões. A realidade, além do mundo material, do corpo aquoso e pesado, da vida terrena e célere, é a maior de todas as incógnitas. Por aqui, o que vemos em nossa volta é uma realidade mundana, com muitas chaminés escurecendo o céu azul ou esbranquiçando o céu estrelado e muitas encostas em morros urbanos repletas de casebres e cortadas por ruelas perigosas. Pelo menos lá o violeiro toca sua viola e os cantores cantam emocionados a Ave Maria do Morro do mestre Herivelto Martins.

V

O Elemento Surpresa

Poderá ser o sétimo elemento a surpresa, o inusitado, o fantasmagórico, o incompreensível! Será o tombo onde se quebram joelhos e cotovelos ou o colapso dos alvéolos pulmonares entupidos de sangue impedindo a respiração. O inesperado sempre esperado! Esta que é a verdade. Toda pompa se perde.

O ato solene se esvazia. A presente prosa é uma simples *protoprosa-antipoesia*. É que diante dos olhos a beleza aparente envelhece. As cores vivas de um efêmero apogeu desbotam ligeiras. Nem mesmo a prole nos resgata da agonia para a profunda frustração da alma, possivelmente penada, de Willian Shakespeare.

VI

O Elemento Marginal

A tangente foi presa pela polícia de choque. Ficou sem ângulo para fugir ou, ao passarem os círculos, por algum motivo, se omitiu e acabou por não encontrar sua substância. Arrastou consigo várias figuras geométricas famosas no submundo; todos encarcerados num presídio de segurança máxima, centrais pós-modernas do crime, permeadas pela violência bárbara e especializadas em aterrorizar a classe média.

Carandiru passou a ser marca e deixou de ser nome próprio. Marca em forma de cicatriz, que se mantém por décadas em processo de cicatrização. A ferida histórica foi profunda, a cicatriz está ali, mas não fecha definitivamente. Para não morrer perfurada num corredor qualquer a tangente teve que se travestir e casar com um dos chefes de facção, o cosseno. Nada obstante, acabou morrendo fuzilada pelo esquadrão da caveira numa grande rebelião, ela, seu marido e muitos membros da Grande Família do banditismo.

Apenas o quadrado, elemento muito considerado no meio mafioso, sobreviveu. Foi dispensado pelos facínoras que exerciam a liderança, porque encontrou Jesus em seu coração e dedicará a vida para o serviço de Deus.

Sendo assim, a lei do banditismo permite, foi dispensado de suas obrigações e não voltará mais a incendiar ônibus, metralhar policiais na rua ou em suas casas, assaltar a mão-armada, explodir caixas eletrônicos, realizar sequestros relâmpagos, traficar cocaína e nem aplicar golpes no comércio. Fica, pois, desobrigado.

Após fazer sua última doação para a caixinha do crime, em valores por todos conhecidos, ficará isento da contribuição mensal. Por fim, asseveraram os poderosos comandantes do banditismo organizado, fica o irmão livre de suas obrigações e notificado de que se voltar a delinquir será condenado à pena de morte por golpe de faca, com decapitação e esquartejamento, conforme praticado pelos neandertais do Estado Islâmico, que deturpam a mensagem divina do profeta Maomé.

VII

O Elemento Desconhecido

Por fim, o elemento desconhecido. Fatidicamente engendrado no centro e na periferia. Escorrido de ponta-cabeça na direção do chão e por isso mesmo crescido raivoso, brabo, vingativo. Um elemento fugitivo, esgueirando-se silenciosamente pelo nosso entorno. A felicidade se acaba num segundo com a trágica notícia, que chega de surpresa (nas esquinas do Rio de Janeiro uma bala perdida acaba com a vida ainda inocente). Uma criança estirada no chão em meio a uma poça de sangue.

- E os que podem se alienar destas coisas tomam injeções de *Botox* no rosto e fazem de conta que o mundo é diferente. Alienados tagarelam eufóricos sob o efeito do estroboscópio, com um copo de bebida na mão. Caminham ligeiros entre as mesas brincando de fazer de conta que o mundo lá fora não existe.

Quando apagam as luzes do quarto para dormir, e retiram as unhas, cílios e dentaduras postiças, se deparam com profundos

vazios que prenunciam o estado de desespero em que se encontrarão no futuro, tendo contra si todos os elementos e devendo enfrentar ainda o elemento desconhecido, que certamente se revelará terrível!

RONALD FIUZA



Ronald Moura Fiuza, é brasileiro, nascido em 03/06/1948. Casado, 2 filhos, é médico em Joinville desde 1973.

Teve formação escolar no interior e na capital de Minas Gerais; residência em Neurologia e Neurocirurgia na Santa Casa de Belo Horizonte; especialização em Neurocirurgia no Hospital Universitário de Munique, Alemanha; mestrado em Neurociências e Saúde mental em Barcelona, Espanha,. Tem pós-graduação em Administração Hospitalar (UNAERP) e pós-graduação em Terapia Cognitivo-comportamental (USP)

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia de 98 a 2000. É membro da Academia Catarinense de Medicina e membro da Academia Joinvilense de Letras.

O Dr. Ronald fiúza foi Secretário de Estado da Saúde de Santa Catarina de 95 a 97. E também:

Delegado brasileiro junto às Federações Mundial e Latino-americana de Neurocirurgia, Presidente do Departamento de Neurologia e Neurocirurgia da ACM, Diretor superintendente e clínico do Hospital São José de Joinville, Presidente da Associação de Hospitais do Estado de Santa Catarina, Vice-presidente da Federação Brasileira de Hospitais, Membro de 15 sociedades científicas, sendo 4 internacionais. Organizador de 12 congressos, sendo 4 como presidente. Conta com 90 trabalhos científicos produzidos.

Participação em 27 congressos e cursos internacionais, e em 135 congressos e cursos no Brasil; estágios diversos no Brasil, Alemanha, Suíça, EUA, Japão e Inglaterra. Tem sido diretor e conselheiro de associações, cooperativas, fundações e hospitais e recebeu homenagens da comunidade, do poder público e de sociedades científicas.

Tem 3 livros publicados.

QUEM É VOCÊ

“Conhece-te a ti mesmo.”

(Sócrates, filósofo grego)

“Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa.”

(João Guimarães Rosa, escritor brasileiro)

Alguma vez você já ficou estático diante do espelho, perplexo diante da sua imagem?

Já perguntou quem é você, lá bem no fundo? Já questionou qual seria a sua verdadeira essência ou o que afinal lhe caracterizaria como ser vivo e como humano?

Você é seu corpo? É seu espírito? Você é sua alma? Sua mente? No final das contas, o que representam todos estes termos e como se relacionam?

Nós, homens, somos bons em decifrar charadas, mas em algumas delas nós emperramos mesmo. Tentamos, imaginamos soluções, mas a coisa não deslancha. Isso nos gera desconforto, pois somos angustiados. Pior que isso, somos imodestos. Se não conseguimos mesmo a resposta, inventamos algo, nem que seja a partir de uma intuição qualquer. Precisamos de alguma coisa que traga sentido ao nosso mundo, que preencha as lacunas. Buscamos de qualquer jeito alguma sensação de controle.

É aí que aparecem as explicações mágicas. Surgem os deuses e os heróis, os demônios e os fantasmas. Uma boa versão deles pode dar certo, dominar nossa angústia. Pode até encantar. Se convincente, pode sobreviver longo tempo. Entretanto, mais cedo ou mais tarde, será balançada por algum esforço da razão.

Assim, o misticismo da antiguidade reinou até surgirem os pensadores da Grécia Antiga. As chamadas trevas da Idade Média persistiram por mil anos e só acabaram na fertilidade do Renascimento. As restrições da Inquisição não se dissolveram até que se despertasse a criatividade no Iluminismo.

O século XIX foi uma destas épocas brilhantes, em que parecia que tudo seria devidamente explicado e entendido. A humanidade estava entusiasmada com as possibilidades da ciência. Não era por menos, pois a física, a química e a biologia resolviam um problema atrás do outro. Qualquer resposta seria questão de tempo.

No entanto, não foi isso que aconteceu. Algumas incógnitas teimaram em ficar fora do alcance, mantendo o status de grandes mistérios. Um grupo delas foi mesmo considerado definitivamente indecifrável, quer dizer, para todo o sempre e não apenas para o conhecimento da época. Diziam respeito à nossa essência, sendo, talvez por isso mesmo, as que mais angustiavam.

A maior de todas as incógnitas era mesmo a origem de tudo, da matéria, do Universo. A pergunta era simplesmente como surgiu algo, a partir do nada?

Um segundo mistério questionava a origem da vida, que incompreensivelmente emergiu de substâncias não vivas. Um

terceiro perguntava como um corpo físico pode tornar-se consciente de si mesmo.

Poucos se aventuravam por terrenos tão nebulosos. As concepções existentes eram (e, em parte, ainda o são) orientadas pelo pensamento místico ou religioso. As especulações filosóficas eram tímidas e a ciência então, esta passava longe.

O século XX trouxe a ousadia. Ainda que até hoje continuemos sem as respostas que almejávamos, já temos algumas boas pistas.

A Cosmologia evoluiu muito, chegando à hipótese do Big Bang. A Teoria da Evolução indicou aos biólogos um caminho para decifrar a origem da vida. As conquistas da Neurociência animaram os pesquisadores para a investigação da consciência.

Os modelos antigos até que foram concebidos por mentes criativas, mas eram definitivamente insuficientes. Os atuais têm se mostrado superiores, pois apoiam-se não apenas em lampejos de raciocínio, mas também em cuidadosas observações da natureza. São modelos que ultrapassam o racionalismo. Exigem mais, querem ser testados, ser verificados. Pedem até para ser falsificados. Assim, os nossos grandes mistérios viraram simplesmente questões. São agora questões científicas.

O conhecimento de si

Sócrates foi um gigante da filosofia, um dos maiores pensadores da humanidade. Na Grécia Antiga era mesmo

considerado o maior de todos os sábios. Sua influência foi tanta que a filosofia se dividiu em dois universos: antes e depois de Sócrates. A força de suas ideias permanece indiscutível, até hoje.

O legado de Sócrates foi decisivo, mesmo não tendo ele escrito uma única linha. Transmitia seus ensinamentos conversando com seus discípulos, caminhando pelas ruas de Atenas. Considerou o diálogo como a grande fórmula para a procura da verdade e se destacou especialmente pela maneira perspicaz de formular perguntas. Conhecemos seus conceitos pelo que escreveram os discípulos, notadamente Platão.

Sócrates sabia como chamar a atenção para suas ideias. Seu enunciado de maior impacto parecia uma confissão de ignorância: “Só sei que nada sei”. Esta frase célebre causava perplexidade, especialmente nas ruas daquela cidade que endeusava o conhecimento. Entretanto, o grande sábio não era um descrente e a frase nada tinha a ver com ceticismo. Trazia, ao contrário, a noção de que a procura da verdade deveria passar por humilde reconhecimento da própria limitação e que isto implica trabalho árduo. Sócrates destruía as certezas dos atenienses com seu questionamento embaraçoso, levando-os a rever suas ideias. Demonstrava que mesmo conceitos cristalizados costumavam ser inconsistentes.

Atribuiu ao conhecimento o status de único bem, considerando que “uma vida não susceptível de exame não vale a pena ser vivida”.

Ele deixou concepções originais sobre virtude, ética, amor e conhecimento, além de método imbatível para investigar a verdade. A despeito destas contribuições notáveis, ele é mais lembrado por algumas curtas mensagens, como

aquela que mudou a maneira como os homens buscavam o conhecimento. “Conhece-te a ti mesmo” foi sua segunda frase lapidar. Talvez tenha sido a de maior impacto para a época, pois inverteu o alvo das indagações visado até então. Estes dizeres estavam gravados em um oráculo na cidade de Delfos e Sócrates os adotou, dissecando todas suas possibilidades. Considerou que não nos aproximaríamos da verdade olhando apenas para os céus e a terra, mas que deveríamos nos dirigir para dentro de nós, onde encontraríamos os principais segredos do conhecimento e da moral. Nascia então o método introspectivo e, com ele, a filosofia.

Hoje, quando estudamos a consciência humana, lembramo-nos da trajetória de Sócrates. O próprio objeto do estudo nos envia ao autoconhecimento, base da filosofia socrática e platônica. Evoca a angústia da pergunta que cada um já se fez um dia, na frente do espelho: “Quem sou eu”? É aí que tendemos a acreditar que, de fato, nada sabemos. Podemos então, e só então, começar efetivamente a conhecer algo.

Por estes mais de dois milênios os filósofos têm feito ensaios na tentativa de decifrar a consciência. Usam quase sempre variações do método dialético originalmente proposto por Platão, enfatizando as hipóteses forjadas a partir da introspecção, da avaliação interna, da dedução. Cada um formula suas perguntas, propõe sua hipótese e seu modelo, resultando em oscilações intelectuais, em antíteses e sínteses.

Com tantos conflitos de ideias, a história acaba muitas vezes em ceticismo. Surgem dúvidas sobre tudo e até sobre a viabilidade do próprio conhecimento. É uma espécie de radicalização do “sei que nada sei”. Desde os gregos, o discurso cético eventualmente retorna, especialmente quando os homens mostram mais divergência ou confusão.

Seguimos Sócrates por todo este tempo, de um jeito ou de outro. Mesmo nos dois últimos séculos os psicólogos utilizaram a introspecção como instrumento para avaliar o funcionamento da mente humana. Afinal, o método introspectivo é muitas vezes convincente, pois corresponde a um tipo de percepção ampliada, uma visão de nível mais elevado. Permite quase sempre entendimentos adicionais. Entretanto, esta estratégia esbarra em um problema lógico: as limitações de qualquer estudo sobre si mesmo.

Só recentemente mudou-se o plano da busca, a começar pelo próprio ponto de partida. As novas pesquisas procuraram observar os estados mentais a partir de outra perspectiva. O interesse não se restringiu mais à contemplação da própria consciência, mas à observação da consciência “dos outros”. Foi o mote da medicina e da biologia, que começaram a sondar o funcionamento mental a partir do exame do corpo humano, especialmente do cérebro.

Estes cientistas não se dedicariam tanto ao estudo da mente em si, mas à procura de métodos capazes de captar informações no sistema nervoso, tido como o grande responsável pelos estados mentais. E não foi o próprio cérebro (o do pesquisador) que eles visaram em suas pesquisas, mas o sistema nervoso de seus pacientes ou de voluntários. Posteriormente se interessariam também por cérebros de animais e até “de máquinas”. Isso definiu outro ponto de vista. Agora se tratava definitivamente de uma visão de “terceira pessoa”.

É, assim, o método indutivo, caracterizado por observações rigorosas e pela decomposição e recomposição destas observações. Traduz a tentativa de se examinar de fora o

funcionamento de algo, destrinchar suas partes e reagrupá-las, especulando os mecanismos responsáveis por seu funcionamento.

A conquista da confiança neste método de observação empírica traduziu a reabilitação dos “pré-socráticos”, pensadores acusados pelos platônicos de acreditar mais na opinião que no conhecimento válido. A verdade, segundo Platão, não estaria nas precárias observações feitas pelos sentidos humanos, mas nas suas ideias. Antes disso, os tão criticados pré-socráticos viviam observando os céus à procura de padrões, formulando hipóteses sobre a constituição do mundo. Hoje em dia este método voltou a prevalecer, foi reabilitado.

Por isso, muitos consideram Tales de Mileto (624-556 a.C.) como o verdadeiro fundador da ciência. Em época em que o misticismo imperava, Tales defendeu que o mundo evoluía por processos naturais. Embora sua tese mais conhecida (a que considerava a água como princípio de tudo) estivesse errada, seus princípios metodológicos eram corretos e deram impulso ao desenvolvimento da filosofia e da ciência, voltadas a partir de então para a busca de causas e efeitos. O método científico só se definiria muito tempo depois, já no século XVII. Entretanto, desde a civilização grega, a humanidade passou a procurar suas respostas com alguma metodologia.

Tales, Sócrates, Platão e Aristóteles fizeram parte de um grupo notável de pensadores que desenvolveram um modo diferente de ver as coisas e acabaram moldando a cultura ocidental. Deixaram o exemplo daqueles que não se intimidam diante das questões difíceis.

O livro “*A Consciência – Uma viagem pelo cérebro*” é a história de uma destas questões. Trata-se daquela que desafiou os gregos e a maioria dos filósofos e cientistas desde então e continua sendo um dos assuntos mais complexos da humanidade. Com todo seu mistério e fascínio, o nosso tema é a consciência.

Sabemos o que é a consciência, convivemos com ela o dia inteiro, mas os desafios para compreendê-la são enormes, a começar pelo próprio significado do termo. É esta coisa estranha que parece nos envolver, que nasce ao acordarmos, desaparece ao dormirmos e surge novamente majestosa na manhã seguinte, como se nunca tivesse esvaído. A consciência permite um amplo contato com o meio, iluminando o ambiente em que estamos submersos, trazendo noções, definindo o momento e o local.

Reflete também a parte mais pessoal de cada um, aquela que carrega a identificação de si próprio, de sua essência. É a sensibilidade dos próprios prazeres, dores, alegrias e tristezas. É a ciência de estar vivo e de não ser fulano, nem beltrano, mas de ser “eu” mesmo, com nome e história. É inclusive a certeza de poder pensar e falar sobre si, de perceber que se está consciente.

A consciência nos forja como pessoas. Toda noção mais consistente que temos do mundo e de nós mesmos nos foi trazida pela vida consciente. Foi assim que conhecemos lugares, pessoas e situações, que aprendemos a língua, os costumes e as regras. Nossas ações conscientes nos trouxeram comida, proteção, parceiros, filhos, amigos, inimigos. Escreveram nossa biografia. Vivemos cada minuto acompanhados de nossas emoções conscientes, carregados de coragem ou medo, de orgulho ou vergonha, de amor ou

desamor. Construímos, enfim, uma memória de tudo isto. No fim de tudo, somos nossas consciências.

Quando surgiu esta coisa, a consciência, aqui na Terra? Como surgiu em mim e em você? Como funciona?

A investigação de questões tão complicadas nos remete a outros problemas, tão complexos como o original. Não há como abordar a consciência sem explorar suas conexões com a evolução das espécies e, mais ainda, com as origens da vida, da Terra e do próprio Universo. É preciso recordar princípios de física, química, fisiologia humana e anatomia comparada. Para complicar, deve-se ainda criticar o próprio método, verificando suas possibilidades e limitações.

É uma procura com riscos. Ao repensarmos algumas de nossas convicções antigas, aventuramo-nos a abalar alicerces, a sair da zona de conforto. A descoberta de novos conceitos sempre se traduz em crescimento pessoal, mas traz o preço da violação da inocência.

Muitos filósofos de hoje veem a consciência como o último grande mistério da humanidade e alguns continuam considerando-o inexpugnável. Nós vamos nos alinhar com o outro grupo, aquele que procura indícios de como surgiu este tipo de milagre. Vamos tentar explorá-la com delicadeza, aproveitando a trilha aberta até aqui. Vamos espiá-la por dentro e tentar achar um jeito de observá-la por fora. Talvez seja até possível fazer uma espécie de ponte, acoplando o rigoroso método científico às tantas introspecções feitas pelos filósofos pelos séculos afora.

(Texto extraído do Livro *“A Consciência – Uma viagem pelo cérebro”* – Ronald Moura Fiúza)

LITERATURA INFANTIL



ELSE SANT'ANNA BRUM

Else Sant'Anna Brum nasceu em Joinville no dia 15 de agosto de 1936. Trabalhou como bancária durante 15 anos, mas finalmente seguiu sua vocação maior: o magistério, onde atuou durante 25 anos como professora alfabetizadora, e como diretora de escola. Já aposentada trabalhou como professora de Música.

Formou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na FURJ-Joinville, atualmente chamada Univille. Também é pós graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Vencendo em 1986 um concurso de histórias para a infância promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, teve publicado seu primeiro livro "Miguelito Pirulito". Depois publicou "Cri-Cró" (1992) e "Retetê" (1994) e "Serelepe" (1996). De 2006 até 2012, publicou mensalmente histórias no Jornal "A Notícia". Tem também um livro de poemas, "Hóspedes do Coração".

Tomou posse na Academia Joinvilense de Letras em março de 2016.

A MARGARIDA LILÁS

Num lugar bem longe daqui havia um campo de margaridas brancas. Todas as manhãs, o sol lançava seus raios dourados sobre elas e dizia:

– Eu me vejo em cada miolo amarelo destas brancas margaridas!

Elas, então, sorriam para o sol!

Mas, no meio de tantas margaridas sorridentes havia uma que não sorria. Vivia triste, com carinha de choro. O sol não demorou a perceber e, intrigado, mandou um de seus raios conversar com ela.

– Que acontece com você? Por que não sorri como suas irmãs?

– Ah! Raio de sol, eu vivo triste porque não estou contente com a minha cor.

– Por acaso, perguntou o raio de sol, você quer ser amarela como as margaridas do campo ao lado?

– Não, não, eu também não quero ser amarela, pois o meu miolo já é amarelo. Eu gostaria de ser lilás!

O raio de sol ficou com pena da margarida branca que não queria ser branca, pois uma vez ele também teve vontade de ser um raio de luar. Levou então para o astro-rei o desejo da margarida.

O sol ficou encabulado. Ele sabia bronzear, mas transformar branco em lilás ele não sabia. Mas lembrou de alguém que sabia.

– Vá chamar a Fada das Cores, disse ele para o raio.

Quando a fada chegou, sorriu ao conhecer o desejo da margarida branca e disse:

– Ah! É bem assim. Garanto que se ela fosse lilás, gostaria de ser branca.

Mas, como tinha todas as cores em sua palheta, não gostava de ver ninguém triste e queria retribuir ao sol toda a luz que ele lhe dava, coloriu a margarida branca deixando-a lilás.

O raio de sol sorriu pelo final feliz.

A margarida lilás abrindo um grande sorriso, agradeceu à boa fada e naquele mesmo dia mudou-se daquele campo de margaridas brancas para formar outro campo de margaridas da sua cor, deixando ainda mais belo e colorido aquele lugar!

FUTEBOL NA FLORESTA

O macaco Jaroslau foi criado na cidade desde bem pequeno. Levado por um caçador que o roubou de sua mãe, conseguiu fugir, indo parar na casa de uma família que vivia para o esporte. Bem tratado, resolveu ficar para aprender sobre a vida dos homens.

O filho mais novo da família, menino ainda, jogava futebol num time infantil da cidade. Com ele o macaco passava horas brincando e aprendeu a jogar futebol.

Certa vez a família foi fazer um piquenique num parque que ficava ao lado de uma floresta e o macaco, curioso como ele só, aventurou-se sozinho por uma trilha indo parar no meio da floresta onde encontrou outros macacos que o convenceram a ficar ali.

Jaroslau achou interessante ficar justo aos seus iguais, mas antes voltou correndo até o parque para se despedir da família que o havia acolhido com tanto carinho. A despedida foi dura, mas eles aceitaram a decisão que o macaco tomou.

Jaroslau era muito comunicativo e não demorou a fazer amizade com a bicharada. Liderou, então um movimento em favor da prática do esporte entre os bichos, principalmente o futebol do qual ele entendia bastante.

Tanto fez, que um dia o leão que é o rei dos animais, assinou um decreto para que os bichos da floresta formassem seus times de futebol, pois ele queria promover um campeonato. Foi um reboliço, mas em pouco tempo apareceu o resultado. Bichos grandes e pequenos logo se estruturaram. Jaroslau, que era presidente do time dos macacos, propôs que houvesse um desfile para a apresentação das equipes.

– É claro, falou o papagaio Galvãozinho. Onde se viu um campeonato sem desfile de abertura? Imediatamente colocou-se como locutor oficial. Os bichos foram unânimes em aceitá-lo pois falar bem e bonito como Galvãozinho ninguém mais naquela floresta sabia!

No dia do desfile, o sol espalhou bem cedo seus raios no grande estádio que o leão mandara construir. Era um espaço grande com largas arquibancadas e árvores para abrigar torcedores de espécies que não jogavam, como pássaros, insetos e os bichinhos miúdos.

Nas arquibancadas as bandeiras eram agitadas ao som de alegres fanfarras. Era bonito ver o esmero dos participantes tanto nos uniformes coloridos como no modo de desfilar. O rei assistia a tudo, satisfeito por ter tido tão bela ideia. Após o desfile ele fez um pequeno discurso e declarou abertos os jogos que duraram três dias.

Galvãozinho lá estava de microfone em punho irradiando os jogos e comentando sobre a alegria das torcidas que vibravam pelos jogadores. Tudo no maior respeito.

Um time que se destacou foi o dos burros. O goleiro, um burro bonito e forte com calção preto e blusa branca, chamava a atenção pela elegância. Ao ser entrevistado falou com toda a modéstia:

– Ora, ora, eu sou um burro, mas sou inteligente! Pratico esportes desde pequeno!

E sabem de uma coisa? O time dele foi campeão e ele ganhou a medalha especial de melhor goleiro do campeonato.

– Ai, ai, ai, disse uma girafa esticando ainda mais o seu comprido pescoço. Este mundo está mesmo virado! Imaginem, um burro ganhando medalha!

Leãozinho, o príncipe da floresta, falou para dona girafa:

– A senhora está precisando conhecer a diferença entre burros e burros!

– Isto mesmo, falou o macaco Jaroslau, e a senhora, dona Girafa precisa procurar um esporte que seja do seu gosto e praticá-lo! Que tal no próximo campeonato um time feminino de girafas? As girafinhas que estavam ao redor aplaudiram com entusiasmo!

O JARDIM ENCANTADO

Era uma vez um jardim que vivia triste por estar abandonado. Seu maior desejo era ver-se cheio de flores. Então

ele fez um pedido à Fada da Beleza para que, de onde ela estivesse, procurasse ajudá-lo. A Beleza existe, pensava ele, e eu não posso ficar sem ela.

Certo dia, ele acordou e viu um enorme caminhão parado e gente que ia e vinha, trazendo coisas para dentro da casa que ficava nos fundos. Seu coração bateu apressado. Aquela noite quase não dormiu.

Na manhã seguinte, um belo carro chegou trazendo uma família para morar na casa. A alegria do jardim aumentou quando viu descer, além do pai e da mãe, uma menina de cabelos loiros que brilhavam como o sol. Tanta beleza assim levou o jardim a lembrar do pedido feito à Fada da Beleza. Certamente ela atendera o seu desejo. Naquela tarde, o pai e a mãe estavam no jardim dando ordens ao jardineiro:

– Queremos que este jardim seja especial. Nossa filha Rafaela gosta muito de flores.

– Podem ficar tranquilos. Este será o jardim mais bonito da redondeza!

Rafaela gostou do jardineiro. Ele era um pouquinho só maior que ela. Parecia um dos anões da história da Branca de Neve. Seu nome era Rosmaninho.

– Que nome diferente o seu, disse Rafaela.

– É o nome de uma flor. Meus pais eram portugueses. No Brasil, o Rosmaninho é conhecido como Alecrim.

Rafaela pensou no coral da escola onde cantava:

*“Alecrim, alecrim dourado
que nasceu no campo
sem ser semeado...”*

Algum tempo depois, o jardim se transformou num verdadeiro festival de flores. Só podia ser assim, pois o jardineiro era afilhado da Fada da Beleza!

–Você é um mágico, exclamou a menina. Como deixou este jardim limpo e florido tão depressa?

– É que eu tenho ajudantes, Rafaela. Venha esta noite que vou lhe contar alguns segredos.

À noite, Rafaela ficou maravilhada com o que viu. O luar deixou o jardim iluminado. Rosmaninho estalou os dedos e muitos anõezinhos surgiram de todos os lados.

– Ao trabalho! disse um deles. À meia-noite a Fada da beleza virá visitar o jardim.

Quando o relógio da sala bateu doze badaladas, Rafaela viu a Fada chegar numa linda folha verde puxada por duas libélulas. Como era graciosa!

– Este jardim é encantado, disse a fada para a menina. Neste recanto você verá maravilhas.

Rafaela bateu palmas e agradeceu à linda Fada. Rosmaninho pediu para a menina olhar os canteiros no outro dia pela manhã.

A menina acordou cedo, tomou seu café e correu para o jardim. Ele estava lindo! Conversando com Rosmaninho, Rafaela perguntou:

– De onde vem a beleza?

Rosmaninho respondeu:

– A beleza vem de Deus, Rafaela. Ele criou todas as coisas belas.

Tudo o que ela havia desejado estava acontecendo. O jardim estava feliz!

Jornais e revistas publicaram suas fotos. Ele recebeu prêmios que Rafaela guarda com carinho. Na cidade onde ela mora, há a Festa das Flores e são premiados os jardins mais bonitos. Porém o segredo daquele jardim, o encanto e a magia de suas noites, só são conhecidos por duas pessoas: Rosmaninho e Rafaela, em cujas almas sensíveis a fantasia tem lugar para morar e há a consciência de que a beleza é uma dádiva do Criador.

COLITA

Colita é uma cachorrinha muito esperta de pelo marrom claro. Recebeu esse nome assim que nasceu por ter a cauda bem pequenininha. As coisas de que Colita mais gosta são: comer pão com leite, passear e conversar. Assim que o sol aparece, ela sai para o jardim. Numa manhã, o primeiro amigo que Colita encontrou foi o Caracol.

– Bom dia, Caracol! O que anda fazendo?

– Levando, levando, levando...Levo minha casa nas costas pra lá e pra cá, mas também quando chove, só preciso me encolher e pronto. Fico tranquilo dentro dela. Não acha isso muito bom?

– Bom se todos tivessem uma casa para morar, respondeu Colita.

Logo adiante Colita encontrou a Formiga.

– Bom dia, Formiga! O que anda fazendo?

– Carregando, carregando, carregando... Carrego folhinhas e outros petiscos para fazer o pão dos meus filhos. Trabalho todo o verão. Quando chega o inverno, trazendo frio e chuva, meu formigueiro está com todo o alimento de que preciso.

Andando mais um pouco, Colita encontrou a Cigarra, que vinha voltando de uma festa com o violão nas costas.

– Olá, Cigarra! O que anda fazendo?

– Cantando, cantando, cantando... Cantar é o meu prazer. Passo a vida cantando e assim é toda a minha família.

– Ah! Pulo de alegria quando ouço você cantar anunciando o Natal de Jesus!

Colita continuou seu passeio até que escutou um zumbido. Olhou e viu uma abelha dentro de uma flor.

– Alô, Abelha! O que está fazendo?

-Sugando, sugando, sugando... Sugo o néctar das flores para fazer o meu mel. Sei o quanto ele é precioso, por isso ponho nele todo o meu carinho. Dependendo das estações do ano e das flores que encontro, faço mel com sabores diferentes.

Logo a seguir a cachorrinha viu parado no ar um bonito beija-flor.

– Bom dia, mimoso Beija-flor! O que anda fazendo?

– Catando, catando, catando...Cato musgo, palhinhas e fios para fazer meu ninho.

– Ah! Sei como é lindo o ninho dos beija-flores. É uma obra de arte! Acho que você e o João-de-barro são os pássaros que tem os ninhos mais originais.

– Piu, piu, piu – escutou Colita – e à sua frente apareceu um pintinho tão amarelo que parecia uma gema de ovo.

– Bom dia, amigo Pintinho! O que anda inventando?

– Ciscando, ciscando, ciscando... Já estou crescido e sei procurar sozinho o que comer. Mamãe me ensinou que ciscando e revirando as folhas no chão a gente encontra muitos petiscos gostosos!

Bem no final do jardim, num caramanchão ao lado do poço, Colita encontrou um Louva-a-Deus, de mãos postas e olhos para o céu.

– Bom dia, senhor Louva-a-Deus! O que está fazendo?

– Louvando, louvando, louvando... Louvo a Deus por este mundo tão bonito que Ele criou. E você, cachorrinha, o que anda fazendo?

– Conversando, conversando, conversando... Gosto de conversar. Hoje conversei com vários amigos e vi que cada um tem o que fazer. Mas senhor Louva-a-Deus, vou indo para casa porque a fome está batendo e meu estômago já está roncando, roncando, roncando...

Bem naquele momento ela escutou sua dona chamando:– Coliiiiita! E saiu em disparada!

A BOLA FALANTE

Todos os dias a criançada daquele edifício brincava animada. Pulavam corda, jogavam amarelinha, batiam peteca, faziam roda cantando lindas cantigas, brincavam de passar anel e muitas outras coisas.

Naquela tarde, Carolina e Amanda que comandavam a turminha deram a ordem:

– Hoje cada um vai dizer um provérbio.

– Tá bom, disseram juntos João Paulo e João Pedro, mas primeiro os meninos.

– “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

– “De pequenino é que se torce o pepino”.

– Você Carolina, falou João Pedro.

– “Barco parado não ganha frete”.

Amanda continuou:

– “Mais vale um pássaro na mão que dois voando”.

Bruna :

– “Gato escaldado tem medo de água fria”.

– Eu não sei nenhum, falou Cecília, a menorzinha da turma.

– Muito bem, disse João Paulo, já deu, já deu, vamos pra outra. Vou ensinar uma brincadeira que minha avó me ensinou: Bento que Bento Frade.

– Como é isso? Bruna perguntou muito interessada.

– É assim: o “mestre” pede e a gente junta folhas de árvores e com elas faz uma bola. Eu sou o “mestre”. Eu pergunto e vocês respondem a última palavra que eu disser. Vamos lá?

– Vamos, vamos, responderam todos.

E João Paulo como “mestre” começou:

– Bento que Bento Frade!

- Frade!
- Onde quereis que eu brade?
- Brade!
- Na boca do forno!
- Forno!
- Tirando bolo!
- Bolo!
- Farão o que o “mestre” mandar?
- Faremos!
- Correndo, correndo buscar uma folhinha de laranjeira.

Todos correram e trouxeram a folha pedida. Assim foram repetidas as ordens e vieram folhas de goiaba, pitanga, rosa, capim, grama, bem-me-quer, etc... até que aos pés do “mestre” amontoaram vários tipos de folhas. Com elas encheram uma meia velha, formando uma bola.

– E agora o que é que a gente faz? perguntou Amanda.

– Agora alguém esconde a bola e os outros vão procurar.

Carolina foi esconder a bola. Quem a encontrou foi Cecília. Pegou com tanta força pela alegria de tê-la achado que ficou assustada quando ouviu a bola dizer: ai!

– A bola falou, disse ela.

As outras crianças não acreditaram e uma por uma pegou a bola apertando-a nas mãos. A cada aperto se ouvia um “ai”!

– Tem alguma coisa aí dentro dessa bola, falou João Pedro.

Abriram a bola com muito cuidado. Para surpresa deles encontraram uma lagarta verde que, agradecendo a gentileza de terem-na libertado, transformou-se numa linda borboleta colorida.

As crianças ficaram encantadas com a metamorfose que presenciaram.

A borboleta então saiu voando graciosamente e voltando-se para as crianças falou:

– Adeus meus queridos! Continuem a brincadeira e não se esqueçam de mim!

O CAFÉ DO BARNABÉ

Aquele macaco era esperto como todos de sua raça e muito trabalhador. Passava cedinho oferecendo sua mercadoria:

– Café quentinho torrado e moído hoje! É o mais gostoso que existe! Venham comprar!

A bicharada corria para comprar. A cada dia aumentava o número de fregueses, pois um bicho ia contando e elogiando para outro a delícia que era o café do Macaco Barnabé.

A Coelha contou pra Gata, que contou pra Rata, que contou pra Vaca, que contou pra Gralha, que contou pro Jabuti, que contou pro Bem-Te-Vi, que num segundo contou pra todo mundo!

Mas a novidade que a Tartaruga contou para toda a cidade é que Dona Macaca iria oferecer um café especial com bolos, broinhas, beijus, cucas e rosquinhas.

No dia marcado vocês nem imaginam quantos bichos apareceram com suas famílias! O repórter do Jornal local anotou e fotografou para sua coluna: a Anta, o Burro, a Cabra, o Dragão, o Elefante, a Foca, a Girafa, o Hipopótamo, a Irara, o Jacaré, o Leão, o Novilho, a Onça, o Porco, a Queixada, o Rato, o Sapo, o Tatu, o Urso, a Vaca, o Xenxém e a Zebra.

Ao lado dessa bicharada via-se ainda abelhas, pássaros, borboletas, grilos, lagartas e até mamangavas!

Antes de servir suas delícias, Dona Macaca e seu marido Barnabé convidaram todos a passarem para um lindo gramado nos fundos da casa onde houve um jogo de futebol.

– Para movimentarmos o corpo, disse Barnabé. Esporte é muito importante para a saúde.

As crianças foram convidadas para brincar de roda. Foi bonito ver os pequenos de mãos dadas cantando:

*Roda Cotia
De noite e de dia
O galo cantou
E a casa caía!*

– Como é gostosa essa brincadeira, falou Vovó Ursa ao ver os pequenos se esparramando no chão quando “a casa caía”.

– Isso é mais velho que a minha tataravó, comentou Dona Zebra, mas não há quem não goste!

– Que tal a gente também fazer uma roda? convidou Dona Sapa.

– Isso mesmo! Vamos lá, agitou Dona Foca.

Era engraçado ver a bicharada grande rolar no chão quando “a casa caía” mas não conseguirem levantar depressa para recomençar a roda.

Depois de todos terem se divertido, Dona Macaca bateu um sino chamando para o café.

– Hmmmmmm! Quem não gosta destas delícias, dizia Dona Girafa arregalando os olhos e esticando ainda mais o seu comprido pescoço. A alegria era geral diante de tanta fartura.

A hora foi passando e os convidados fartos com tantos quitutes foram se retirando. Durante muito tempo se comentou naquele lugar o sucesso do Café de Dona Macaca, pois ela serviu aos convidados o café trazido por seu marido o Macaco Barnabé que conseguiu provar para todos que realmente vendia o melhor café do mundo!

UMA PALAVRA CHAVE

Heloisa estava sentada em frente a sua mesa de estudos segurando uma caneta em cima de uma folha de papel em branco. Já fazia algum tempo que estava ali. Parecia até uma estátua. Sua mãe, dona Ana Lúcia, observando o comportamento da menina, que normalmente não tinha muito sossego, perguntou curiosa:

– Está brincando de estátua, Heloísa?

– Não, mamãe. Estou pensando. Não sei como começar a escrever sobre trânsito para a tarefa da escola. É difícil!

– Difícil? Nem acredito que estou ouvindo isto. Você tem sempre tão boas ideias! Em todo caso vou dar uma dica. Comece pensando na palavra chave do trânsito: obediência.

A menina arregalou os olhinhos de uma maneira que só ela sabia arregalar e falou:

– Mamãe, o que a palavra obediência tem a ver com: carro pra lá, bicicleta pra cá, ônibus ali, caminhão aqui?

– Muito! Vamos ver. Primeiramente, se você não obedecer às leis que existem sobre o trânsito vai enfrentar muitas complicações.

– Isto mesmo, completou Ester a irmã mais velha que vinha entrando e ouviu a conversa.

Outra lei que precisamos obedecer é a lei que exige a idade de dezoito anos para dirigir um carro.

– Ah! Sei, sei, disse Heloísa. Com esta ajuda que vocês me deram já estou engrenando o assunto aqui na minha cabecinha. Além dos dezoito anos, tenho que fazer o curso para conseguir a carteira de habilitação, certo?

– Certo, falou dona Ana. No curso, além das normas, você vai aprender todos os sinais que existem no trânsito e vai ver que são muitos!

O pai, senhor Gilmar, estava lendo jornal e ao mesmo tempo assuntando a conversa. Teve uma ideia.

– Que tal darmos uma volta de carro pela cidade para você ver com atenção os sinais, observar o comportamento dos

motoristas e dos pedestres? Garanto que vai ter assunto até demais!

– É pra já, concordou a menina, pulando do jeito bem serelepe que era.

Num instante estavam na rua e Heloísa começou a anotar o que via: motoristas desrespeitando a sinalização e correndo demais; pedestres atravessando fora da faixa; crianças no banco da frente; motociclistas sem capacete e uma infinidade de outras coisas que com a ajuda do pai ficou sabendo serem infrações.

Interessante para ela, também, foi a leitura das placas de “mão única”, “proibido entrar à direita ou a esquerda”, “devagar escola” e assim por diante.

Ao voltar para casa contou para a mãe e as irmãs, pois Bruna, a outra irmã havia chegado, o quanto aprendeu. Estava pronta para desenvolver a tarefa escolar. Não esqueceu de elogiar o pai por ser um bom motorista. E com ar de quem já dominava o assunto concluiu:

– Quando apresentar meu trabalho, quero dizer aos meus colegas que nós podemos desde crianças ir observando a sinalização, memorizando as placas e como disse minha mãe, nunca esquecer a palavra chave do trânsito: obediência!

ROLA CATUTO

Tia Etelvina contava muitas histórias para nós, dessas que nem existem nos livros, mas são contadas de pai para filho ou nesse caso de tia para sobrinhos. E eu não posso deixar de contar adiante porque as histórias não podem morrer.

Era uma vez três crianças que moravam perto de uma floresta. Gostavam muito de brincar. Ana Luiza tinha oito anos, Beatriz tinha seis anos e Arthur apenas dois anos de

idade. Não brincavam somente em casa. Eles iam de vez em quando na casa da madrinha de Ana Luiza que morava do outro lado da floresta. Dona Giuvana, a mãe, avisava cada vez que eles saíam:

– Cuidado! Voltem antes de escurecer porque dizem que à noite tem um lobo ali na floresta que ataca as pessoas.

As crianças sempre voltavam enquanto o sol ainda brilhava, mas um dia encontraram alguns amiguinhos lá na casa da madrinha e as brincadeiras se prolongaram. Quando Ana Luiza percebeu, já estava anoitecendo e ela falou para a madrinha:

– Tenho medo de ir com meus irmãos porque o lobo pode nos atacar.

A madrinha respondeu:

– Vão, e se virem algum perigo, voltem que eu dou um jeito.

As crianças foram e realmente, de longe avistaram dois grandes olhos que reluziam no escuro. Era o lobo! Voltaram o mais depressa que podiam levando o pequeno Arthur pela mão e contaram para a madrinha o que tinham visto.

Elas não sabiam, mas a madrinha tinha poderes de fada. Pediu que Ana Luiza e Beatriz fossem lá no quintal e colhessem o maior catuto que encontrassem. Elas trouxeram. Então, batendo no catuto com uma varinha que tirou de dentro de uma gaveta, Dona Giuvana fez com que ele ficasse bem grande. Bateu novamente e abriu-se uma portinhola. Disse então para os três:

– Entrem aí dentro e vão dizendo sem parar: “Rola catuto, rola catuto...”

Assim fizeram e o catuto saiu rolando, rolando e se foi embora. Ao chegarem à floresta o lobo que estava espiando viu aquela enorme bola rolando e ouviu o barulhão das vozes das crianças que de fora ficava assim: Bão-ba-la-lão! Bão-ba-la-lão!

Não sabendo que bicho era aquele ficou com medo e saiu em disparada!

Ana Luíza, Beatriz e Arthur chegaram em casa sãos e salvos. Contaram para os pais o que tinha acontecido e juntos, abraçados, festejaram o livramento que tiveram por parte da madrinha.

– O melhor de tudo – dizia tia Etelvina encerrando a história–nunca mais nenhum lobo teve a coragem de enfrentar aquele bicho redondo que rolava roncando:

– Bão-ba-la-lão! Bão-ba-la-lão!

UM SAPO HERÓI

A turma da professora Ivete estava alvoroçada naquela manhã de segunda-feira. O que será que estava acontecendo? Ninguém sabe? Eu sei e vou contar.

Quando chegaram na sala de aula as crianças leram o seguinte aviso no quadro de giz:

Tema da Semana: Heróis entre nós!

Em cada cabecinha surgiu um ponto de interrogação. Que heróis conseguiriam encontrar? Será que encontrariam heróis?

– Lembrem-se, disse a jovem professora, herói é herói em todos os sentidos e modos e em primeiro lugar no coração e na alma. É nobre o herói que luta por sua pátria, mais nobre ainda quem luta pela humanidade.

O trabalho seria em equipe e a apresentação na sexta-feira. Durante a semana houve muitos encontros, muita pesquisa, muito trabalho. Na sexta-feira a apresentação foi especial. Surgiram heróis de vários tamanhos. Uma das equipes

surpreendeu trazendo uma história bem diferente: “Um sapo herói”.

Os colegas arregalaram os olhos.

– Sapo herói? Falaram em coro.

– Por que não? Falou a professora. Vamos ouvir?

Eles então começaram:

Era uma vez um sapinho bem pequenino chamado Petico que morava com sua família em Sapolândia. Sapolândia era uma lagoa importante governada por um rei, Dom Sapão. Todos os sapos o respeitavam e admiravam sua competência na administração da lagoa. Ele era também muito amigo, procurando sempre o bem-estar dos seus súditos.

Viviam em paz até que da noite para o dia começaram a desaparecer alguns moradores, sem que ninguém soubesse como.

O rei prometeu uma recompensa a quem desvendasse o mistério.

O sapinho Petico propôs-se a investigar, não tanto pelo prêmio, mas porque sentira na pele o problema. Seu melhor amigo havia desaparecido. Sem dizer nada a ninguém começou a montar guarda durante a noite até que descobriu uma enorme cobra que sorratamente se aproximou da lagoa e abocanhou um sapinho que dormia sossegado.

Petico sentiu o coração apertado. Foi para casa, mas não conseguiu dormir. Teve então uma ideia que pôs em prática na manhã seguinte. Pegou vários cogumelos que nasciam na beira da lagoa e com eles, colando os pedaços, fez a forma de um sapo. Encharcou-o com veneno e assim que anoiteceu colocou-o no caminho onde a cobra passaria.

Escondeu-se por perto e, para chamar a atenção da malvada, ficou coaxando.

A cobra não contou tempo. Vinha com fome e bem ligeiro engoliu de um só bocado o gordo sapo de cogumelos. Minutos depois estrebuchava no capim.

O sapinho chamou os moradores da lagoa contando sua façanha e, na claridade da lua cheia que surgiu no céu todos viram a grande cobra morta.

Ficaram admirados com a coragem de Petico. O rei premiou Petico numa grande festa que ofereceu, na qual o pequeno sapo foi abraçado e aclamado como herói.

As crianças todas da classe da professora Ivete aplaudiram a apresentação da equipe porque o que elas mais gostam mesmo é de uma boa história!

O PALÁCIO QUE A MÚSICA RESGATOU

Quando eu era criança ouvia com muita atenção as histórias que meu pai contava. Esta que vou recontar sempre achei muito interessante:

“Há muitos, muitos anos existiu numa terra distante um rei rico e poderoso. Uma coisa porém chamava a atenção. Ele não possuía um palácio. Vivia numa casa simples, menor que a dos príncipes e nobres que ali moravam. O pai desse rei, no entanto, havia morado num riquíssimo e grande palácio, tão belo que pessoas vinham de longe para admirá-lo.

Certo dia, na infância do rei atual o palácio foi engolido por um terremoto, quando a família real estava fora da cidade.

O rei, entristecido, durou poucos anos e o jovem príncipe não quis construir outro palácio, pois conforme uma lenda registrada nos mais velhos livros do reino o belo palácio havia surgido da terra no espaço de um só dia, ao som de uma música extraordinariamente bela.

Assim, o povo daquele reino esperava que algum dia a história se repetisse e diziam que aquilo que já foi feito uma vez, pode ser feito novamente. Todos esperavam que algum músico compusesse uma melodia capaz de fazer surgir um novo palácio no lugar do antigo.

Naquele tempo não havia orquestras. Os músicos tocavam sozinhos e cada um tentava criar a melodia que o levasse à glória de ver surgir o palácio. Tocavam liras, flautas e harpas. Não havia outros instrumentos.

Naquela época, vivia na cidade um moço de nome Abner, músico desde menino que tocava lira e compunha lindas melodias. Um dia teve a ideia de convidar seu amigo Gerson para tocar com ele nas ruínas do palácio. Lá, Abner começou a tocar uma musica que compusera e Gerson disse: “Deixe-me ver se também consigo tocá-la” e, coisa curiosa! Gerson não tocava as mesmas notas que Abner mas sim, outras mais graves na escala e em lugar de produzir sons discordantes soavam com tamanha doçura que ambos se surpreenderam.

Pensaram que, se mais músicos tocassem juntos, o efeito seria melhor e quem sabe realizariam o milagre! Foram falar com o músico maior do reino, mas ele disse: “Não! Eu quero sozinho encontrar uma música para erguer o palácio. Quero a glória só para mim”. Outros músicos convidados responderam a mesma coisa.

Os dois não desistiram e foram tocar novamente no lugar onde existira o palácio. Lá chegando encontraram um estrangeiro que estava triste, pois tinha vindo de muito longe e tendo tocado uma linda melodia, nada conseguira.

“Junte-se a nós”, disseram Abner e Gerson. Sua lira é maior, deve ter som mais potente.

Ele aceitou e quando iam começar a tocar viram chegar todos os músicos do reino com suas harpas, flautas e liras. A um convite de Abner todos os músicos se uniram e começaram

a tocar, enchendo o ar com o som de uma música belíssima que ecoou por todo o reino.

O povo que acorrera para ouvir, começou a gritar: “O Palácio! O Palácio!”

Todos admiraram com imensa alegria, o majestoso palácio que se elevava da terra, alto, cada vez mais alto, até que se ergueu de todo ao sol radiante da manhã.

O rei emocionado disse com gratidão: ”Este palácio foi a música que resgatou!”

UM ENCONTRO FANTÁSTICO

Rodrigo garantiu para a turma de amigos que tinha encontrado a Emília e tinha ido com ela ao Sítio do Picapau Amarelo. Geovana olhou pra ele com cara de quem não estava acreditando mas não falou nada.

– Isto é impossível, falou Edinho. Não pense que algum de nós vai acreditar. A Emília é invenção de um escritor. Como iria aparecer pra você?

– Eu no começo custei a crer, mas ela vendo a minha desconfiança, disse:

– Não pense que sou um fantasma. Pode beliscar o meu braço. Nem sou mais de pano recheado com macela como a tia Nastácia me fez. Sou gente. E deixando conversa de lado, vamos, que o sítio é longe, longe, longe. Mas não se assuste que eu tenho aqui um pouquinho do pó de pirlimpimpim. Dá bem pra nós dois.

– No mesmo instante chegamos na porteira do sítio. Sabem quem estava lá? Dona Benta, Tia Nastácia, Narizinho, Pedrinho e o Visconde de Sabugosa. Comendo uma grande abóbora lá no quintal estava o Rabicó e mais adiante, num gramado bem verde estava a vaca mocha. Fui apresentado a todos. Deram-me as boas vindas com muita simpatia. Dona

Benta foi logo convidando para entrar. Pediu que tia Nastácia fizesse seus famosos bolinhos e servisse o café. Realmente, não existe coisa mais gostosa! Comi tantos que perdi a conta.

– Nem me fale nos bolinhos de tia Nastácia, disse Rafaela com água na boca.

– Bem, continuou Rodrigo, assim que terminamos o café, Emília levou-me junto com Narizinho, Pedrinho e o Visconde para debaixo da jabuticabeira. Sentamos para conversar. As jabuticabas estavam verdes, mas a conversa foi longe. Quem mais falou foi a Emília.

Contou como aprendeu a falar tomando as pílulas do doutor Caramujo. Descreveu com detalhes o casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado, do Reino das Águas Claras. Contou da viagem ao céu, da reforma da natureza e da chave do tamanho. Narizinho contou que já receberam lá no sítio a visita da Cinderela, da Branca de Neve, do Pequeno Polegar, do Chapeuzinho Vermelho e de uma infinidade de personagens das histórias da Carochinha.

Quando começou a escurecer entramos para jantar e depois escutamos uma história contada por dona Benta. Passei vários dias no sítio e cada noite um deles contava uma história. Numa manhã fui pescar com Pedrinho e ele me apresentou tio Barnabé, vizinho deles. Também conheci o Saci. Só não fui conhecer a Cuca porque fiquei com medo!

Diante de tantos detalhes, os amigos de Rodrigo, que tinham lido os livros de Monteiro Lobato, acreditaram nele. E como não iriam acreditar, se ele tinha consigo a célebre canastrinha de couro da Emília?

– Como você conseguiu a canastra, Rodrigo? perguntou Guilherme.

– Ah! É que Emília é tão danada que, quando viu minha mala de rodinhas já propôs a troca dizendo:

– Que malinha mais prática esta sua. Por favor, troque comigo porque o Visconde não dá mais conta de carregar minha canastra e esta beleza eu mesma carrego.

Dentro da canastra, aberta por Rodrigo, os amigos viram vários presentes que ganhou lá no sítio. Tinha até a receita dos bolinhos de tia Nastácia, mandada para sua mãe e um exemplar do livro Memórias da Emília, com dedicatória!

A turma crivou Rodrigo de perguntas e ele foi respondendo, mas depois de certo tempo, já meio cansado falou:

– Olhem, pra saber mesmo tim-tim por tim-tim sobre os moradores do Sítio do Picapau Amarelo é só ler os livros de Monteiro Lobato. É melhor até do que encontrar a Emília!

O CHAPÉU MÁGICO

Na fazenda do coronel Felisberto tinha, além de seus cinco filhos, uma porção de outras crianças, filhas dos empregados que moravam ao redor. Durante o dia, depois das aulas na escola que ficava na própria fazenda, a criançada se reunia para as mais diversas brincadeiras. Dava gosto ver aquela turma animada pulando, correndo, jogando e cantando.

Uma das brincadeiras de roda de que as crianças mais gostavam era: "Seu rato está em casa?" Agora, o que as deixava quietas e atentas eram as histórias contadas pelo Tio Felício, um antigo empregado da fazenda, já bem velho e que todas as noites vinha contar uma história.

Certa noite ele demorou um pouco a chegar por causa da chuva que caía e do forte vento. As crianças que esperavam quietas começaram a notar o barulho que o vento fazia: fu-u, fu-u! Ouviam também o plic-ploc da chuva, o pio da coruja, o coaxar dos sapos, o cri-cri dos grilos, até que escutaram com

alegria o plac-plac dos tamancos do Tio Felício e o toc-toc da batida na porta.

Tio Felício começava dizendo:—Aprontem os ouvidos! E lá vinha a história!

Era uma vez um homem que tinha um chapéu mágico. Este chapéu, diferente dos outros, tinha três pontas e, aonde o homem quisesse ir o chapéu levava, o que o homem quisesse saber o chapéu informava.

Uma linda tarde de sol ele estava caminhando com seu chapéu quando um forte vento arrancou o chapéu de sua cabeça. Ele ficou desesperado, mas por mais que chamasse e gritasse, o chapéu não voltou. Desanimado, sentou-se na beira da estrada. Não demorou muito e um moço vinha passando. Ele perguntou:

– Moço, você viu o meu chapéu?

O moço respondeu: Como é o seu chapéu?

– Ah! O meu chapéu é mágico e tem três pontas.

– Não, eu não vi o seu chapéu.

O homem não desistiu e pensou: Há de passar alguém aqui que viu o meu chapéu!

Não demorou muito, aproximou-se uma velhinha e ele, cheio de esperança perguntou:

– A senhora viu o meu chapéu?

– Como é o seu chapéu?

– Ah! O meu chapéu é mágico e tem três pontas!

– Não, meu senhor, eu não vi, mas sou amiga da fada

Busca-Busca que pode lhe ajudar.

Tirando um apito do bolso, soprou suavemente e para espanto do homem o som do apito era: dim-dim-dom! Imediatamente apareceu uma linda moça a quem eles contaram o desaparecimento do chapéu.

– O seu chapéu, disse a fada Busca-Busca, está longe daqui, na gruta do bruxo Rupião. Eu vou buscá-lo, mas o senhor terá que imitar a voz de um passarinho.

O homem bem depressa cantou: – *Bem-te-vi! Bem-te-vi!*

Como num relâmpago a fada desapareceu e logo a seguir apareceu mais linda ainda, com o chapéu de três pontas na cabeça e graciosamente o colocou na cabeça do seu dono.

O homem agradeceu e voltou para casa feliz da vida!

Tio Felício arrematou:–Esta história que contei, eu mesmo inventei.

As crianças bateram palmas de alegria e uma delas disse: Eu sei uma música que fala num chapéu de três pontas e vou ensinar para vocês:

“O meu chapéu tem três pontas

Tem três pontas o meu chapéu.

Se não tivesse três pontas

Não seria o meu chapéu!”

Todos cantaram e os olhinhos brilharam de satisfação quando vovó Ledinha chegou com uma peneira de pipoca. Então, o único som que se ouvia era: trec...trec...

O DINOSSAURO DO CAPOEIRÃO

Bruno olhou pela janela e viu uma cauda comprida de um animal que ele não conhecia e foi atrás para descobrir o que era. Entrou no mato, mas como ficou com medo voltou e chamou seu primo para acompanhá-lo.

– Venha comigo, Augusto. Vi um bicho entrar no capoeirão e pelo tamanho da cauda deve ser bem grande. Só vi a cauda e era bem comprida.

Augusto era curioso e também corajoso. Acompanhou o primo e os dois se embrenharam no capoeirão. Não precisaram andar muito para descobrir um animal enorme, com quatro patas, cauda comprida, que com um longo pescoço e uma boca bem grande comia as folhas de uma árvore.

– Não pode ser, falou Augusto, aquilo ali é um dinossauro! Tenho certeza. Pelo menos é igualzinho à figura que tenho num livro.

– Como pode ser, disse Bruno, os dinossauros desapareceram da terra há milhões de anos. Já li bastante sobre eles.

– Ainda bem, comentou Augusto. Já pensou termos que conviver com eles? Na certa nos devorariam.

– É, mas este aí é um herbívoro, pois está comendo folhas. Os herbívoros são calmos. Perigosos eram os carnívoros. Li que o mais feroz de todos era o Tiranossauro que media mais ou menos quatorze metros de comprimento e tinha de cinco a seis metros de altura. Eles devoravam os herbívoros.

– Eu sei, complementou Augusto que a palavra dinossauro significa “lagarto terrível” tendo origem no idioma grego. O nome foi dado pelo professor inglês Richard Owen em 1842, porque achava os dinossauros parecidos com os lagartos.

Os meninos ficaram um bom tempo observando o animal alimentar-se e comentando tudo o que sabiam sobre eles: que nasciam de ovos, que existiram mais de mil espécies deles, que o pescoço era tão comprido que parecia uma cobra, etc.

Mas, quando eles menos esperavam o dinossauro parou de comer as folhas e veio para o lado deles. Saíram os dois na maior corrida e o bicho atrás deles. Bruno começou a gritar porque Augusto tropeçou e caiu. Nisto sentiu alguém sacudindo seu ombro. Era sua mãe que ao ouvir os gritos foi até o quarto ver o que estava acontecendo e ouviu o filho dizer, esfregando os olhos:

– Mamãe, era um dinossauro enorme e pescoçudo. Estava lá no capoeirão e veio atrás de mim e do Augusto.

– Filho, você estava sonhando! São três horas da madrugada!

Depois de bem acordado, Bruno riu tranquilo e aconchegado no colo de sua mãe, falou antes de dormir novamente:

– Amanhã vou contar tudo para o Augusto e para meus colegas na escola.

